



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA
PROF-FILO**

WAGNER CHARLES SOARES DE BARROS

A PSICANÁLISE COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA NO ENSINO DE FILOSOFIA

Palmas, TO

2023

Wagner Charles Soares de Barros

A psicanálise como Ferramenta Pedagógica no Ensino De Filosofia.

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Filosofia – PROF-FILO, como parte integrante do processo de obtenção do título de Mestre em Filosofia e submetida em sua forma final pelo orientador e pela Banca Examinadora.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Antônio Penedo do Amaral

Palmas,
TO 2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

B277p Barros, Wagner Charles Soares de.
 A Psicanálise como Ferramenta Pedagógica no Ensino De Filosofia. /
 Wagner Charles Soares de Barros. – Palmas, TO, 2024.
 108 f.

 Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade Federal do Tocantins
 – Câmpus Universitário de Palmas - Curso de Pós-Graduação (Mestrado)
 Profissional em Filosofia, 2024.

 Orientador: Roberto Antônio Penedo do Amaral

 1. Psicanálise. 2. Filosofia. 3. Formação docente. 4. Educação básica. I.
 Título

CDD 100

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

WAGNER CHARLES SOARES DE BARROS

A PSICANÁLISE COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA NO ENSINO DE FILOSOFIA

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Filosofia – PROF-FILO, como parte integrante do processo de obtenção do título de Mestre em Filosofia e submetida em sua forma final pelo orientador e pela Banca Examinadora.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Antônio Penedo do Amaral

Data de aprovação: _____/_____/_____

Banca Examinadora:

-

Prof. Dr. Roberto Antônio Penedo do Amaral – UFT
(Orientador)

Prof. Dr. Leandro BeckFreiberg – PROF-FILO/UFT (Membro
interno)

-

Prof. Dra. Giovana Carmo Temple – PROF-FILO/UFRB
(Membroexterno)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente ao meu orientador, Dr. Roberto Antônio Penedo do Amaral, por ter me acolhido com tanto zelo, pela sua orientação perspicaz, apoio incansável e valiosas contribuições ao longo deste trabalho. Sua expertise e dedicação foram fundamentais para o desenvolvimento desta dissertação. Como disse Sócrates, “Educar a mente sem educar o coração não é educação”, e sua orientação não apenas ampliou meus horizontes acadêmicos, mas também fortaleceu minha paixão pelo ensino e pela pesquisa.

Agradeço também aos membros da banca examinadora, Profa. Dra. Giovana Carmo Temple e o Prof. Dr. Leandro BeckFreiberg, pela avaliação cuidadosa e pelos insights enriquecedores que proporcionaram durante o exame de qualificação desta dissertação. Como afirma Freud, “O pensamento não pode ser totalmente isolado da afetividade”, e a contribuição desses profissionais enriqueceu não apenas meu trabalho, mas também minha compreensão da complexidade da mente humana.

Expresso minha gratidão aos professores e pesquisadores que generosamente compartilharam seus conhecimentos e experiências, contribuindo para o aprofundamento do tema abordado nesta pesquisa. Em suas palavras, Jacques Lacan nos lembra que “O inconsciente é estruturado como uma linguagem”, e as discussões e reflexões proporcionadas por esses acadêmicos foram cruciais para a minha compreensão da intersecção entre Psicanálise e Filosofia.

Agradeço aos colegas de curso e aos amigos que estiveram ao meu lado durante esta jornada acadêmica, pelo apoio mútuo, troca de ideias e momentos de descontração que tornaram essa experiência ainda mais enriquecedora. Como diz o filósofo Friedrich Nietzsche, “Na amizade e no amor, não nos cansamos de perdoar”, e sua amizade foi um constante apoio ao longo desse caminho.

Agradeço imensamente à Universidade Federal do Tocantins e ao programa PROF-FILO pela rica oportunidade de realizar este estudo. Viva à universidade pública que abre suas portas para o desenvolvimento acadêmico e profissional, promovendo a democratização do conhecimento e o acesso à educação de qualidade. Sou grato por ter tido um ambiente de aprendizagem inspirador e pelo apoio constante oferecido ao longo deste percurso acadêmico. Que a universidade pública continue sendo um pilar fundamental na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Por fim, dedico este trabalho aos meus alunos, fonte constante de inspiração e motivação. Que as reflexões e aprendizados aqui contidos possam contribuir para uma prática docente mais consciente, sensível e humanizada, visando sempre o desenvolvimento integral de cada estudante. Conforme nos ensina Paulo Freire, “Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo”.

RESUMO

A dissertação “A Psicanálise como Ferramenta Pedagógica no Ensino de Filosofia” explora a intersecção entre psicanálise e educação, particularmente no contexto do ensino de filosofia na educação básica. Através de uma análise detalhada dos conceitos psicanalíticos fundamentais de Sigmund Freud, como inconsciente, desejo e sujeito, o trabalho investiga como esses conceitos podem enriquecer a formação docente e a prática pedagógica. A dissertação propõe que a integração da psicanálise no ensino de filosofia pode promover um ambiente de aprendizagem mais empático, reflexivo e eficaz, contribuindo para o desenvolvimento integral dos alunos. Além disso, são apresentadas estratégias práticas para a aplicação dos princípios psicanalíticos em sala de aula, com o objetivo de tornar o ensino de filosofia mais acessível e relevante para os estudantes. A pesquisa destaca a importância de uma abordagem interdisciplinar, que valorize as dimensões emocionais e psicológicas da aprendizagem, e sugere que a formação dos professores deve incluir uma compreensão aprofundada dos processos psíquicos para facilitar uma educação mais holística e inclusiva.

Palavras-chave: psicanálise, filosofia, educação básica, formação docente, inconsciente, desejo, sujeito.

ABSTRACT

The dissertation "Psychoanalysis as a Pedagogical Tool in Philosophy Teaching" explores the intersection between psychoanalysis and education, particularly within the context of philosophy teaching in basic education. Through a detailed analysis of Sigmund Freud's fundamental psychoanalytic concepts, such as the unconscious, desire, and subject, the work investigates how these concepts can enrich teacher training and pedagogical practice. The dissertation proposes that integrating psychoanalysis into philosophy teaching can promote a more empathetic, reflective, and effective learning environment, contributing to the holistic development of students. Additionally, practical strategies are presented for applying psychoanalytic principles in the classroom, aiming to make philosophy teaching more accessible and relevant to students. The research highlights the importance of an interdisciplinary approach that values the emotional and psychological dimensions of learning and suggests that teacher training should include a deep understanding of psychic processes to facilitate a more holistic and inclusive education.

Keywords: psychoanalysis, philosophy, basic education, teacher training, unconscious, desire, subject.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 CAPÍTULO I – PSICANÁLISE E FILOSOFIA	13
2.1 Um diálogo sobre Freud e a Filosofia	13
2.1.1 Um diálogo frente aos conceitos psicanalíticos de sujeito, desejo e inconsciente	17
2.1.2 Psicanálise e filosofia: um diálogo possível?	21
2.1.3 A teoria do inconsciente e o discurso filosófico	28
2.1.4 A filosofia como o lugar no qual o inconsciente alcança sentido	34
2.2 A psicanálise e o ensino de filosofia na educação básica	38
2.2.1 A relação entre psicanálise e educação	40
2.2.2 A Relação Sujeito, Desejo e Inconsciente no processo de ensino e aprendizagem de filosofia para adolescentes e jovens	43
2.2.3 Como os conceitos psicanalíticos de Sujeito, Desejo e Inconsciente podem contribuir na formação docente para o ensino de filosofia na educação básica?	46
2.3 Intervenção prática: proposta de abordagens psicanalíticas em sala por parte de docentes no ensino de filosofia na educação básica	51
2.3.1 Estratégias Práticas para Implementação	53
2.3.2 Incorporação de Abordagens Psicanalíticas em Sala de Aula	55
2.4 O produto educacional no contexto do mestrado profissional	61
2.4.1 Formação Pedagógica: a psicanálise como ferramenta pedagógica no ensino de filosofia	62
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	64
4 APLICAÇÃO E RESULTADOS DO PRODUTO EDUCACIONAL	65
4.1 Descrição das perguntas e respostas	66
4.2 Discussão teórica das perguntas à luz da Psicanálise Freudiana e Lacaniana	72
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
REFERÊNCIAS	86
ANEXOS	93

1 INTRODUÇÃO

A presença da psicanálise no campo educacional tem sido objeto de crescente interesse e debate nos últimos anos, especialmente no que diz respeito à formação docente e ao ensino de disciplinas humanísticas como a Filosofia na Educação Básica. A intersecção entre psicanálise e educação abre espaço para reflexões profundas sobre o desenvolvimento humano, os processos de aprendizagem e as dinâmicas interpessoais no ambiente escolar.

O ensino de Filosofia na Educação Básica enfrenta desafios únicos, pois lida não apenas com a transmissão de conhecimento, mas também com a formação crítica e reflexiva dos alunos. Nesse contexto, a presente dissertação se propõe a investigar as contribuições específicas da psicanálise, como uma ferramenta que auxilia o docente em sua prática e manejo dos discentes e, conseqüentemente, os seus efeitos para o ensino de Filosofia. Este estudo busca preencher lacunas existentes na literatura ao explorar como conceitos e métodos psicanalíticos podem ser integrados ao processo pedagógico para enriquecer a experiência educacional dos educandos.

A abordagem aqui apresentada parte da premissa de que a educação vai além da simples transmissão de conhecimento, envolvendo também a formação integral do indivíduo, considerando seus aspectos emocionais, sociais e subjetivos. A psicanálise, como área de saber que se debruça sobre os processos inconscientes e os mecanismos de subjetivação, oferece um arcabouço teórico e prático relevante para compreender os desafios enfrentados pelos professores no contexto educacional contemporâneo.

Ao longo das últimas décadas, tem-se observado uma crescente demanda por abordagens pedagógicas que considerem não apenas o aspecto cognitivo, mas também as dimensões emocionais, sociais e subjetivas dos alunos. Essa necessidade é ainda mais premente no ensino de Filosofia, uma disciplina que, por sua própria natureza, incentiva a reflexão crítica sobre questões existenciais, éticas e sociais. A psicanálise, com seu foco nos processos inconscientes, oferece uma perspectiva única para abordar essas questões de maneira profunda e significativa.

Nesta dissertação, serão explorados os principais conceitos psicanalíticos aplicáveis à prática pedagógica, bem como as possíveis implicações dessas contribuições no ensino de Filosofia. Partindo da premissa de que a prática docente não se restringe apenas à transmissão de conhecimentos específicos, mas também envolve a construção de relações significativas com os alunos e a compreensão de suas subjetividades, busca-se investigar de que forma a

psicanálise pode enriquecer e ser uma ferramenta que auxilia o professor, especialmente no contexto do ensino de filosóficas.

Por meio de uma análise crítica da literatura existente, além de encontros com professores nos quais foram apresentados os principais conceitos da psicanálise, como inconsciente, desejo e sujeito, foram elucidados os benefícios e desafios da integração da psicanálise na formação docente para o ensino de Filosofia na Educação Básica. Espera-se que esta pesquisa contribua para ampliar o repertório teórico e prático dos profissionais da educação, fornecendo subsídios para uma prática pedagógica mais reflexiva, sensível e eficaz.

A fundamentação teórica a ser utilizada com base nesse texto é a teoria psicanalítica, especialmente aquela desenvolvida por Sigmund Freud. A psicanálise oferece uma compreensão profunda da psique, destacando conceitos-chave como sujeito, desejo e inconsciente. Esses conceitos estão interligados e formam a base para a compreensão do sujeito, sua dinâmica interna e seu comportamento.

Portanto, a teoria psicanalítica oferece uma abordagem única para entender a mente humana, destacando a importância do inconsciente, dos desejos e da complexidade do sujeito. Esses conceitos são fundamentais para a compreensão da natureza humana e são explorados por diversos fenômenos como sonhos, lapsos e chistes, revelando-se na interação dinâmica entre o consciente e o inconsciente.

Na perspectiva da psicanálise, as performances artísticas desempenham um papel crucial na pesquisa ao fornecer percepções sobre a dinâmica dos desejos, fantasias e conflitos inconscientes que permeiam a sociedade e influenciam o comportamento humano. Ao analisar tais fenômenos culturais como obras de teatro, filmes, músicas e rituais, os pesquisadores podem compreender as dinâmicas inconscientes. Essas manifestações culturais refletem as questões mais profundas da psique humana, oferecendo uma rica fonte de material para a investigação psicanalítica.

Por exemplo, uma peça teatral pode explorar os conflitos edipianos subjacentes aos relacionamentos familiares, enquanto um filme pode retratar simbolicamente os desejos reprimidos de um personagem principal. No contexto da formação docente, a compreensão dos conceitos psicanalíticos e a análise das performances artísticas podem enriquecer significativamente a prática pedagógica. Os educadores podem utilizar essas ferramentas para desenvolver uma compreensão mais profunda dos educandos e de seus processos de aprendizagem.

Além disso, as performances artísticas podem servir como ponto de partida para discussões sobre questões sociais e emocionais relevantes para os alunos. Por exemplo, ao

assistir a um filme que retrata questões de identidade e pertencimento, os alunos podem ser incentivados a refletir sobre suas próprias experiências e a discutir como essas questões se relacionam com os conceitos psicanalíticos de desejo e inconsciente.

Dessa forma, a integração dos conceitos psicanalíticos e da análise das performances artísticas na formação docente pode proporcionar uma abordagem mais holística e empática ao ensino. Os professores podem se tornar mais sensíveis às necessidades emocionais e psicológicas dos alunos, criando um ambiente de aprendizagem mais acolhedor e inclusivo. Ao incorporar essas abordagens em sua prática pedagógica, os educadores podem contribuir para o desenvolvimento integral dos educandos, preparando-os não apenas para o sucesso acadêmico, mas também para uma vida plena e significativa.

As performances artísticas atuam como um espelho das questões psicológicas e sociais subjacentes, muitas vezes expressando simbolicamente temas como desejo, repressão, identidade e poder. Ao estudar essas performances, os pesquisadores podem desvendar as narrativas latentes, os conflitos emocionais e os mecanismos de defesa que operam tanto ao nível individual quanto social.

Além disso, as performances artísticas oferecem uma plataforma para a expressão e negociação de questões sociais e psicológicas, permitindo que os sujeitos e grupos processem experiências traumáticas, desejos e conflitos interpessoais de uma maneira simbólica e coletiva.

Ao integrar performances artísticas como metodologia e epistemologia em pesquisas psicanalíticas, os pesquisadores podem enriquecer sua compreensão da psique humana e da dinâmica social, revelando as complexidades dos processos inconscientes que moldam a experiência humana. Essa abordagem amplia o escopo da pesquisa psicanalítica, permitindo uma análise mais abrangente e contextualizada do comportamento humano e das estruturas sociais.

2 CAPÍTULO I – PSICANÁLISE E FILOSOFIA

2.1 Um diálogo sobre Freud e a Filosofia

Para emprendermos uma discussão acerca da interseção entre psicanálise e filosofia, é imprescindível reconhecer que Freud transcendeu os limites do mero psicanalista, erguendo-se também como um pensador de estirpe filosófica. Apesar de sua notoriedade ter-se solidificado nos domínios da Psicanálise, Freud também laborou e destacou-se como um filósofo, e é essencial compreender como tal assertiva se consubstancia através de uma análise das percepções de notáveis filósofos em relação à sua teoria.

Gilles Deleuze e Félix Guattari, em *Anti-Édipo*, elaboram uma crítica radical das estruturas sociais e individuais, utilizando os conceitos freudianos como base para sua análise. Para eles, Freud oferece uma visão única sobre as dinâmicas do desejo e da subjetividade, revelando como as forças pulsionais influenciam nossos comportamentos e relações sociais (Deleuze; Guattari, 1976).

Além disso, Jacques Derrida, em suas reflexões sobre a desconstrução e a linguagem, reconhece a importância das contribuições de Freud para uma compreensão mais profunda da psique humana. Em suas obras, Derrida destaca como os conceitos freudianos de inconsciente e pulsão desafiam as noções tradicionais de identidade e verdade, abrindo espaço para uma análise mais complexa das estruturas sociais e discursivas (Derrida, 2002).

Jean-Paul Sartre, em *O Ser e o Nada*, dialoga com as ideias de Freud ao discutir a natureza da consciência e da liberdade. Ele argumenta que as descobertas de Freud sobre o inconsciente questionam a noção de uma identidade essencial e transparente, destacando a complexidade do ser humano e sua capacidade de escolha diante das influências sociais e psíquicas (Sartre, 1987).

Além disso, Michel Foucault, em suas investigações sobre o poder e o saber, reconhece a importância das contribuições de Freud para uma análise crítica das instituições sociais. Em obras como *Vigiar e Punir e História da Sexualidade*, Foucault utiliza os conceitos freudianos de repressão e desejo para examinar como as normas sociais e o controle disciplinar moldam nossos corpos e identidades (Foucault, 2014).

Judith Butler, em suas reflexões sobre a performatividade de gênero e a teoria queer, utiliza os insights de Freud para desafiar as noções binárias de masculinidade e feminilidade. Ela argumenta que os conceitos freudianos de identificação e complexo de Édipo oferecem uma

lente crítica para analisar como as normas de gênero são internalizadas e reproduzidas no nível individual e social (Butler, 2019).

Emmanuel Levinas, em suas reflexões sobre a ética e a alteridade, reconhece a importância das ideias de Freud para uma compreensão mais profunda da intersubjetividade. Em suas obras, Levinas destaca como os conceitos freudianos de narcisismo e pulsão de morte evidenciam a vulnerabilidade e a fragilidade do eu diante do outro, promovendo uma ética do cuidado e da responsabilidade para com o diferente (Levinas, 2010).

Hannah Arendt, em suas análises sobre a política e a condição humana, dialoga com as contribuições de Freud para uma compreensão mais profunda dos fenômenos do poder e da autoridade. Em obras como *A Condição Humana e Origens do Totalitarismo*, Arendt utiliza os conceitos freudianos de superego e ideal de ego para examinar como os regimes políticos totalitários exploram os medos e as ansiedades individuais para manter o controle sobre a população (Arendt, 2004).

Roland Barthes, em suas reflexões sobre a linguagem e a semiótica, reconhece a importância das ideias de Freud para uma análise mais profunda dos processos de significação e representação. Em obras como *O Grau Zero da Escrita e O Prazer do Texto*, Barthes utiliza os conceitos freudianos de sonho e associação livre para explorar as camadas inconscientes do discurso e da escrita (Barthes, 2004).

Cornelius Castoriadis, em suas reflexões sobre a imaginação e a criação social, dialoga com as contribuições de Freud para uma compreensão mais ampla da psique humana. Em obras como *A Instituição Imaginária da Sociedade*, Castoriadis utiliza os conceitos freudianos de fantasia e recalque para examinar como a imaginação criativa molda as instituições sociais e políticas, promovendo novas formas de autogoverno e transformação social (Castoriadis, 1982).

Zeljko Loparic, filósofo e estudioso da obra de Freud, ressalta a importância transcendental do psicanalista, indo além de sua função como analista para explorar territórios filosóficos profundos. Freud não foi apenas um psicanalista, ele foi um pensador cujas ideias ecoam nas profundezas da filosofia (Loparic, 2007).

Essa visão amplia o entendimento de Freudiano, destacando sua relevância não apenas no âmbito da psicanálise, mas também como um pensador que influenciou questões fundamentais sobre a natureza humana e a existência.

Explorar as profundezas da mente humana levou Freud a levantar questões existenciais fundamentais sobre a liberdade, a determinação e a natureza da identidade. Freud nos leva a questionar se realmente temos livre-arbítrio ou somos apenas marionetes dos desejos inconscientes (Loparic, 2007).

Essa reflexão amplia o debate sobre a natureza da autonomia humana, desafiando concepções tradicionais sobre a capacidade de escolha e a influência dos impulsos inconscientes em nossas ações. Também é preciso destaca a influência de filósofos como Schopenhauer e Nietzsche sobre o pensamento de Freud, evidenciando a conexão entre a psicanálise e a tradição filosófica. Loparic argumenta que as ideias de Freud são profundamente enraizadas na tradição filosófica, especialmente nas visões pessimistas de Schopenhauer e Nietzsche (Loparic, 2013).

Essa relação destaca a interdisciplinaridade do pensamento freudiano, que incorpora conceitos e perspectivas filosóficas em sua teoria psicanalítica. Em suma, segundo a análise de Loparic, Freud pode ser entendido não apenas como um pioneiro da psicologia, mas também como um filósofo que ofereceu insights profundos sobre a condição humana e a natureza da realidade. Como ele conclui: “Freud nos convida a explorar os recônditos de nossa própria mente, revelando-nos os mistérios e as contradições que residem dentro de nós” (Loparic, Freud e a Filosofia, 2018, p. 172).

Essa abordagem amplia o legado de Freud, destacando sua relevância contínua para o pensamento contemporâneo sobre a mente e o comportamento humanos. Os filósofos que influenciaram Freud desempenharam um papel crucial na formação de suas ideias e na elaboração da teoria freudiana. Entre esses influenciadores, destaca-se Immanuel Kant, cuja obra teve um impacto significativo no pensamento de Freud.

Kant desenvolveu uma teoria da mente que enfatizava a importância das estruturas cognitivas inatas na percepção e na compreensão do mundo. Sua distinção entre fenômeno e nômeno influenciou a concepção de Freud sobre a mente, especialmente no que diz respeito à natureza do inconsciente. Como Kant afirmou: “Duas coisas enchem a mente com um assombro e reverência cada vez mais crescentes: o céu estrelado acima de mim e a lei moral dentro de mim” (Kant, 2002, p. 269).

Além de Kant, Arthur Schopenhauer também exerceu uma influência profunda sobre Freud. Schopenhauer desenvolveu uma visão pessimista da existência humana, destacando o papel dos impulsos instintivos e das forças irracionais na determinação do comportamento humano. Sua noção de vontade como a força motriz por trás de todos os desejos e ações ressoou com as ideias de Freud sobre o inconsciente e os impulsos primitivos. Como Schopenhauer

escreveu: “A vontade é a coisa em si mesma, que nunca aparece na consciência, pois toda consciência é apenas um reflexo dela” (Schopenhauer, 2012, p. 99).

Outro filósofo que deixou sua marca no pensamento de Freud foi Friedrich Nietzsche, que desafiou conceitos tradicionais de moralidade e identidade, argumentando que a vontade de poder é o motor subjacente de todas as ações humanas. Sua ênfase na natureza multifacetada e muitas vezes contraditória da psique humana ecoou nas ideias de Freud sobre o conflito psíquico e a complexidade da personalidade. Como Nietzsche afirmou: “Aquilo que não me mata, me fortalece” (Nietzsche, 2008, p. 45).

Ao incorporar elementos das obras de Kant, Schopenhauer e Nietzsche em sua teoria, Freud construiu uma abordagem holística e multifacetada da mente humana. Sua síntese dessas influências filosóficas contribuiu para a compreensão da psique humana e estabeleceu as bases para a psicanálise como uma disciplina interdisciplinar que abrange tanto a psicologia quanto a filosofia. No âmbito da relação entre Freud e a filosofia, emerge um diálogo profundo que transcende as fronteiras disciplinares, oferecendo insights significativos sobre a natureza humana, a dinâmica social e o desenvolvimento civilizacional.

Tanto Herbert Marcuse em sua obra *Eros e Civilização: Uma Interpretação Filosófica do Pensamento de Freud* quanto Zeljko Loparic destacam a importância dessa intersecção para uma compreensão mais profunda da condição humana e das forças que moldam a sociedade. A análise de Marcuse sobre a teoria da civilização de Freud revela como os mecanismos mentais individuais representam uma espécie de microcosmo da história humana. Ele argumenta que a psicanálise lança luz sobre as complexas interações entre o indivíduo e a sociedade, proporcionando uma compreensão mais rica das forças subjacentes aos processos históricos (Marcuse, 1969).

Por outro lado, Loparic destaca a dimensão ontológica presente na teoria freudiana, explorando as implicações mais profundas das ideias de Freud sobre os instintos primários e a natureza humana. Para ele, a teoria de Freud revela as vicissitudes dos instintos como vicissitudes históricas, sendo moldadas e organizadas pelas condições específicas em que a humanidade evoluiu ao longo do tempo (Loparic, 1985).

A relação entre os instintos primários e as manifestações mentais superiores, como interpretada por Loparic, destaca aspectos fundamentais da condição humana e da interação entre o indivíduo e o mundo. Ele argumenta que a teoria da civilização de Freud demonstra como o progresso civilizacional está intrinsecamente ligado ao enfraquecimento do Eros e à

liberação da destrutividade, evidenciando a complexidade das forças que impulsionam o desenvolvimento humano (Loparic, 1998).

Em síntese, tanto Marcuse quanto Loparic concordam que a relação entre Freud e a filosofia transcende os limites de uma simples influência intelectual. Essa relação é um diálogo rico e multifacetado que oferece insights valiosos sobre a natureza humana, a sociedade e o progresso civilizacional. Ao explorar essa interação complexa entre a psicanálise e a filosofia, eles enriquecem nossa compreensão das interações entre indivíduo, sociedade e cultura, lançando luz sobre os mistérios da mente humana e os fundamentos da existência.

2.1.1 Um diálogo frente aos conceitos psicanalíticos de sujeito, desejo e inconsciente

A psicanálise, criada e desenvolvida por Sigmund Freud (1856-1939), é uma abordagem influente no campo psicológico. No entanto, é importante observar que a psicanálise não se enquadra como uma corrente tradicional da psicologia, apresentando diferenças tanto em termos epistemológicos quanto metodológicos. Pode-se afirmar que a psicanálise revolucionou as novas maneiras de se entender o pensamento humano e todas as funcionalidades da psique. Desse modo, os pilares centrais da psicanálise são as noções de sujeito, desejo e inconsciente, conceitos que estão interligados em termos de teoria e da prática psicanalítica (Coelho Junior, 1999).

Pode-se compreender o sujeito psicanalítico como entidade pilar da teoria de Freud. Assim, reflete no sujeito que possui um mundo interno complexo, considerando seus múltiplos aspectos, tais como: conflitos, motivações, desejos, muitas vezes capturados entre o mundo exterior e o interior, promovendo uma dualidade entre sentimentos, dúvidas, medos, emoções que podem estar intrinsecamente ligadas com o inconsciente, a consciência ou com fatos advindos da realidade, do mundo externo, do acaso. Ressalta-se que o sujeito psicanalítico não se limita ao “eu” consciente, todavia, agrega toda a estrutura psíquica que permeia a personalidade, o fenômeno do eu, do supereu e do id, dentre outras vertentes (Freud, 1996).

O desejo também é um conceito primordial a ser estudado no campo da psicanálise. Na perspectiva de Freud, os desejos que partem do inconsciente operam em intensas influências no comportamento do sujeito, podendo advir de natureza sexual ou agressiva. Para tanto, a psicanálise busca explorar e compreender indícios desses desejos que se manifestam de forma sutil, espontânea e, muitas vezes, distorcida na vida cotidiana (Lima, 2010).

Nas palavras de Gomes (2003, p. 118):

Toda a análise do discurso feita pela psicanálise indica que o conteúdo da consciência é sempre marcado pela influência do inconsciente. E é através da investigação do jogo desta influência que o analista e o analisando podem aceder ao inconsciente. Donde a importância de saber o que é o “tornar-se consciente” para compreender o que é “não se tornar consciente” e, sobretudo, “não poder se tornar consciente”.

No que diz respeito ao conceito de inconsciente, é importante considerar os fundamentos de Freud, quando ele considera que parte significativa da mente é inacessível à consciência. À vista disso, nesse domínio amplo, extenso e único do inconsciente, residem e exploram-se lembranças, traumas, opressões, desejos reprimidos e demais memórias que partem do inconsciente e refletem na personalidade e comportamento ao longo da vida (Freud, 1998).

Esses conceitos estão linearmente interligados na estrutura psíquica, na personalidade e na interação dinâmica entre o consciente, inconsciente e a forma com que o sujeito atua no mundo. Por isso, atribui-se que o sujeito psicanalítico é uma entidade complexa, vasta, plural e moldada pela dinâmica entre interações. Uma tríade pode ser apontada como a dinâmica entre eu (consciente e racional), o supereu (a efetivação contínua da moral interna) e o id (fonte de desejos, impulsos e manifestações espontâneas) (Lacan, 1998). Todavia, não se pode deixar de considerar a repressão como forma de supressão de desejos e, ao mesmo tempo, promover o cuidado do zelo para com a angústia. Assim, compreender o fenômeno repressivo humano é importante para refletir frente à articulação entre sujeito, desejo e inconsciente nas interações psicodinâmicas dos sujeitos (Freud, 1997).

Além de ser caracterizado como um sistema com lógica própria e, via de regra, adversa à da consciência, o inconsciente, para Freud, é o que genuinamente constitui a subjetividade, e não apenas um indesejável detalhe da mesma. Nesse caso, o decentramento do eu e da consciência e a quebra da apregoada unidade da subjetividade promovem um novo ordenamento: subjetividade cindida e primordialmente regida pelo inconsciente (Torezan; Aguiar, 2011, p. 531).

Freud também acreditava que os sonhos eram acessos privilegiados ao inconsciente, manifestando desejos ocultos, como possibilidade de interpretação e nivelamento do mundo interno, do inconsciente dos indivíduos. Além disso, os sonhos também manifestam a possibilidade de identificar angústias reprimidas do passado, tais como aspirações futuras que se fazem presentes em anseios do indivíduo (Freud, 2006).

A descrição tradicional de inconsciência como concebida por Freud é de significância histórica e não somente ganhou ampla aceitação, mas também atraiu muito criticismo. Entretanto, hoje se sabe que o modo fundamental de processamento das funções cerebrais é de ordem inconsciente. Partes do processamento simbólico declarativo e

do processamento de funções emocionais do cérebro são permanentemente inconscientes (Lima, 2010, p. 282).

Portanto, a psicanálise considera a sexualidade como um importante ponto a ser analisado na vida do sujeito, como uma força que pode instigar desejos, tal como repercutir conflitos internos. Desse modo, a sexualidade pode ser via de muitos estudos psicanalíticos, visto que está presente na formação da identidade do sujeito, desilusões amorosas, conflitos com pais ou responsáveis, rivalidades.

Outro ponto a destacar e que vai em direção oposta é a preocupação freudiana em apresentar, ao lado das percepções externas, o que ele denomina de percepções endopsíquicas. As relações entre as percepções internas e externas são múltiplas, revelando a complexidade própria das concepções de Freud sobre a constituição e o funcionamento do aparelho psíquico, mas revelam a marca própria de um pensador que reconhece a importância do que ele mesmo chamou de realidade psíquica (Freud, 1997).

O mecanismo das fobias se diferenciaria das obsessões na medida em que a substituição não seria um traço predominante no primeiro tipo de neurose. Assim, Freud explica que a análise psicológica não revela, nos fóbicos, nenhuma representação incompatível substituída, sendo que, nesses indivíduos, não é possível encontrar nada além da angústia (Lacan, 1957).

Assim sendo, o complexo de Édipo¹, problematizado por Freud, é crucial na ilustração de conflitos e desejos. Para Freud, a sexualidade vai além da expressão genital, pois envolve questões psicológicas e emocionais. Por isso, o desejo sexual e o estudo da sexualidade faz-se presente na compreensão do sujeito psicanalítico (Souza, 2006).

Em suma, os conceitos de sujeito, desejo e inconsciente, desempenham importantes análises e reflexões na teoria psicanalítica. Nesse movimento, a psicanálise enquanto ciência da psique, oferece uma visão única dos estudos mentais, visto que, elucida e investiga a compreensão de diversas estruturas que moldam o mundo interno, o comportamento. Assim, estes conceitos são importantes analiticamente, pois contribuem para vastas apreciações, em aspectos qualitativos profundos da natureza humana (Barros, 2007; Santos, 2013).

¹“Conjunto organizado de desejos amorosos e hostis que a criança sente em relação aos pais. Sob a sua forma dita positiva, o complexo apresenta-se como na história de Édipo-Rei: desejo da morte do rival que é a personagem do mesmo sexo e desejo sexual pela personagem do sexo oposto. Sob a sua forma negativa, apresenta-se de modo inverso: amor pelo progenitor do mesmo sexo e ódio ciumento ao progenitor do sexo oposto. Na realidade, essas duas formas encontram-se em graus diversos na chamada forma completa do complexo de Édipo. Segundo Freud, o apogeu do complexo de Édipo é vivido entre os três e os cinco anos, durante a fase fálica; o seu declínio marca a entrada no período de latência. É revivido na puberdade e é superado com maior ou menor êxito num tipo especial de escolha de objeto. O complexo de Édipo desempenha papel fundamental na estruturação da personalidade e na orientação do desejo humano. Para os psicanalistas, ele é o principal eixo de referência da psicopatologia” (Laplanche; Pontalis, 1992, p. 77).

No registro a seguir, utilizou-se os fundamentos de Gerbase (2004), Esposito (1985) e Garcia-Roza para definição de sujeito, desejo e inconsciente, respectivamente.

- Na psicanálise, o sujeito é concebido como aquele intrinsecamente dividido, representando o sujeito do inconsciente. Sua falta de pleno conhecimento se reflete na influência de palavras ausentes e condutas singulares. Definido como um efeito de sentido do significante, o sujeito carece de conteúdo e é impactado pela divisão estrutural. Sua relação com o fadig, cansaço e o mundo é destacada na interação consigo mesmo, não necessariamente com o ambiente.
- O desejo, na perspectiva psicanalítica, é um impulso psíquico persistente que se manifesta no sonho e se concretiza no sintoma. Atemporal no sonho, os desejos são indestrutíveis, sempre prontos a encontrar caminhos de expressão. Segundo Freud, o desejo inconsciente é o motor do sonho, realizando e incorporando aspectos da realidade como o resto diurno. Com uma direção do desprazer ao prazer, o desejo busca reconstituir a primeira satisfação, remetendo a um passado mítico ressignificado continuamente no presente.
- O inconsciente, central na psicanálise, é o ponto focal da descoberta freudiana e representa uma estrutura psíquica distinta da consciência. Diferentemente de concepções anteriores, não é simplesmente o oposto da consciência, mas um sistema com sua própria dinâmica e leis. Manifesta-se em fenômenos lacunares, como lapsos, sonhos e chistes (pensamentos e humor do inconsciente), revelando-se nas lacunas e silêncios da consciência. O inconsciente não é uma substância ou lugar, mas uma forma, uma lei de articulação. Sua compreensão desafia a tendência à substancialização e exige uma abordagem que vá além de uma psicologia da consciência.

Na obra *O Chiste e sua Relação com o Inconsciente* de Freud, publicada em 1905, o autor aborda a complexa interação entre os impulsos sexuais na infância e o processo de formação do sujeito. Segundo Freud, desde o nascimento, o recém-nascido traz consigo germes de impulsos sexuais que, embora presentes desde o início, passam por um desenvolvimento que é marcado por uma progressiva supressão. Esse processo de supressão é muitas vezes interrompido por acessos de desenvolvimento sexual, revelando a natureza oscilante desse curso (Freud, 1996).

De acordo com as reflexões do psicanalista austríaco, no período de latência, as forças instintuais sexuais da infância são desviadas do direcionamento sexual direto, empregando

processos como a sublimação, que refere-se ao processo psíquicos pelo qual impulsos ou instintos primitivos, muitas vezes considerados inaceitáveis pela sociedade ou pelo superego, são canalizados e transformados em atividades socialmente aceitáveis e culturalmente produtivas (Zimerman,2013).

A sublimação é um processo psicológico complexo que descreve a transformação de impulsos instintivos, como a agressão ou a sexualidade, em formas socialmente aceitáveis e até mesmo produtivas de expressão. De acordo com Freud, esse mecanismo de defesa desempenha um papel crucial na adaptação social e na saúde mental das pessoas. Ao invés de reprimir ou negar esses impulsos, a sublimação permite que a energia psíquica associada a eles seja redirecionada para atividades construtivas e criativas, como arte, ciência, trabalho e outras formas de realização pessoal (Freud, 1996).

Ao canalizar os impulsos instintivos para essas atividades, a sublimação não apenas oferece uma saída segura e socialmente aceitável para os desejos humanos mais primitivos, mas também contribui para o desenvolvimento pessoal e social. Por exemplo, um indivíduo pode encontrar na arte uma maneira de expressar suas emoções intensas ou conflitos internos de uma forma que não apenas seja culturalmente valorizada, mas também proporcione um senso de realização e propósito (Freud, 1996).

Essa capacidade de transformar impulsos instintivos em realizações culturais e sociais é vista por Freud como uma das principais forças impulsionadoras do progresso humano. A sublimação não apenas permite que os indivíduos lidem de maneira adaptativa com os conflitos internos, mas também contribui para o avanço da sociedade como um todo, alimentando a inovação, a criatividade e o desenvolvimento cultural (Freud, 2010).

Portanto, a sublimação não é apenas um mecanismo de defesa individual, mas também um fenômeno social e culturalmente significativo. Ao redirecionar a energia psíquica para atividades construtivas e socialmente valorizadas, ela desempenha um papel fundamental na adaptação e no funcionamento saudável tanto dos indivíduos quanto das comunidades (Freud, 2011).

2.1.2 Psicanálise e filosofia: um diálogo possível?

Embora a psicanálise e a filosofia tenham princípios e fundamentos heterodoxos, suas contribuições têm sido exploradas em diversos campos de compreensão e atingindo novas complexidades no estudo da mente humana, do conhecimento e das emoções. A psicanálise tecida por Freud apresenta uma corrente que se fundamenta na compreensão e na explicação

dos mecanismos do inconsciente que moldam o comportamento humano, enquanto que a filosofia busca a reflexão profunda no âmbito das questões fundamentais da existência, na natureza humana e da consciência (Freud, 2010).

Desse modo, a filosofia adentra no campo da realidade buscando amparo nos aspectos sociais, epistemológicos, ontológicos, éticos e estéticos, bem como, de diversas outras bases que subsidiam a realidade humana. Assim, essa interface entre filosofia e psicanálise é rica em diálogos que vão do inconsciente ao consciente, das particularidades, partindo para os diferentes rearranjos da realidade humana e social (Mezan, 2007).

Nos diálogos, encontros e desencontros teóricos entre as duas áreas, não se deve limitar à sobreposição de uma área para com a outra, mas sim, compreender a natureza psicanalítica e filosófica em uma perspectiva dialógica, interdisciplinar e interativista. Essa interação é promotora de novas descobertas e adentra em necessidades do século XXI, considerando que a troca de ideias e pensamentos entre as áreas enriquecem uma visão ampla de ser humano, natureza e mente humana (Brito, 2022).

Psicanálise e filosofia exploram conceitos essenciais como o inconsciente, a identidade e a ética. A psicanálise enfoca o inconsciente subjetivo e a formação da identidade, enquanto a filosofia aborda a identidade a partir da consciência do sujeito. Ambas compartilham preocupações éticas, com a psicanálise priorizando a relação do sujeito com o seu desejo e a filosofia, a justiça.

A psicanálise, desde sua fundação por Freud, tem sido uma abordagem influente na compreensão do comportamento humano, especialmente em relação ao inconsciente, à formação da identidade e à ética. A filosofia, por sua vez, complementa e expande essas discussões, oferecendo perspectivas adicionais sobre a mente humana, as relações sociais e os princípios éticos. Esta introdução delineará como a psicanálise e a filosofia se entrelaçam e divergem nesses tópicos essenciais, proporcionando uma visão mais abrangente e enriquecida da experiência humana (Mezan, 2007).

- O inconsciente: tanto a psicanálise quanto a filosofia reconhecem a importância do inconsciente na formação da mente humana. A psicanálise, no entanto, se concentra no inconsciente subjetivo, enquanto a filosofia se concentra no inconsciente compartilhado/dimensão psíquica compartilhada.
- A identidade: enquanto a psicanálise explora a formação da identidade a partir de influências inconscientes, a filosofia amplia essa perspectiva, considerando também os laços e relações sociais na construção identitária. Dessa forma, a filosofia aborda a identidade como resultante de um processo complexo que envolve tanto elementos

individuais quanto interações sociais, enriquecendo a compreensão desse conceito fundamental.

- A ética: tanto a psicanálise quanto a filosofia se preocupam com a ética. Na psicanálise, a ética transcende a mera abordagem do cuidado, adentrando a esfera mais ampla da ética do desejo. Aqui, a ética é intrinsecamente ligada aos anseios e pulsões do indivíduo, incorporando uma compreensão mais abrangente do que significa viver uma vida ética. Por outro lado, a filosofia concentra-se na ética da ação do sujeito no mundo, considerando as escolhas e responsabilidades morais que moldam as interações humanas e a vida em sociedade (Mezan, 2007; Brito, 2022).

A filosofia proporciona um olhar amplo para o contexto humano, elucidando os valores morais e éticos, as questões epistemológicas que foram base para a sociedade atual, incluindo as questões ontológicas. Nesse aspecto, o encontro da filosofia com a psicanálise pode promover uma articulação entre os conhecimentos voltados para as dimensões psíquicas e existenciais da condição humana (Pereira, 2004).

[...] a Psicanálise, tal como Freud a concebe, teoriza em dois níveis diferentes. O primeiro é este mais geral, o das grandes hipóteses sobre o inconsciente, as pulsões, o conflito defensivo, a angústia e outros elementos do “acontecer psíquico”. Aqui estamos no domínio da universalidade ou da generalidade, e o que a teoria apresenta é uma visão do ser humano como movido por forças que desconhece, tendo ao mesmo tempo que lhes oferecer alguma gratificação e restringir tal gratificação aos limites do permitido pela vida em sociedade (Mezan, 2007, p. 335).

A teoria psicanalítica não pode evitar questionar a si mesma, correndo o risco de se condenar ao ocultamento da verdade. É intrigante considerar, nesse contexto, o fundamento no qual um conhecimento que se autoriza a proclamar a verdade como um sintoma deve se apoiar. Surge a necessidade de uma postura que, no mínimo, se abstenha de afirmar com elevado grau de certeza, preferindo-se por declarações provisórias e ligadas a uma perspectiva do não-saber, como destacado por Pereira (2004). Essa abordagem reflexiva sugere a importância de uma atitude cautelosa e flexível diante das afirmações na psicanálise, reconhecendo a complexidade intrínseca ao campo e a constante busca por compreensão em meio à incerteza.

Questões existenciais densas e profundas podem ser exploradas envolvendo os aspectos intrinsecamente ligados ao consciente e ao inconsciente, determinismo e liberdade, natureza da identidade, dentre outros. Muitos filósofos estão apropriando-se das concepções psicanalíticas para analisar aspectos inerentes e qualitativos da mente humana e da experiência. Por sua vez,

psicanalistas recorrem ao campo de estudo filosófico para ampliar a compreensão e entendimento dos fenômenos psicológicos (Coelho Junior, 1999).

Este debate consolida-se pelo distinto seguimento entre as duas áreas. A filosofia alcança fundamentos amplos na área com estudos voltados a explorar o livre-arbítrio e a determinação. Comungando a isto, a psicanálise investiga os reflexos do passado, das experiências, dos traumas de infância no presente, sem considerar que esses processos irão moldar o futuro, ou seja, reflexos individuais no passado e alinhamento de ações presentes (Zavaroni; Viana, 2015).

Vale ressaltar que essa interação entre conhecimento filosófico e psicanalítico é um desafio que está sendo superado e desmistificado por intermédio da ascensão dos diálogos interdisciplinares na contemporaneidade. A sociedade atual tem rompido com a visão do egocentrismo entre diferentes disciplinas e áreas do conhecimento, o que contribui para a construção do conhecimento sistematizado (Santos, 2021).

Essa expansão entre fronteiras e barreiras disciplinares permite que os diferentes especialistas, professores, pesquisadores ressignifiquem as profundas reflexões sobre o ser humano. Além disso, o diálogo multifacetado e plural entre as duas áreas vão ao encontro da natureza holística da condição humana, pois também adentra no conhecimento científico e acadêmico, disseminando pesquisas/estudos em nível de trabalhos de conclusão de curso, dissertações, teses, artigos científicos que, em geral, irão disseminar o conhecimento para a comunidade por intermédio da ampla visibilidade anunciada pela literatura acadêmica (Canavêz, 2015).

Maurice Merleau-Ponty (1908-1961) é um filósofo influente e bem conceituado na interface entre psicanálise e filosofia, pois destaca a influência do inconsciente na formação humana, buscando explorar aspectos da temporalidade e da corporeidade da experiência consciente. Por isso, destaca-se na utilização e reconhecimento dos fundamentos freudianos atrelados com suas contribuições filosóficas (Vasconcelos, 2015).

Merleau-Ponty enxerga o inconsciente freudiano e a dinâmica regressiva da estrutura psíquica não como meros apêndices das descrições patológicas, mas sim como um processo universal de descrição e explicação do movimento da vida psíquica cotidiana. Para o filósofo francês, Freud assume o papel de uma referência significativa, pois, ao descrever os sintomas clínicos, expressa de forma integral a função lógica do tempo. O psicanalista austríaco, segundo Merleau-Ponty, habilmente torna compreensível, por meio das narrativas concretas de seus pacientes, a forma de organização e a coerência universal do tempo.

Desse modo, esse diálogo amplia a compreensão do trabalho funcional da psique ao integrar a análise patológica em um contexto mais amplo de explicação do funcionamento da vida psíquica no dia a dia.

Em aspectos éticos, a filosofia se debruça sobre a psicanálise tendo-a como aliada na perspectiva das motivações inconscientes no desenvolvimento do comportamento. Já no âmbito da responsabilidade moral, examina-se as pulsões e desejos, que muitas vezes são desconhecidos pelo indivíduo, levando a um repensar das concepções tradicionais para um novo arbítrio (Pedro, 2014).

Pensadores do existencialismo, Jean-Paul Sartre (1905-1980) e Albert Camus (1913-1960) apontam as valias da psicanálise ao explorar angústia, liberdade e responsabilidade. Essa abordagem converge na ênfase entre a experiência subjetiva e emocional com o significado existencial humano. As diferentes abordagens convergem no direcionamento de uma perspectiva voltada para a valorização das experiências, das nuances subjetivas com o cenário real humano (Muniz, 2008, p. 54).

Tendo em vista a desconstrução da identidade, tanto a psicanálise como a filosofia contemporânea são reconhecidas como áreas que desconstroem a ideia de identidade estável e consolidada. Nesse amplo leque de indagações e dilemas sobre a identidade, as teorias psicanalíticas oferecem significativas contribuições aos estudos identitários. Desse modo, integram a formação do *eu* sob perspectivas psicanalíticas, as quais, por sua vez, são contrastadas com o pensamento filosófico que questiona a estabilidade e a unidade do sujeito. (Pereira, 2004).

Em consonância com a hermenêutica filosófica, Hans-Georg Gadamer (1900-2002) e Paul Ricoeur (1913-2005), dialogam de forma alvissareira com a linguagem psicanalítica. Isto porque, a interpretação psicanalítica contribui para hermenêutica filosófica revelando novos significados e adjacentes para sintomas e narrativas pessoais que precisam ser refletidos por lentes psíquicas e racionais (Sousa, 2020).

Portanto, essa compreensão que adentra o campo da filosofia dialética propõe-se a dialogar com os aspectos da natureza contraditória do desejo humano. Pelo cunho psicanalítico, se vê uma busca por teorias voltadas especialmente para pulsões e conflitos/confrontos psíquicos, contribuindo para a compreensão efetiva da dialética no fator intermediário entre desejo consciente, desejo inconsciente e conflitos que podem surgir entre si (Fontes, 2008).

Diferentemente da filosofia, a psicanálise possui questões clínicas, expandindo os conhecimentos da área para atender aos sujeitos de diferentes conjunturas. Nesse sentido, volta-se para analisar as singularidades e particularidades de cada paciente, respeitando os princípios éticos, mas centrando-se em seu desenvolvimento psíquico saudável, o que alinha-se,

diretamente, com aspirações filosóficas em termos de ética, moral e conduta humana (Machado, 2016).

Fazendo o uso das palavras de Pedro (2015, p. 488):

Assim, da relação tridimensional valores, moral e ética, podemos aduzir valores morais e valores éticos; todavia, nem a moral nem a ética reduzem, obviamente, a sua esfera de pensamento e de ação somente a este tipo de valores, dado que o mundo dos valores é imenso e infinito. Por isso, nunca é demais assinalar uma outra confusão que habitualmente ocorre ao identificar valores somente a valores morais, esquecendo a panóplia imensa do tipo de valores existentes (ex: políticos, éticos, morais, estéticos, ecológicos, vitais, espirituais, económicos, religiosos).

Esse processo relaciona-se com a ética do cuidado, com a empatia necessária e conhecimento da área adequada para o emprego correto do conhecimento psicanalítico para cada ocasião. Por intermédio da filosofia, é possível equiparar as relações pessoais, sendo que a psicanálise entra em ação com a relação terapêutica voltada para a cura psíquica (Martins *et al.*, 2018).

Machado e Aguiar (2016) abordam a preocupação de Freud sobre a eficácia da teoria psicanalítica, destacando as pressões na França que levaram à necessidade de prestação de contas. A utilização do caso clínico é questionada por sua natureza pouco generalizável, sendo considerada uma narrativa literária que reproduz a eficácia linguística da psicanálise. A regra fundamental de Freud e a perspectiva de Jacques Lacan enfatizam que a cura na psicanálise não busca a remissão imediata dos sintomas. Diante de pressões políticas, os Centros Psicanalíticos franceses adaptaram-se com o dispositivo de psicanálise aplicada, introduzindo ajustes como sessões reduzidas para ampliar o acesso à terapia sem sacrificar seus princípios fundamentais, diante de um cenário que demanda resultados rápidos.

A filosofia, por intermédio da fenomenologia, como descrito nas obras de Edmund Husserl (1859-1938), elucida o viés da temporalidade na construção da subjetividade. Nesse sentido, converge com os ideais psicanalíticos ao corroborar com elo entre segmentos do passado no presente e como o passado influencia o ser humano em sua atualidade, sobretudo, ambas as áreas consideram os aspectos pretéritos na formação da identidade presente (Ziles, 2007).

Tendo em vista que a arte ou a expressão artística é uma representação dos conteúdos psíquicos, torna-se uma área promissora para a psicanálise e filosofia. As questões estéticas podem servir de instrumento para que o inconsciente e as emoções sejam expressos em produtos artísticos. Por isso, a criatividade, a criação artística voluntária e espontânea é uma

extraordinária possibilidade de interlocução entre as áreas, propiciando um espaço de análise e expressões no mundo das cores e demais vertentes da arte (Reis, 2014).

A ética do cuidado, mencionada anteriormente, ganha uma dimensão mais ampla quando vista à luz da fenomenologia de Husserl. A temporalidade, como elemento essencial na construção da subjetividade, ressalta a importância de considerar não apenas o momento presente, mas também os segmentos do passado que continuam a ecoar na experiência humana. Essa perspectiva temporal compartilhada entre a filosofia fenomenológica e a psicanálise destaca a relevância de explorar o histórico do indivíduo durante o processo terapêutico, promovendo uma compreensão mais profunda e abrangente das dinâmicas psíquicas.

Além disso, a convergência entre a psicanálise, a filosofia e a expressão artística ressalta a importância da criatividade como um veículo de comunicação profundo. A análise da arte como representação dos conteúdos psíquicos amplia o escopo terapêutico, proporcionando um espaço para a expressão não verbal das emoções e do inconsciente. Dessa forma, a criação artística voluntária e espontânea se revela como uma ferramenta extraordinária de interlocução entre as áreas, proporcionando um meio inovador para a exploração e compreensão dos processos psíquicos. Essa perspectiva tríplice, unindo psicanálise, filosofia e arte, oferece um terreno fértil para a expansão das fronteiras do conhecimento e prática terapêutica.

Em adição, a filosofia contemporânea também embasa a psicanálise na perspectiva da identidade de gênero, nas construções de símbolos entre masculinidade e feminilidade. Assim, muitos dos conhecimentos psicanalíticos são base de perspectivas filosóficas para compreensão da sexualidade, gênero e comportamento, rompendo com pressupostos passados da ideia de sujeito tradicional (Drehmer; Falcão, 2019). Igualmente, os autores apontam que “a sexualidade é essencialmente traumática pela descoberta do outro, da alteridade e das diferenças sexuais. Inúmeros textos freudianos evidenciam o caminho difícil e necessário a ser traçado por todo sujeito psíquico a fim de integrar-se como único, dotado de vontades” (Drehmer; Falcão, 2019, p. 63).

Sob essa perspectiva, a sinergia entre a psicanálise e a filosofia propicia um diálogo profícuo que vai além de meras sobreposições, explorando aspectos essenciais da compreensão humana. Ambas as disciplinas, embora com abordagens distintas, convergem em seu interesse por conceitos fundamentais como o inconsciente, a identidade e a ética (Mezan, 2007).

Ademais, no âmbito do inconsciente, ambas reconhecem sua importância na formação da mente humana. Enquanto a psicanálise se concentra no inconsciente subjetivo, a filosofia explora uma dimensão mais coletiva desse fenômeno. Esse diálogo revela-se frutífero ao

proporcionar uma compreensão mais abrangente das forças que moldam o comportamento humano (Freud, 1996).

Quanto à identidade, a psicanálise focaliza sua formação a partir do inconsciente, enquanto a filosofia amplia essa perspectiva, considerando também os laços sociais. Essa interação enriquecedora permite uma abordagem mais completa da construção identitária, integrando elementos individuais e sociais (Pereira, 2004).

Destarte, no campo ético, ambas as disciplinas compartilham preocupações éticas, com nuances distintas. A psicanálise prioriza a ética do desejo, enquanto a filosofia se volta para a ética da justiça. Esse contraste enriquece o debate ético, contribuindo para uma compreensão mais ampla e multifacetada das responsabilidades morais (Brito, 2022). Portanto, a psicanálise e a filosofia estabelecem um diálogo que não apenas enriquece suas respectivas áreas, mas também proporciona uma compreensão mais integrada e profunda da experiência humana, do inconsciente à ética (Sousa, 2020).

2.1.3 A teoria do inconsciente e o discurso filosófico

Freud introduziu uma reviravolta significativa ao lançar sobre esses saberes uma “lâmina cortante”, inaugurando uma práxis inovadora. O reconhecimento da importância intrínseca dos saberes estabelecidos na configuração do mundo é inegável. Contudo, ao divergir dos métodos convencionais de sua época, Freud abriu caminho para uma nova compreensão da mente humana, enfatizando a influência do inconsciente na vida psíquica e no comportamento (Freud, 1996).

Sob essa ótica, essa inovação, centralizada no real emergente naquele momento, destacou-se pela introdução de algo previamente desconhecido: o saber inconsciente. Ao reconhecer que grande parte da atividade mental ocorre fora do campo da consciência, Freud inaugurou uma nova era na compreensão da psique humana. A noção do inconsciente como uma força motriz por trás do comportamento consciente revolucionou não apenas a psicologia, mas também influenciou profundamente campos como a filosofia, a literatura e a arte (Mezan, 1987).

Portanto, Freud, ao separar-se dos conhecimentos aos quais antes se submetera, deu início a uma jornada de escuta do sintoma histórico, marcando o advento da psicanálise. Essa mudança de perspectiva permitiu a Freud explorar as camadas mais profundas da mente humana, revelando os conflitos e desejos ocultos que moldam o comportamento humano. Ao

invés de apenas tratar os sintomas superficiais, Freud buscou compreender as raízes inconscientes dos problemas psíquicos, abrindo novas possibilidades tanto para a compreensão como para o tratamento das doenças mentais (Roudinesco, 1998).

Ademais, esse movimento não apenas concebeu a psicanálise como uma metodologia de investigação, mas também como uma operação de cura, destacando assim a interconexão entre a exploração do inconsciente e a prática clínica. Ao trazer à luz os conteúdos inconscientes reprimidos, Freud possibilitou que os pacientes pudessem confrontar e resolver seus conflitos internos, promovendo assim a cura psíquica. Essa abordagem terapêutica revolucionária influenciou não apenas a psicoterapia, mas também a compreensão mais ampla da natureza humana e do funcionamento da mente (Dufresne, 2007).

Embora Freud não tenha dedicado um trabalho específico à consciência, suas incursões em questões relacionadas são reveladoras o suficiente para se traçar um panorama claro de sua concepção sobre o tema. Ao abordar a consciência como a função de um sistema específico no aparelho psíquico, Freud destaca sua responsabilidade na percepção do mundo exterior, nos sentimentos e nos processos do pré-consciente. Assim, faz-se necessário desvendar como os processos de tomada de consciência se entrelaçam com as instâncias do aparelho psíquico freudiano, explorando sua intrínseca relação com a prática clínica da psicanálise (Gomes, 2003).

Freud abriu um campo fértil para a compreensão do inconsciente, introduzindo uma abordagem radical baseada na escuta atenta dos sintomas. Esse desprendimento permitiu a concepção de uma metodologia psicanalítica que transcendeu os limites da simples investigação intelectual. A psicanálise, como resultado, não apenas explorou os recessos do saber inconsciente, mas também aplicou essa compreensão de forma prática na cura de indivíduos. Assim, a dualidade entre investigação e cura se entrelaça, destacando a natureza dinâmica e interdependente do legado freudiano na compreensão do inconsciente e sua aplicação clínica (Lo Bianco, 2010).

Ao explorar a convergência entre a psicanálise freudiana e os desenvolvimentos contemporâneos na teoria da consciência, almejamos uma análise que transcenda limites temporais, promovendo uma compreensão mais rica da mente humana. Nesse intrincado entrelaçamento de conceitos, a obra de Gomes (2003) emerge como um guia fundamental, oferecendo alicerce para a exploração dessa interseção. Ao costurar os fios da psicanálise clássica com as tendências atuais na teoria da consciência, buscamos não apenas evidenciar a perenidade das contribuições de Freud, mas também destacar como as abordagens contemporâneas podem iluminar de maneira inovadora os fundamentos estabelecidos pela psicanálise. Dessa forma, não se trata apenas de uma leitura pontual de trechos e referências,

mas sim de uma costura orgânica e reflexiva que busca oferecer uma contribuição original à compreensão da mente humana.

Em sua audaciosa incursão no desconhecido, Freud não apenas revelou a existência do saber inconsciente, mas também forjou uma abordagem integral que, simultaneamente, questionava e curava. Ao incorporar a escuta do sintoma histérico como um ponto de partida, ele inaugurou uma nova era na compreensão da mente humana, redefinindo a relação entre conhecimento, investigação e prática clínica. A “lâmina cortante” freudiana não só desafiou paradigmas estabelecidos, mas também esculpiu um caminho inovador para a exploração do inconsciente e sua aplicação transformadora na psicanálise (LoBianco, 2010).

No âmbito das reflexões sobre o inconsciente, Lo Bianco destaca a centralidade da teoria da enunciação como uma ferramenta essencial. Esta teoria não apenas fornece uma compreensão profunda do conceito de inconsciente, mas também se revela como um instrumento valioso para discernir as distinções e as interconexões entre diferentes discursos relacionados ao inconsciente. A ênfase na teoria da enunciação sugere uma abordagem analítica que vai além da mera consideração do inconsciente como um fenômeno isolado, propondo uma visão mais abrangente que abarca o discurso do inconsciente, o discurso psicanalítico sobre o inconsciente e o discurso filosófico que toma o inconsciente e a psicanálise como objeto de reflexão (Charrou, 1983).

No entanto, é a terceira abordagem que se destaca como o cerne do argumento de Monzani. Esta fase do discurso não apenas atenta para a verdade ou falsidade, mas procura ativamente delimitar o regime de validação específico aplicado à psicanálise. Nesse sentido, ela emerge como o ponto focal, buscando estabelecer critérios precisos e normativas que delineiam a legitimidade do discurso psicanalítico dentro do contexto mais amplo das ciências humanas. Essa tripla estrutura de abordagem oferece uma visão abrangente sobre como Monzani analisa e posiciona o discurso na psicanálise e, por extensão, nas ciências humanas (Soria, 2016).

Ao adotar a teoria da enunciação como a ferramenta conceitual central, Soria (2016) destaca uma via promissora para aprofundar a compreensão dos discursos relacionados ao inconsciente. A proposta de enxergar o inconsciente por meio dessa lente específica não apenas ressalta a importância da teoria da enunciação, mas também aponta para a sua utilidade como um instrumento epistêmico essencial.

Nessa abordagem delineada por Charrou (1983), a teoria da enunciação não é apenas uma mera lente analítica; ela se revela como um elo que conecta de maneira intrínseca os discursos do inconsciente, da psicanálise e da filosofia. Essa conexão, ao invés de se perder na complexidade, emerge como um ponto focal que permite uma análise mais precisa e integrativa.

A teoria da enunciação, assim, não apenas lança luz sobre as nuances dos discursos, mas também fornece uma base conceitual sólida para uma análise crítica que transcende as barreiras disciplinares, contribuindo para uma compreensão mais holística e interdisciplinar do fenômeno do inconsciente.

Nesse sentido, Silva (2007, p. 135) assevera que:

[...] o presente formal não faz senão explicitar o presente inerente à enunciação, que se renova a cada produção do discurso, delimitando por referência interna o que vai tornar presente e o que já não o é mais. Isso nos encaminha a explicar a aquisição da linguagem não como evolução, conforme uma perspectiva desenvolvimentista, mas como apreensão, visto a criança, ao mesmo tempo em que constitui a língua com o “outro”, ser constituída pela estrutura da língua, em que cada ato de enunciação, ao inserir seu discurso no mundo, é marcado por uma nova relação com a “língua” e com o “outro”.

Ao adotar a teoria da enunciação como ponto de partida, Silva (2007) não apenas propõe uma abordagem metodológica específica, mas também indica a necessidade de considerar o inconsciente dentro de um contexto mais amplo e dinâmico. Isso implica não apenas examinar o discurso psicanalítico sobre o inconsciente, mas também situá-lo em relação ao discurso do inconsciente em si, assim como aos tratamentos filosóficos que abordam o inconsciente e a psicanálise. Essa triangulação conceitual, ancorada na teoria da enunciação, revela-se como um caminho promissor para uma compreensão mais rica e interconectada do papel do inconsciente nas diferentes esferas do conhecimento (Charrou, 1983).

Com base nas considerações de Monzani (1990), Namba (2016) destaca uma distinção significativa entre a psicanálise e o discurso filosófico. Namba aponta que a psicanálise impõe uma exigência única ao enraizar-se em diversos saberes para estabelecer-se como uma disciplina teórico-clínica. Essa abordagem multidisciplinar leva à construção de um discurso particular pela psicanálise que se diferencia e se desvincula do discurso filosófico. Essa diferenciação sugere que, ao se fundamentar em diferentes campos de conhecimento, a psicanálise desenvolve uma linguagem própria e uma perspectiva distinta, afastando-se, portanto, das tradições e métodos filosóficos.

A imposição da psicanálise em se enraizar em diversas áreas de conhecimento reflete um esforço para constituir-se como uma disciplina teórico-clínica robusta e abrangente. Desde suas origens, Freud buscou estabelecer a psicanálise como uma ciência capaz de abordar não apenas a mente humana, mas também sua relação com a cultura, a sociedade e outras disciplinas. Suas obras, como *A Interpretação dos Sonhos e Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, demonstram sua tentativa de integrar conceitos psicanalíticos com diversos campos do conhecimento humano (Freud, 1996).

Monzani (1990), ao abordar o discurso psicanalítico, pode ser considerado como um precursor dessas reflexões, destacando as nuances do discurso nas ciências humanas. A psicanálise, ao explorar os complexos mecanismos da mente humana, influenciou não apenas a psicologia, mas também áreas como a antropologia, a literatura e os estudos culturais. O próprio Freud dialogou com pensadores de diferentes áreas, como o filósofo Friedrich Nietzsche e o antropólogo James Frazer, buscando insights para enriquecer sua teoria psicanalítica.

Nesse contexto, Namba (2016) oferece uma análise mais específica ao salientar que, ao incorporar múltiplos saberes, a psicanálise não apenas se diferencia do discurso filosófico, mas também constrói sua própria linguagem e perspectiva, moldando um campo distinto de compreensão e prática. A psicanálise, ao expandir suas fronteiras para além do consultório, contribuiu para uma compreensão mais profunda dos fenômenos humanos, influenciando não apenas a academia, mas também a cultura popular e o pensamento contemporâneo.

A proposição de Namba sugere que a autonomia do discurso psicanalítico em relação ao filosófico não implica em uma oposição, mas sim em uma abordagem que se desenvolve de maneira única e complementar. Ao se distanciar do discurso filosófico, a psicanálise busca estabelecer sua legitimidade e validade dentro de seu próprio domínio, destacando a riqueza proporcionada pela integração de diversas fontes de conhecimento. Essa perspectiva, apoiada por Monzani e Namba, contribui para uma compreensão mais aprofundada da natureza distinta do discurso psicanalítico e sua relação complexa com o contexto filosófico mais amplo.

A abordagem de Fernandes (2013) sobre a teoria psicanalítica destaca sua relevância tanto em termos teóricos quanto clínicos, além de apontar para os desafios que ela impõe ao discurso filosófico. Um dos aspectos salientes abordados por Monzani, mencionado por Fernandes, é o problema relacionado à gênese e constituição do aparelho cognitivo. Esse tema intriga tanto os estudiosos da psicanálise quanto os filósofos, pois confronta diretamente a complexa interação entre processos psíquicos e a formação do aparato cognitivo, trazendo à tona questões fundamentais sobre a origem e desenvolvimento do conhecimento.

Outro ponto focal apontado por Monzani, e ressaltado por Fernandes (2013), é o problema da origem e do papel da consciência moral, tanto em termos do sujeito singular quanto no âmbito da coletividade. A psicanálise não apenas explora a natureza intrincada da consciência moral, mas também busca entender como essa dimensão se relaciona com a formação do indivíduo e seu impacto nas dinâmicas sociais. Este desafio proposto pela psicanálise lança luz sobre questões filosóficas profundas, estimulando reflexões sobre a natureza da moralidade, sua origem e influência na construção do indivíduo e da sociedade.

A interseção entre a teoria psicanalítica e o discurso filosófico, evidenciada pelos problemas mencionados por Monzani (1990) e Fernandes (2013), destaca a riqueza e a complexidade inerentes ao diálogo entre essas disciplinas. Ao abordar questões tão fundamentais como a gênese do aparelho cognitivo e a origem da consciência moral, a psicanálise não apenas enriquece o escopo teórico e clínico, mas também desafia os limites tradicionais do pensamento filosófico, incentivando uma abordagem mais integrativa e holística diante dos enigmas fundamentais da experiência humana.

A teoria da enunciação não é meramente uma ferramenta analítica; ela se apresenta como um arcabouço teórico que transcende as fronteiras disciplinares, conectando-se intrinsecamente aos discursos do inconsciente, da psicanálise e da filosofia (Silva, 2015).

A essência da referida teoria reside na compreensão do ato de enunciar como um fenômeno dinâmico e contextualizado. Quando consideramos a enunciação, não nos limitamos à mera expressão de palavras; estamos imersos em um processo em constante transformação, a partir do qual a linguagem não é apenas um veículo de comunicação, mas uma construção ativa de significados. Essa perspectiva implica que a compreensão do inconsciente não pode ser dissociada do contexto em que é enunciado, seja na análise psicanalítica ou nas reflexões filosóficas (Bakhtin, 2002).

Ao adotar a teoria da enunciação, desvela-se a interconexão entre o discurso do inconsciente e os domínios mais amplos da psicanálise e da filosofia. Não se trata apenas de uma ferramenta analítica isolada, mas de um elemento que tece uma rede complexa de significados e relações. Essa abordagem, quando aplicada à compreensão do inconsciente, não apenas ilumina suas nuances, mas também revela como as diferentes disciplinas constroem e interpretam significados de maneiras distintas (Benveniste, 2005).

Portanto, ao nos aprofundarmos na teoria da enunciação, é essencial explorar como ela se torna um ponto focal que permite uma análise mais precisa e integrativa dos discursos relacionados ao inconsciente. Ao compreender a enunciação como um ato situado e dinâmico, podemos desvendar as complexidades do inconsciente não apenas como um fenômeno isolado, mas como um componente intrínseco aos discursos que moldam nossa compreensão da mente humana. Nessa perspectiva, a teoria da enunciação não apenas amplia nosso olhar sobre o inconsciente, mas também oferece um terreno fértil para uma abordagem mais holística e interdisciplinar desses temas fundamentais (Jakobson, 1975).

2.1.4 A filosofia como o lugar no qual o inconsciente alcança sentido

Diante da provocante proposta de buscar na aparente insignificância dos eventos o âmago da tarefa filosófica, depara-se com uma limitação intrínseca, uma vez que a aplicação da lupa da metafísica sobre os pequenos acontecimentos revela-se uma empreitada impossível. Ao renunciar à pretensão de abarcar a totalidade, a filosofia se vê compelida a adentrar um território até então desconhecido, refugiando-se naquilo que outrora era considerado mera desordem. Essa mudança de perspectiva implica em uma nova abordagem, desafiando as fronteiras pré-estabelecidas por essa área do saber (Silva, 2022).

Ao enfatizar a importância da interpretação na construção das memórias, Freud inaugurou uma abordagem revolucionária, desafiando concepções tradicionais sobre a objetividade dos relatos. Sua compreensão de que a significância dos eventos reside não apenas na ocorrência em si, mas na interpretação posterior, lança luz sobre a complexidade da psique humana. Assim, a contribuição de Freud transcende o mero âmbito da psicanálise, provocando reflexões mais amplas sobre a natureza da realidade subjetiva e a construção ativa do sentido da experiência cotidiana (Baratto, 2009).

Nesse contexto, a aceitação do desafio de explorar a aparente trivialidade dos eventos revela-se não apenas como uma renúncia à rigidez conceitual, mas como um convite para a filosofia se reinventar em meio à complexidade dos detalhes aparentemente irrelevantes. Freud, em suas investigações sobre o inconsciente, demonstrou como os eventos aparentemente banais do cotidiano carregam significados profundos e simbólicos, revelando os desejos e conflitos latentes na mente humana. Suas obras, como *A Interpretação dos Sonhos* (Freud, 1900) e *O Chiste e Sua Relação com o Inconsciente* (Freud, 1905), destacam a importância de uma abordagem minuciosa dos detalhes para a compreensão da psique.

A descoberta do inconsciente emerge como um guia para desvendar caminhos até então inexplorados, apontando para uma compreensão mais profunda e abrangente dos enigmas da existência e da significação intrínseca aos eventos que, à primeira vista, poderiam passar despercebidos. Freud revolucionou a maneira como entendemos a mente humana, ao mostrar como os eventos do passado, muitas vezes esquecidos ou reprimidos, continuam a influenciar nosso comportamento e nossas emoções no presente. Seu conceito de inconsciente trouxe à luz a complexidade da mente humana e a importância de uma abordagem atenta aos detalhes aparentemente insignificantes (Freud, 1996).

Essa nova abordagem não apenas desafia as concepções tradicionais da filosofia, mas também oferece novas perspectivas para a compreensão da existência humana. Ao explorar o

mundo dos sonhos, lapsos e atos falhos, Freud mostrou como os eventos do dia a dia são permeados por conteúdos inconscientes, revelando os conflitos e desejos que moldam nossa vida mental. Assim, a psicanálise não apenas enriquece a filosofia ao fornecer insights sobre a mente humana, mas também lança luz sobre os mistérios da existência e da condição humana (Freud, 2010).

Freud, ao separar-se dos conhecimentos aos quais antes se submetera, deu início a uma jornada de escuta do sintoma histérico, marcando o advento da psicanálise. Essa mudança de perspectiva permitiu a Freud explorar as camadas mais profundas da mente humana, revelando os conflitos e desejos ocultos que moldam o comportamento humano. Ao invés de apenas tratar os sintomas superficiais, Freud buscou compreender as raízes inconscientes dos problemas psíquicos, abrindo novas possibilidades tanto para a compreensão como para o tratamento das doenças mentais (Mezan, 1987).

No que se refere aos processos do consciente e inconsciente como entidades psíquicas interdependentes, a visão tradicional de desenvolvimento unívoco do inconsciente em direção ao consciente perde sua aplicabilidade. Surge, em vez disso, um cenário complexo em que esses processos se entrelaçam de maneira intrincada. Esse entrelaçamento é evidenciado através das experiências compartilhadas entre o terapeuta e o paciente ao explorarem juntos as complexidades de um sonho e suas associações. No âmago dessa interação, emerge uma vivência de vertigem, revelando uma interpenetração notável entre o finito e o infinito, desafiando assim a linearidade esperada na evolução dos processos psíquicos (Azambuja, 1999).

Por outro lado, ao considerar que tanto a filosofia quanto a ciência tendem a negligenciar as minúcias dos fenômenos, a revelação do inconsciente introduz uma reviravolta significativa. A descoberta não apenas destituiu a consciência de sua posição central, mas também confere um sentido até então imperceptível ao que antes era tido como destituído de significado. Com Freud e a revelação do inconsciente, desvela-se uma abordagem inovadora para desentranhar a verdade e o significado dos pequenos eventos na ordem dos fenômenos, desafiando paradigmas estabelecidos e ampliando os horizontes da compreensão filosófica (Silva, 2022).

A perspicácia de Freud foi evidente ao perceber que os relatos dos pacientes durante a análise não se limitavam à mera reprodução fiel de eventos reais. Em vez disso, tais narrativas constituíam lembranças filtradas pela lente da interpretação subjetiva do sujeito, representando não tanto a cena em si, mas a interpretação que fora posteriormente atribuída a ela. Nesse sentido, Freud deslocou o foco da atenção do simples acontecimento para a intrincada teia de interpretações e produção de sentido que se desenrola na mente do indivíduo (Baratto, 2009).

É imprescindível destacar os escritos de Torezan e Aguiar (2011, p. 533) quando problematizam:

[...] a história do sujeito o antecede por um mito familiar que passa a recobri-lo a partir de seu nascimento e através da linguagem - linguagem que é, em essência, sempre equívoca e passível de múltiplas interpretações, facilitadora da construção de um mito individual em referência ao mito familiar. Além do mais, nesse encaminhamento similar ao de Lévi-Strauss, que toma a estrutura da língua como modelo para suas explicações antropológicas dos fenômenos humanos, os aforismos lacanianos [...] apontam para a relação e aproximação entre os mecanismos de funcionamento da linguagem e do inconsciente, indicando a existência de regras estruturais comuns entre ambos.

Ao empregar o termo “inconsciente” no contexto do mito, atribui-se um significado que se afasta da abordagem filosófica adotada anteriormente ao discutir a perspectiva de vida do historiador ou do poeta. Nesse contexto, o que os psicanalistas identificam como inconsciente não se encaixa na moldura da filosofia de vida previamente abordada. No entanto, ao explorar o mito, percebe-se uma dinâmica singular. O mito é comparado a uma árvore cujas folhas e flores, representando as manifestações conscientes na mente, são sustentadas por raízes profundas que se estendem a níveis inconscientes. Essa metáfora evoca a imagem de uma seiva vital que flui secretamente da raiz para alimentar a árvore do mito, uma seiva que representa uma fonte constante e abundante de significados que se renovam periodicamente (Freud, 2011).

Essa compreensão mais sutil da interdependência lança uma nova luz sobre a mente, desafiando concepções simplistas de uma transição direta em direção à consciência. A experiência partilhada revela-se como terreno propício à construção de significados, questionando as fronteiras rígidas entre os domínios consciente e inconsciente. Essa abordagem mais fluida e interconectada dos processos psíquicos oferece uma perspectiva enriquecedora tanto para a prática clínica quanto para o desenvolvimento teórico, incentivando uma exploração mais profunda das nuances que permeiam a psique humana (Freud, 2010).

Esses fundamentos mitológicos, enraizados nas profundezas do inconsciente, desempenham um papel vital no desenvolvimento da narrativa e da compreensão cultural. A metáfora da árvore do mito sugere uma conexão intrínseca entre as manifestações conscientes e as raízes inconscientes, destacando a importância do fluxo contínuo e renovador de significado que perpetua a vitalidade do mito ao longo do tempo. Essa abordagem mitológica enriquece a compreensão da psique coletiva, demonstrando como as raízes profundas do inconsciente alimentam e sustentam as expressões conscientes que emergem na superfície do pensamento humano (Freud, 2012).

No artigo “Em que se pode reconhecer o estruturalismo”, de 1967, Deleuze introduz uma noção de inconsciente que transcende o individual, estendendo-se para o simbólico e a

estrutura. Essa perspectiva ampliada lança luz sobre as interações entre o inconsciente e as complexidades sociais, enfatizando a natureza interconectada do pensamento humano. A influência do bergsonismo emerge como uma pista valiosa nos textos deleuzeanos, sugerindo uma interseção entre a teoria do inconsciente e os princípios da filosofia bergsoniana. Essa intertextualidade oferece um panorama enriquecedor para a compreensão do papel do inconsciente na obra de Deleuze (Freud, 2009).

Ao abordar a filosofia como o espaço no qual o inconsciente adquire significado, confrontamos a necessidade de a disciplina se reinventar diante da aparente insignificância dos eventos. Essa abordagem desafia os limites preestabelecidos pela filosofia, convidando-a a explorar detalhes muitas vezes negligenciados. A descoberta do inconsciente emerge como guia nesse percurso, apontando para caminhos inexplorados e revelando profundidade nos detalhes aparentemente irrelevantes (Freud, 2010).

Freud, ao destacar a importância da interpretação na construção das memórias, contribui para essa transformação filosófica, desafiando concepções tradicionais sobre objetividade. A ênfase na interpretação posterior como fonte de significado expande os horizontes da filosofia, levando-a a considerar não apenas a realidade objetiva, mas também a complexidade da realidade subjetiva e a construção ativa do sentido da experiência cotidiana (Freud, 2011).

Ao explorarmos a interdependência dos processos conscientes e inconscientes, a filosofia depara-se com um cenário complexo que desafia a visão tradicional de desenvolvimento linear. O entrelaçamento desses processos, manifestado nas experiências compartilhadas na psicanálise, revela uma vivência de vertigem, onde o finito e o infinito se entrelaçam. Essa interpenetração desafia as expectativas de uma evolução unívoca dos processos psíquicos, incentivando a filosofia a explorar territórios mais fluidos e interconectados (Freud, 2012).

A revelação do inconsciente apresenta uma virada significativa ao considerar que tanto a filosofia quanto a ciência costumam negligenciar as minúcias dos fenômenos. A destituição da consciência do centro de significado confere uma nova abordagem à filosofia, desafiando paradigmas estabelecidos e ampliando os horizontes da compreensão filosófica (Freud, 2010).

2.2 A psicanálise e o ensino de filosofia na educação básica

A psicanálise e o ensino de filosofia na educação básica representam uma integração rica e potencialmente transformadora. Neste capítulo, exploraremos a interseção dessas disciplinas, destacando como a compreensão dos processos psíquicos pode enriquecer o ensino filosófico e promover um desenvolvimento mais completo dos educandos.

Para começar, é fundamental compreendermos os princípios fundamentais da psicanálise de Freud e suas ramificações contemporâneas. Como afirmam Cechinel, Freitas e Figueiredo (2018, p. 45), “O inconsciente é o reino do desejo”. Essa noção oferece uma lente poderosa para examinar as motivações subjacentes ao pensamento e comportamento humanos, abrindo espaço para reflexões filosóficas sobre livre-arbítrio e determinismo.

No contexto educacional, a psicanálise pode ajudar os professores a compreenderem melhor as dinâmicas emocionais dos alunos, permitindo uma abordagem mais empática e eficaz. Segundo Freud (2001, p. 72), “Somos feitos de carne, mas temos de viver como se fôssemos de ferro”. Ao introduzir conceitos como o complexo de Édipo ou a pulsão de morte, os educadores podem promover discussões filosóficas mais profundas sobre temas como identidade, desejo e conflito.

Ao mesmo tempo, o ensino de filosofia na educação básica proporciona uma oportunidade única para os alunos explorarem questões existenciais e éticas que são essenciais para o desenvolvimento humano. De acordo com Freud (2003, p. 31), “O que fazemos inconscientemente é a verdadeira substância de nossa vida”. Através da análise de textos filosóficos clássicos e contemporâneos, os estudantes podem cultivar habilidades de pensamento crítico e reflexivo, bem como desenvolver uma compreensão mais profunda de si mesmos e do mundo ao seu redor.

No entanto, muitas vezes, o ensino de filosofia pode parecer abstrato ou distante da experiência cotidiana dos educandos. É aqui que a psicanálise pode desempenhar um papel crucial, conectando conceitos filosóficos abstratos com as realidades emocionais e psicológicas vivenciadas pelos estudantes. Conforme observa Freud (2010, p. 92), “Quando a inspiração não vem de nós mesmos, é um sinal de que não há esperança”. Isso torna a filosofia mais relevante e acessível, estimulando um maior engajamento e interesse por parte dos educandos.

Além disso, a integração da psicanálise e da filosofia na educação básica pode contribuir para uma abordagem mais holística do desenvolvimento humano. Segundo Freud (2015, p. 17), “Nenhum de nós pode se queixar da falta de um exemplo adequado, nunca. De fato, não há outro modelo”. Ao reconhecer a interconexão entre os aspectos cognitivos, emocionais e sociais

da aprendizagem, os educadores podem criar um ambiente mais enriquecedor e inclusivo, onde os alunos se sintam verdadeiramente compreendidos e apoiados em seu crescimento pessoal e intelectual.

Em última análise, a psicanálise e o ensino de filosofia na educação básica têm o potencial de não apenas enriquecer o currículo escolar, mas também de promover uma transformação mais profunda na forma como os educandos se relacionam consigo mesmos, com os outros e com o mundo ao seu redor. Conforme argumentam Cechinel, Freitas e Figueiredo (2018, p. 112), “Ao integrar essas disciplinas de forma criativa e reflexiva, os educadores podem capacitar os alunos a se tornarem pensadores críticos, éticos e autônomos, preparando-os para enfrentar os desafios complexos do século XXI com sabedoria e compreensão”.

Ao explorar a integração entre psicanálise e filosofia na educação básica, é essencial considerar os desafios práticos e éticos que surgem nesse processo. Como afirmou Freud (2001, p. 113), “O trabalho de educar é lento e árduo, e as crianças infelizmente crescem para se tornarem iguais aos seus pais”. Isso ressalta a importância de uma abordagem cuidadosa e reflexiva por parte dos educadores ao lidar com as questões emocionais e psicológicas dos educandos.

Uma das questões importantes a serem consideradas é como adaptar os conceitos psicanalíticos complexos para torná-los acessíveis e relevantes para os educandos da educação básica. Como observou Lacan (1998, p. 56), “O inconsciente é estruturado como uma linguagem”. Isso sugere que a linguagem e a comunicação desempenham um papel fundamental na compreensão dos processos psíquicos, destacando a importância de uma abordagem interdisciplinar que integre a psicanálise com outras disciplinas, como a linguística e a filosofia.

Outra questão-chave é como equilibrar a liberdade de expressão dos educandos com a necessidade de manter um ambiente de aprendizagem respeitoso e produtivo. Como afirmou Freud (2010, p. 78), “O ego não é mestre em sua própria casa”. Isso sugere que os impulsos e desejos inconscientes podem influenciar o comportamento consciente dos educandos, tornando essencial a criação de estruturas e limites claros que promovam o respeito mútuo e a colaboração.

Além disso, é importante reconhecer que nem todos os educandos estarão familiarizados ou confortáveis com a abordagem psicanalítica. Conforme observou Lacan (1981, p. 29), “O sujeito é constituído pela linguagem”. Isso implica que a compreensão de si mesmo e dos outros está profundamente enraizada na linguagem e na cultura, destacando a importância de uma

abordagem culturalmente sensível e inclusiva que respeite a diversidade de experiências e perspectivas dos alunos.

Por fim, é fundamental avaliar continuamente o impacto dessa abordagem integrada na aprendizagem e no bem-estar dos educandos. Como afirmou Freud (2003, p. 91), “Não há coincidências na vida”. Isso sugere que cada interação e experiência de aprendizagem tem o potencial de influenciar o desenvolvimento dos alunos, tornando essencial uma avaliação cuidadosa e reflexiva que leve em consideração não apenas o desempenho acadêmico, mas também o bem-estar emocional e psicológico dos educandos.

2.2.1 A relação entre psicanálise e educação

A relação entre psicanálise e educação é um campo fértil para reflexões e estudos, pois envolve a interseção de duas disciplinas fundamentais para o desenvolvimento humano. A psicanálise, originada a partir dos estudos e práticas clínicas de Sigmund Freud, tem como objetivo principal compreender os processos mentais inconscientes que influenciam o comportamento humano (Freud, 1915). Por outro lado, a educação busca promover o aprendizado e o desenvolvimento integral dos indivíduos, fornecendo-lhes as ferramentas necessárias para compreender o mundo e se tornar cidadãos autônomos e críticos (Vygotsky, 1978).

No cerne dessa relação está a compreensão da importância dos processos psicológicos e emocionais na aprendizagem e no desenvolvimento humano. A psicanálise oferece insights valiosos sobre como as experiências infantis, as relações interpessoais e os conflitos internos podem influenciar o comportamento e o desempenho acadêmico dos educandos. Por exemplo, a teoria freudiana do desenvolvimento psicosssexual, que descreve as diferentes fases do desenvolvimento infantil, pode ajudar os educadores a entenderem as necessidades e os desafios enfrentados pelos alunos em cada etapa do seu crescimento (Freud, 1996).

Além disso, a psicanálise também lança luz sobre os mecanismos de defesa psicológica que os sujeitos utilizam para lidar com o estresse, a ansiedade e os conflitos emocionais. Esses mecanismos podem influenciar diretamente o desempenho acadêmico e a relação dos educandos com o ambiente escolar. Por exemplo, um educando que utiliza a negação como mecanismo de defesa pode ter dificuldade em reconhecer e enfrentar seus próprios desafios acadêmicos, enquanto um discente que utiliza a projeção pode ter dificuldade em se relacionar de forma saudável com seus colegas e professores (Klein, 2016).

Além das contribuições de Freud, outros teóricos psicanalíticos, como Jacques Lacan, Melanie Klein e Donald Winnicott, também ofereceram insights valiosos para a compreensão da relação entre psicanálise e educação. Lacan, por exemplo, desenvolveu a teoria do espelho, que descreve como a criança constrói sua identidade a partir da imagem refletida pelos outros, especialmente pelos pais e educadores. Essa teoria tem importantes implicações para a prática educacional, pois destaca a importância do reconhecimento e da valorização da identidade única de cada aluno (Lacan, 2008).

Outro aspecto importante da relação entre psicanálise e educação diz respeito à formação dos educadores. A psicanálise pode oferecer aos professores uma compreensão mais profunda dos processos mentais e emocionais envolvidos no ensino e na aprendizagem, capacitando-os a desenvolver estratégias mais eficazes para lidar com as necessidades e os desafios dos educandos. Por exemplo, um professor que compreende os mecanismos de defesa psicológica pode ser mais capaz de identificar e intervir em problemas de comportamento ou dificuldades de aprendizagem dos alunos (Winnicott, 1960).

Além das teorias já mencionadas, é crucial reconhecer a importância das intervenções psicanalíticas em situações específicas de sala de aula. Por exemplo, Winnicott introduziu o conceito de “espaço potencial”, que é um espaço intermediário onde as crianças podem explorar suas fantasias e realidades de forma segura. Este conceito pode ser aplicado em práticas pedagógicas, onde os professores criam ambientes que permitem aos alunos expressarem suas emoções e pensamentos de maneira controlada, facilitando um melhor entendimento de si mesmos e dos outros (Silva, 2020).

A aplicação prática da psicanálise na educação também pode ser vista na maneira como os professores abordam a disciplina e a gestão comportamental. Por exemplo, ao invés de apenas punir comportamentos inadequados, os educadores podem utilizar técnicas de interpretação e intervenção psicanalítica para entender as causas subjacentes desses comportamentos. Essa abordagem pode resultar em intervenções mais eficazes e em uma melhor relação professor-aluno, promovendo um ambiente de aprendizagem mais harmonioso e produtivo (Fernandes, 2021).

Além disso, a psicanálise pode fornecer ferramentas valiosas para a compreensão e abordagem das dinâmicas de grupo na sala de aula. Freud e subsequentemente outros teóricos como Bion, discutiram a importância dos processos inconscientes em grupos. Entender essas dinâmicas pode ajudar os professores a identificar e lidar com tensões e conflitos grupais, promovendo uma cooperação e uma dinâmica de grupo mais saudável. Isso é particularmente

relevante em contextos educacionais onde a colaboração e o trabalho em equipe são essenciais (Oliveira, 2021).

Um outro ponto relevante é a contribuição da psicanálise para a inclusão de educandos com necessidades especiais. A abordagem psicanalítica pode ajudar os educadores a desenvolver uma compreensão mais profunda das experiências subjetivas desses educandos, permitindo a criação de estratégias educacionais mais personalizadas e eficazes. Por exemplo, educandos com autismo ou transtornos emocionais podem se beneficiar de uma abordagem que leve em consideração suas experiências internas e a maneira como percebem o mundo, ajudando-os a se integrar melhor no ambiente escolar (Klein, 1991).

Além disso, a psicanálise pode enriquecer a formação ética dos educadores. Compreender os processos inconscientes que influenciam o comportamento humano pode ajudar os professores a refletirem sobre suas próprias práticas pedagógicas e as implicações éticas de suas ações. Por exemplo, a transferência e contratransferência – conceitos fundamentais na psicanálise – podem fornecer insights sobre as relações de poder na sala de aula e ajudar os professores a agir de maneira mais justa e empática com seus alunos (Freud, 2010).

Finalmente, é importante destacar o papel da psicanálise na formação contínua dos educadores. A prática reflexiva, inspirada pelos princípios psicanalíticos, pode ser uma ferramenta poderosa para o desenvolvimento profissional. Ao engajar-se em uma auto-reflexão contínua e supervisionada, os educadores podem melhorar suas práticas pedagógicas, desenvolver uma maior compreensão de suas próprias reações emocionais e comportamentos, e, assim, melhorar suas interações com os alunos. Esta abordagem contínua de desenvolvimento profissional pode promover uma educação mais eficaz e humanizada (Kupfer, 1997).

Em suma, a relação entre psicanálise e educação é complexa e multifacetada, envolvendo uma série de teorias, conceitos e práticas que podem enriquecer significativamente a experiência educacional do educando. Ao integrar os insights da psicanálise à prática educacional, os educadores podem promover um ambiente de aprendizagem mais acolhedor, inclusivo e estimulante, que respeite a singularidade de cada educando e promova o seu desenvolvimento integral.

2.2.2 A Relação Sujeito, Desejo e Inconsciente no processo de ensino e aprendizagem de filosofia para adolescentes e jovens

A interseção entre sujeito, desejo e inconsciente revela-se de suma importância no processo de ensino e aprendizagem de filosofia, especialmente quando se trata de adolescentes e jovens. Ao adentrar o universo das questões filosóficas complexas, os discentes são convocados a refletir sobre suas próprias identidades, desejos e valores, desencadeando um profundo processo de autoconhecimento e autoconsciência (FREUD, 1915/1974). Nesse contexto, a filosofia emerge não apenas como um campo de saber, mas como um instrumento de autodescoberta, propiciando aos jovens um caminho para a introspecção e para a compreensão das forças inconscientes que delineiam suas existências.

O conceito de desejo, central na teoria psicanalítica, constitui uma ferramenta poderosa para desvendar as motivações subjacentes ao interesse dos educandos pela filosofia. Lacan (1966) nos ensina que o desejo é estruturado pela linguagem, e, nesse contexto, os educadores podem se beneficiar ao investigar o que atrai os alunos para a disciplina filosófica. Essa análise permite adaptar a abordagem pedagógica para tornar o conteúdo não apenas mais relevante, mas profundamente envolvente, promovendo um engajamento que transcende a mera curiosidade acadêmica, alcançando o cerne das aspirações e inquietações dos estudantes.

Ademais, o inconsciente, tal como concebido por Freud, funciona como um vasto repositório de desejos e impulsos que, embora frequentemente desconhecidos pelo sujeito, influenciam decisivamente seu comportamento e suas reações. No âmbito educacional, reconhecer a influência do inconsciente pode auxiliar os educadores a compreenderem melhor as respostas dos educandos ao conteúdo filosófico, permitindo ajustes pedagógicos que ressoem mais profundamente com as experiências internas dos jovens (Freud, 1976). Para os adolescentes, o ensino de filosofia se configura como uma oportunidade singular de explorar questões existenciais e éticas que são fundamentais para o desenvolvimento humano. A análise de textos filosóficos clássicos e contemporâneos possibilita aos discentes confrontar suas próprias crenças e valores, promovendo uma compreensão mais robusta de si mesmos e do mundo que os cerca.

Contudo, o ensino de filosofia apresenta desafios significativos para os adolescentes, que frequentemente se encontram em um período de intensa formação de identidade e autoafirmação. A interação com ideias filosóficas pode desencadear conflitos internos enquanto os discentes tentam reconciliar suas visões de mundo com as perspectivas apresentadas pelos filósofos (Lacan, 1964). Nesse sentido, a relação entre sujeito, desejo e inconsciente torna-se

especialmente relevante, influenciando não apenas o interesse dos alunos pela filosofia, mas também a maneira como eles se relacionam com o conteúdo filosófico. Os desejos inconscientes podem colorir as percepções e interpretações das ideias filosóficas, mobilizando assim a compreensão e o engajamento dos discentes com o material (Freud, 2019).

Contudo, o ensino de filosofia apresenta desafios significativos para os adolescentes, que frequentemente se encontram em um período de intensa formação de identidade e autoafirmação. A interação com ideias filosóficas pode desencadear conflitos internos enquanto os discentes tentam reconciliar suas visões de mundo com as perspectivas apresentadas pelos filósofos (Lacan, 1998). Nesse sentido, a relação entre sujeito, desejo e inconsciente torna-se especialmente relevante, influenciando não apenas o interesse dos alunos pela filosofia, mas também a maneira como eles se relacionam com o conteúdo filosófico. Os desejos inconscientes podem colorir as percepções e interpretações das ideias filosóficas, mobilizando assim a compreensão e o engajamento dos discentes com o material (Freud, 2019).

Além disso, a dinâmica da sala de aula e as interações entre alunos e professores são profundamente afetadas pela relação entre sujeito, desejo e inconsciente. Os desejos e impulsos inconscientes dos educandos podem se manifestar em comportamentos disruptivos ou em um aparente desinteresse pelo conteúdo, criando desafios significativos para o ambiente de aprendizagem e exigindo uma abordagem pedagógica sensível e perspicaz por parte do educador. Por outro lado, os educadores que compreendem a dinâmica do desejo e do inconsciente podem criar ambientes de aprendizagem mais estimulantes e enriquecedores. Ao reconhecer e canalizar os desejos dos alunos em direção ao aprendizado, os educadores promovem um engajamento mais significativo e uma compreensão mais profunda do conteúdo filosófico (Freud, 2014).

A relação entre sujeito, desejo e inconsciente desempenha, portanto, um papel central no processo de ensino e aprendizagem de filosofia para adolescentes e jovens. A compreensão desses elementos permite aos educadores criar ambientes educacionais mais eficazes, que promovem o desenvolvimento intelectual e emocional dos educandos de maneira profunda e significativa. Além disso, essa relação fornece insights valiosos sobre os diferentes estilos de aprendizagem dos educandos. Cada indivíduo carrega uma bagagem única de experiências, desejos e impulsos inconscientes que moldam sua abordagem à educação e ao processo de aprendizagem (Lacan, 1996).

Por exemplo, alguns educandos podem ser mais receptivos a uma abordagem filosófica analítica, que enfatiza a lógica e a racionalidade dos conceitos, enquanto outros podem se sentir mais atraídos pela filosofia existencialista, que aborda questões de significado e propósito de

uma maneira mais subjetiva e emocional (Lacan, 1966). A relação entre sujeito, desejo e inconsciente também influencia a maneira como os discentes respondem aos desafios e obstáculos no processo de aprendizagem. Um educando que resiste a aprender um conceito filosófico pode estar agindo sob a influência de impulsos inconscientes de auto-sabotagem ou medo do desconhecido (Freud, 2019).

Nesse contexto, os educadores desempenham um papel crucial ao ajudar os educandos a reconhecer e superar essas barreiras inconscientes ao aprendizado. Criar um ambiente de apoio e compreensão permite que os educandos se sintam mais seguros para explorar conceitos filosóficos desafiadores e desenvolver uma compreensão mais profunda do material. Além disso, a relação entre sujeito, desejo e inconsciente influencia as interações sociais dos discentes com seus pares na sala de aula. Os desejos inconscientes de reconhecimento, aceitação e poder podem moldar as dinâmicas sociais e afetar a capacidade dos educandos de colaborar e trabalhar em grupo (Lacan, 1998).

Por outro lado, uma compreensão mais profunda da dinâmica do desejo e do inconsciente pode permitir que os educandos desenvolvam relações mais autênticas e significativas com seus colegas. Ao reconhecer e compreender os impulsos inconscientes por trás de suas próprias ações e reações, os discentes podem cultivar maior empatia e compaixão pelos outros (Lacan, 1996). A relação entre sujeito, desejo e inconsciente também pode influenciar a maneira como os educandos se relacionam com o conhecimento filosófico em um nível pessoal e emocional. Os desejos inconscientes de compreensão, sentido e significado podem impulsionar os discentes a se envolverem mais profundamente com os textos filosóficos e a buscar respostas para questões existenciais e éticas (Freud, 2014).

Nesse sentido, os educadores têm a oportunidade de ajudar os educandos a explorar e dar sentido aos seus próprios desejos e impulsos inconscientes através do estudo da filosofia. Ao proporcionar um espaço seguro e acolhedor para a reflexão e discussão, os educadores proporcionam aos discentes a oportunidade de desenvolver uma relação mais consciente e significativa com o conhecimento filosófico e com eles mesmos (Lacan, 1998).

A integração desses conceitos psicanalíticos no ensino de filosofia também pode ser instrumental na formação de uma consciência crítica e reflexiva entre os jovens. Ao entenderem os mecanismos inconscientes que influenciam suas percepções e decisões, os educandos podem desenvolver uma postura mais crítica em relação às narrativas dominantes e aos valores sociais, promovendo uma autonomia intelectual e moral (Freud, 2019).

Além disso, a abordagem psicanalítica no ensino de filosofia pode promover um ambiente educacional mais inclusivo e respeitoso. Ao reconhecer e valorizar a diversidade das

experiências inconscientes e dos desejos dos educandos, os educadores podem fomentar uma cultura de respeito e compreensão mútua, essencial para a convivência democrática e a justiça social (Lacan, 1966).

Ademais, a formação contínua dos educadores em conceitos psicanalíticos pode enriquecer suas práticas pedagógicas, permitindo-lhes adotar uma postura mais empática e compreensiva em relação aos desafios emocionais e psicológicos enfrentados pelos educandos. Workshops, seminários e grupos de estudo sobre psicanálise e educação podem ser recursos valiosos para o desenvolvimento profissional dos docentes, capacitando-os a integrar essas perspectivas em sua prática cotidiana (Freud, 2014).

Em última instância, a relação entre sujeito, desejo e inconsciente no processo de ensino e aprendizagem de filosofia não só enriquece o currículo educacional, mas também contribui para a formação integral dos educandos, preparando-os para enfrentar os desafios complexos do mundo contemporâneo com maior sensibilidade e compreensão. A filosofia, aliada à psicanálise, torna-se uma poderosa ferramenta para a emancipação intelectual e emocional dos jovens, promovendo um desenvolvimento humano pleno e significativo (Lacan, 1998).

Assim, ao aprofundar a compreensão desses conceitos e suas implicações para a educação, os educadores podem transformar a experiência de aprendizagem em um processo verdadeiramente libertador, que capacite os educandos a se tornarem pensadores críticos, cidadãos conscientes e indivíduos plenamente realizados (Freud, 2019).

2.2.3 Como os conceitos psicanalíticos de Sujeito, Desejo e Inconsciente podem contribuir na formação docente para o ensino de filosofia na educação básica?

A formação docente para o ensino de filosofia na educação básica pode se beneficiar significativamente da incorporação dos conceitos psicanalíticos de sujeito, desejo e inconsciente. Esses conceitos oferecem uma perspectiva única sobre o funcionamento da mente humana e as dinâmicas que influenciam o processo de aprendizagem dos alunos. Ao compreender o sujeito como um ser complexo, influenciado por desejos conscientes e inconscientes, os professores podem desenvolver uma abordagem mais sensível e inclusiva para atender às necessidades subjetivas dos educandos em sala de aula. Isso envolve reconhecer a singularidade de cada discente e adaptar as estratégias de ensino de acordo com suas características psicológicas (Lacan, 1996).

O conceito de desejo na psicanálise também é fundamental para a formação docente, pois destaca a importância de reconhecer e compreender as motivações subjacentes ao

comportamento dos educandos. Ao considerar os desejos dos discentes em suas práticas pedagógicas, os professores podem criar um ambiente de aprendizagem mais estimulante e significativo. Além disso, a noção de inconsciente na psicanálise lança luz sobre os processos mentais que ocorrem abaixo do nível de consciência e podem influenciar o comportamento e as percepções dos educandos. Os professores que estão cientes da influência do inconsciente podem ser mais receptivos às necessidades emocionais dos alunos e mais capazes de lidar com questões como ansiedade, resistência ao aprendizado e conflitos interpessoais (Freud, 2010).

Na formação docente, é essencial que os professores sejam incentivados a refletir sobre sua própria subjetividade e seus desejos em relação ao ensino e à educação. Ao compreender seus próprios desejos e motivações, os professores podem desenvolver uma prática reflexiva mais profunda e uma consciência crítica de como esses aspectos subjetivos podem influenciar sua relação com os educandos e sua abordagem ao ensino (Lacan, 1964). Os conceitos psicanalíticos de sujeito, desejo e inconsciente também podem informar as estratégias de ensino de filosofia, ajudando os professores a apresentar o material de uma maneira mais envolvente e relevante para os discentes. Ao reconhecer os desejos e motivações subjacentes aos temas filosóficos, os professores podem tornar o conteúdo mais acessível e cativante para os alunos, promovendo assim um engajamento mais profundo (Freud, 1915).

Destarte, a compreensão dos processos inconscientes pode ajudar os professores a identificar e lidar com possíveis resistências dos educandos ao ensino de filosofia. Ao reconhecer que a resistência pode ser causada por questões emocionais e psicológicas subjacentes, os professores podem abordar essas questões de maneira mais eficaz e ajudar os educandos a superar suas barreiras ao aprendizado. No contexto da formação docente, é importante que os professores tenham a oportunidade de explorar criticamente os conceitos psicanalíticos e refletir sobre como podem ser aplicados em sua prática pedagógica. Isso envolve não apenas o estudo teórico dos conceitos, mas também a reflexão sobre suas próprias experiências e a discussão de casos práticos que exemplifiquem sua aplicação na sala de aula (Lacan, 1998).

Destarte, os conceitos psicanalíticos podem informar as estratégias de avaliação dos professores, permitindo-lhes compreender melhor as motivações e os processos mentais dos educandos durante a aprendizagem. Ao avaliar não apenas o conhecimento adquirido pelos discentes, mas também seus processos de pensamento e suas reações emocionais ao material, os professores podem obter uma visão mais abrangente do progresso e das necessidades individuais dos educandos. Em resumo, os conceitos psicanalíticos de sujeito, desejo e inconsciente podem desempenhar um papel fundamental na formação docente para o ensino de

filosofia na educação básica. Ao incorporar esses conceitos em sua prática pedagógica, os professores podem desenvolver uma abordagem mais sensível, inclusiva e eficaz para atender às necessidades individuais dos educandos e promover um ambiente de aprendizagem mais estimulante e significativo (Lacan, 1964).

Ademais, os conceitos psicanalíticos podem ajudar os professores a compreender as dinâmicas de poder e autoridade presentes na sala de aula. O desejo de poder e reconhecimento pode influenciar as interações entre educandos e professores, moldando assim o ambiente de aprendizagem. Ao reconhecer e compreender essas dinâmicas, os professores podem criar um ambiente mais democrático e participativo, onde os discentes se sintam valorizados e empoderados em seu processo de aprendizagem (Freud, 2010). A formação docente que incorpora os conceitos psicanalíticos também pode ajudar os professores a lidar com questões éticas e morais no ensino de filosofia. Ao compreender os dilemas morais enfrentados pelos educandos e os conflitos éticos subjacentes aos temas filosóficos, os professores podem orientar os educandos em suas reflexões éticas e promover uma abordagem crítica e responsável ao conhecimento filosófico (Lacan, 1996).

Deste modo, os conceitos psicanalíticos podem informar as estratégias de comunicação dos professores, permitindo-lhes uma comunicação mais eficaz e empática com os discentes. Ao reconhecer e validar as experiências emocionais dos educandos, os professores podem criar um ambiente de aprendizagem mais acolhedor e inclusivo, onde os educandos se sintam confortáveis para expressar suas ideias e opiniões. A formação docente para o ensino de filosofia na educação básica também pode se beneficiar da compreensão dos estágios de desenvolvimento psicosssexual propostos por Freud. Ao reconhecer as diferentes necessidades e desafios enfrentados pelos discentes em cada estágio de desenvolvimento, os professores podem adaptar suas práticas pedagógicas para atender às necessidades individuais dos educandos em diferentes fases de suas vidas (Freud, 2010).

Conquanto, os conceitos psicanalíticos podem informar as estratégias de gestão de sala de aula dos professores, permitindo-lhes lidar de forma mais eficaz com questões comportamentais e disciplinares. Ao compreender as motivações subjacentes ao comportamento dos educandos, os professores podem abordar as questões de maneira mais empática e construtiva, promovendo assim um ambiente de aprendizagem mais positivo e produtivo (Lacan, 1964). A formação docente que incorpora os conceitos psicanalíticos também pode ajudar os professores a desenvolver uma consciência mais profunda de seu papel como modelos e influenciadores para os discentes. Ao reconhecer o impacto de suas próprias atitudes e comportamentos no processo de aprendizagem dos discentes, os professores podem

se esforçar para serem modelos positivos e inspiradores para os educandos, incentivando-os a buscar o conhecimento e a excelência.

Destarte, os conceitos psicanalíticos podem informar as estratégias de intervenção dos professores em situações de conflito e crise na sala de aula. Ao compreender as raízes emocionais e psicológicas dos conflitos, os professores podem ajudar os educandos a encontrar soluções construtivas para seus problemas e a desenvolver habilidades de resolução de conflitos (Freud, 1917). A formação docente para o ensino de filosofia na educação básica também pode se beneficiar da compreensão dos mecanismos de defesa propostos por Freud. Ao reconhecer os diferentes mecanismos de defesa utilizados pelos discentes para lidar com o estresse e a ansiedade, os professores podem ajudá-los a desenvolver estratégias mais adaptativas e saudáveis para lidar com os desafios da vida e do aprendizado (Lacan, 1996).

Além disso, os conceitos psicanalíticos podem informar as estratégias de planejamento e avaliação dos professores, permitindo-lhes desenvolver atividades e avaliações que promovam o desenvolvimento integral dos educandos. Ao considerar as necessidades emocionais e psicológicas dos discentes em seu planejamento, os professores podem criar um currículo mais holístico e significativo que atenda às necessidades individuais dos educandos. Em resumo, os conceitos psicanalíticos de sujeito, desejo e inconsciente podem contribuir significativamente na formação docente para o ensino de filosofia na educação básica. Ao incorporar esses conceitos em sua prática pedagógica, os professores podem desenvolver uma abordagem mais sensível, inclusiva e eficaz para atender às necessidades subjetivas dos educandos e promover um ambiente de aprendizagem mais estimulante e significativo (Lacan, 1964).

Deste modo, para complementar essa formação, é essencial que os programas de capacitação docente incluam módulos específicos sobre psicanálise e sua aplicação na educação. Esses módulos devem abordar tanto a teoria quanto a prática, proporcionando aos futuros professores ferramentas concretas para integrar os princípios psicanalíticos em suas salas de aula. Além disso, é recomendável que os professores participem de supervisões e grupos de estudos continuados, nos quais possam discutir casos práticos e compartilhar experiências, enriquecendo ainda mais sua compreensão dos processos psicanalíticos e suas implicações pedagógicas (Freud, 2010).

Ademais, a integração da psicanálise na formação docente também pode incentivar uma maior inovação nas metodologias de ensino de filosofia. Os educadores podem explorar abordagens pedagógicas que vão além da tradicional exposição teórica, incorporando atividades que promovam a reflexão pessoal e a exploração dos desejos inconscientes dos

discentes. Técnicas como dramatizações, discussões em grupo e projetos de investigação podem ser utilizadas para criar um ambiente de aprendizagem mais dinâmico e interativo (Lacan, 1977).

Portanto, a compreensão dos conceitos psicanalíticos pode contribuir para o desenvolvimento de currículos mais inclusivos e diversificados. Ao reconhecer a importância das experiências subjetivas e das diferenças individuais, os educadores podem desenvolver materiais didáticos que refletem a diversidade de pensamentos e experiências dos discentes. Isso não apenas enriquece o aprendizado, mas também promove um ambiente de respeito e valorização da diversidade, essencial para a formação de cidadãos conscientes e críticos (Freud, 2001).

Os benefícios da incorporação dos conceitos psicanalíticos na formação docente se estendem também à saúde mental dos professores. A prática pedagógica, muitas vezes desafiadora e estressante, pode ser enriquecida com uma compreensão mais profunda dos próprios processos inconscientes dos educadores. A autorreflexão e a análise pessoal, inspiradas pela psicanálise, podem ajudar os professores a lidar melhor com o estresse e a desenvolver estratégias mais eficazes para manter o equilíbrio emocional, contribuindo para uma prática pedagógica mais sustentável e satisfatória (Winnicott, 1983).

Em última análise, a formação docente que integra os conceitos de sujeito, desejo e inconsciente pode transformar profundamente o ensino de filosofia na educação básica. Essa abordagem não apenas melhora a eficácia pedagógica, mas também enriquece a experiência educacional dos educandos, preparando-os para se tornarem pensadores críticos, cidadãos éticos e subjetivos emocionalmente conscientes. A filosofia, quando ensinada com uma compreensão profunda dos processos psicanalíticos, torna-se uma ferramenta poderosa para a emancipação intelectual e o desenvolvimento integral dos jovens (Lacan, 1964).

2.3 Intervenção prática: proposta de abordagens psicanalíticas em sala por parte de docentes no ensino de filosofia na educação básica

A intervenção prática dos docentes no ensino de filosofia na educação básica pode ser significativamente enriquecida pela incorporação de abordagens psicanalíticas em sala de aula. Essas abordagens oferecem uma maneira única de compreender e lidar com as complexidades da mente humana, proporcionando aos professores ferramentas adicionais para promover um ambiente de aprendizagem mais estimulante e inclusivo (Freud, 2010). Integrar a psicanálise na pedagogia filosófica permite que os discentes não apenas absorvam conhecimento, mas também desenvolvam uma compreensão mais profunda de si mesmos e das forças inconscientes que influenciam suas vidas.

Ademais, uma proposta para a intervenção prática dos docentes pode envolver a integração de discussões psicanalíticas sobre o inconsciente, o desejo e a formação do sujeito em atividades de ensino de filosofia. Por exemplo, os professores podem conduzir discussões em sala de aula sobre como os desejos inconscientes influenciam nossas crenças, valores e escolhas éticas, explorando assim temas filosóficos como livre-arbítrio e determinismo (Lacan, 1966). Ao promover um espaço onde essas discussões possam ocorrer, os educadores ajudam os educandos a conectar teorias filosóficas abstratas com suas próprias experiências de vida, tornando o aprendizado mais relevante e pessoal.

Outrossim, os professores podem utilizar o método socrático de questionamento para estimular reflexões profundas sobre os desejos e motivações dos alunos em relação aos conceitos filosóficos discutidos em sala de aula. Essa abordagem permite que os alunos examinem suas próprias crenças e valores à luz dos conceitos psicanalíticos, promovendo assim uma compreensão mais profunda de si mesmos e do mundo ao seu redor (Freud, 1996). O método socrático, ao encorajar o questionamento contínuo e a reflexão crítica, ajuda os educandos a desenvolverem habilidades de pensamento crítico e a explorarem as camadas mais profundas de suas próprias mentes.

Não obstante, outra forma de intervenção prática dos docentes pode ser a incorporação de técnicas de análise de sonhos em atividades de ensino de filosofia. Os professores podem convidar os alunos a analisar seus próprios sonhos e discutir as possíveis conexões entre os conteúdos dos sonhos e os temas filosóficos abordados em sala de aula. Isso pode ajudar os alunos a explorar suas próprias questões e preocupações pessoais de uma maneira mais profunda e reflexiva (Freud, 2010). A análise dos sonhos pode revelar desejos e medos

inconscientes, proporcionando uma rica fonte de material para discussão filosófica e autoexploração.

Portanto, os professores podem utilizar a interpretação de textos filosóficos à luz dos conceitos psicanalíticos como uma forma de promover uma compreensão mais rica e complexa dos temas discutidos em sala de aula. Por exemplo, os educandos podem ser convidados a analisar um texto filosófico clássico sob a perspectiva da teoria do inconsciente de Freud, explorando assim as possíveis camadas de significado e as motivações subjacentes aos argumentos apresentados pelo autor (Lacan, 1964). Essa abordagem não só enriquece a interpretação dos textos, mas também incentiva os educandos a pensar criticamente sobre a natureza da consciência e da experiência humana.

Adicionalmente, a prática docente pode ainda se beneficiar do uso de técnicas dramatúrgicas inspiradas na psicanálise, como a encenação de diálogos filosóficos que incorporam elementos de desejo e conflito inconscientes. Ao representar personagens filosóficos e seus dramas, os educandos podem vivenciar de maneira tangível os dilemas éticos e existenciais, facilitando uma compreensão mais profunda e empática das questões abordadas (Winnicott, 1960). Essa abordagem ativa o envolvimento emocional dos educandos, tornando o aprendizado uma experiência viva e interativa.

Nesse contexto, outro aspecto importante é a utilização de narrativas pessoais e autobiográficas em atividades de ensino. Os educandos podem ser incentivados a escrever e compartilhar relatos de suas próprias vidas que reflitam temas filosóficos e psicanalíticos, como a busca pelo sentido, os conflitos morais e a influência dos desejos inconscientes. Este exercício não apenas fortalece a conexão entre a teoria e a experiência pessoal, mas também promove um ambiente de sala de aula onde a vulnerabilidade e a autenticidade são valorizadas (Miller, 2010).

Além disso, a integração de técnicas de *mindfulness* e meditação, inspiradas pela compreensão psicanalítica da mente, pode também ser uma ferramenta poderosa no ensino de filosofia. Ao cultivar a consciência do momento presente e a introspecção, os educandos podem desenvolver uma maior clareza sobre seus próprios processos mentais e emocionais, o que pode enriquecer suas reflexões filosóficas e sua capacidade de engajamento crítico (Freud, 1923). Estas práticas ajudam a criar um espaço mental calmo e focado, propício para a aprendizagem e a reflexão profunda.

Outrossim, além dessas estratégias, a criação de um ambiente de sala de aula que valorize e promova a escuta ativa e empática é fundamental. Os professores podem modelar e ensinar habilidades de comunicação que permitem aos educandos expressarem seus

pensamentos e sentimentos de maneira autêntica e respeitosa, reconhecendo e validando as experiências emocionais uns dos outros (Lacan, 1966). Este tipo de ambiente não só facilita o aprendizado cognitivo, mas também o crescimento emocional e social dos discentes.

Por fim, a avaliação reflexiva pode ser uma ferramenta poderosa para integrar a psicanálise no ensino de filosofia. Ao invés de se concentrar apenas na avaliação de conhecimentos objetivos, os professores podem incorporar reflexões sobre o processo de aprendizagem, incentivando os educandos a explorarem como suas próprias percepções, emoções e desejos influenciaram sua compreensão dos temas filosóficos. Esta prática promove uma autoavaliação contínua e uma maior consciência do próprio processo de aprendizado (Lacan, 1998).

Em suma, a intervenção prática dos docentes no ensino de filosofia pode ser profundamente enriquecida pela incorporação de abordagens psicanalíticas. Essas abordagens não apenas proporcionam uma compreensão mais profunda da mente humana, mas também promovem um ambiente de aprendizagem mais inclusivo e estimulante. Ao integrar conceitos psicanalíticos como o inconsciente, o desejo e a formação do sujeito, os professores podem criar experiências educacionais que são intelectualmente desafiadoras e emocionalmente enriquecedoras, preparando os educandos para se tornarem pensadores críticos e cidadãos conscientes (Freud, 2010).

2.3.1 Estratégias Práticas para Implementação

Uma abordagem prática adicional pode envolver a utilização de estudos de caso clínicos em sala de aula para ilustrar os conceitos psicanalíticos em ação. Os professores podem apresentar casos clínicos de pacientes que enfrentam questões relacionadas à identidade, ao desejo e ao conflito, e convidar os discentes a analisar esses casos à luz dos conceitos discutidos em suas aulas de filosofia. Isso pode ajudar os educandos a entender como os conceitos psicanalíticos se aplicam à vida real e como podem ser úteis para compreender suas próprias experiências (Freud, 1923). Ao trabalhar com estudos de caso, os discentes têm a oportunidade de aplicar teorias filosóficas e psicanalíticas a situações concretas, desenvolvendo habilidades de análise crítica e resolução de problemas.

Além disso, os professores podem incorporar exercícios de escrita reflexiva em suas práticas de ensino de filosofia, convidando os discentes a refletir sobre suas próprias experiências à luz dos conceitos psicanalíticos discutidos em sala de aula. Por exemplo, os educandos podem ser convidados a escrever ensaios pessoais explorando como seus desejos e

motivações influenciam suas escolhas e comportamentos, e como isso se relaciona com os temas filosóficos discutidos em suas aulas (Freud, 2010). Esse tipo de exercício não apenas fortalece as habilidades de escrita e reflexão dos educandos, mas também promove um autoconhecimento mais profundo e uma maior conscientização das dinâmicas internas que moldam suas vidas.

Ademais, uma intervenção prática adicional pode envolver a utilização de grupos de discussão em sala de aula para explorar questões emocionais e psicológicas relacionadas aos temas filosóficos discutidos. Os professores podem facilitar discussões em grupo sobre como os educandos se sentem em relação aos temas abordados, incentivando-os a compartilhar suas próprias experiências e perspectivas. Isso pode ajudar os discentes a desenvolver uma compreensão mais profunda de si mesmos e dos outros, promovendo assim um senso de empatia e compreensão mútua (Lacan, 1966). Grupos de discussão permitem que os educandos expressem suas ideias e sentimentos em um ambiente seguro e apoiador, enriquecendo o processo de aprendizagem por meio da troca de experiências e pontos de vista diversos.

Além disso, os professores podem utilizar atividades de dramatização em sala de aula para explorar questões emocionais e psicológicas relacionadas aos temas filosóficos discutidos. Por exemplo, os educandos podem ser convidados a encenar situações hipotéticas que envolvem conflitos éticos ou dilemas morais, explorando assim as emoções e motivações subjacentes aos comportamentos dos personagens. Isso pode ajudar os discentes a desenvolver uma compreensão mais profunda das questões filosóficas discutidas em suas aulas, bem como a promover habilidades de empatia e comunicação (Freud, 1917). A dramatização permite que os educandos vivenciem de forma ativa e dinâmica os dilemas filosóficos, facilitando uma compreensão mais visceral e engajada dos conceitos abordados.

Outrossim, outra técnica valiosa é a utilização de metáforas e símbolos para abordar conceitos psicanalíticos e filosóficos complexos. Os professores podem usar histórias, mitos e lendas como veículos para explorar temas como o inconsciente, o desejo e a identidade. Ao trabalhar com essas narrativas, os discentes podem desenvolver uma compreensão mais intuitiva e simbólica dos conceitos discutidos, conectando-os de maneira mais profunda às suas próprias experiências e imaginários (Freud, 1930).

Além disso, a prática de debates filosóficos também pode ser enriquecida pela integração da psicanálise. Ao estruturar debates em torno de temas como o livre-arbítrio versus determinismo ou a natureza do desejo, os professores podem encorajar os educandos a considerar as motivações inconscientes que podem influenciar suas posições e argumentos. Isso

não só torna os debates mais profundos e nuançados, mas também ajuda os educandos a desenvolver uma maior autoconsciência e habilidades críticas (Lacan, 1964).

Ademais, os professores também podem incorporar a análise de obras de arte e literatura em suas aulas para ilustrar conceitos psicanalíticos e filosóficos. Através da interpretação de pinturas, filmes, poemas e romances, os educandos podem explorar como artistas e escritores têm expressado e investigado temas como a identidade, o desejo e o inconsciente. Essa abordagem interdisciplinar enriquece a compreensão dos educandos, mostrando como as ideias filosóficas e psicanalíticas permeiam diversas formas de expressão cultural (Freud, 1915).

Portanto, é essencial que os professores recebam formação contínua e supervisão para desenvolver suas habilidades na integração da psicanálise com o ensino de filosofia. Programas de desenvolvimento profissional que incluam workshops, seminários e grupos de estudo podem fornecer aos educadores as ferramentas teóricas e práticas necessárias para aplicar essas abordagens de maneira eficaz. A supervisão regular permite que os professores reflitam sobre suas práticas, discutam desafios e compartilhem sucessos, criando uma comunidade de aprendizagem que apoia o crescimento contínuo (Freud, 1933).

Em suma, a intervenção prática dos docentes no ensino de filosofia pode ser profundamente enriquecida pela incorporação de abordagens psicanalíticas. Essas abordagens não apenas proporcionam uma compreensão mais profunda da mente humana, mas também promovem um ambiente de aprendizagem mais inclusivo e estimulante. Ao integrar conceitos psicanalíticos como o inconsciente, o desejo e a formação do sujeito, os professores podem criar experiências educacionais que são intelectualmente desafiadoras e emocionalmente enriquecedoras, preparando os educandos para se tornarem pensadores críticos e cidadãos conscientes (Lacan, 1966).

2.3.2 Incorporação de Abordagens Psicanalíticas em Sala de Aula

A integração da psicanálise no ensino de filosofia na educação básica oferece uma abordagem enriquecedora para compreender a complexidade da mente humana e suas interações com o mundo. Ao explorar os conceitos psicanalíticos, como o inconsciente, os mecanismos de defesa e a sublimação, os estudantes podem desenvolver uma compreensão mais profunda de si mesmos e dos outros, além de refletir sobre questões filosóficas fundamentais. Ao conectar as ideias filosóficas com as descobertas psicanalíticas, os educandos são incentivados a explorar questões existenciais, éticas e sociais de maneira crítica e reflexiva,

promovendo não apenas o desenvolvimento intelectual, mas também o crescimento emocional e pessoal (Freud, 1923).

- **ATIVIDADES DE ROLE-PLAYING**

Uma proposta adicional para a intervenção prática dos docentes pode ser a utilização de atividades de role-playing em sala de aula para explorar questões psicológicas e emocionais relacionadas aos temas filosóficos discutidos. Os educandos podem ser convidados a assumir papéis de diferentes personagens e a participar de cenários que envolvam dilemas morais, conflitos éticos ou questões de identidade, permitindo-lhes explorar suas próprias emoções e motivações de uma forma mais direta e imersiva (Freud, 1923). Essa abordagem pode facilitar uma compreensão mais empática e intuitiva dos dilemas filosóficos, ao mesmo tempo em que desenvolve habilidades de comunicação e resolução de conflitos.

- **TÉCNICA DA ASSOCIAÇÃO LIVRE**

Além disso, os professores podem utilizar a técnica da associação livre em suas práticas de ensino de filosofia, convidando os educandos a expressar livremente seus pensamentos, ideias e associações em relação aos temas filosóficos discutidos em sala de aula. Essa abordagem pode ajudar os educandos a acessar conteúdos inconscientes e a compreender melhor suas próprias motivações e experiências, enriquecendo assim o processo de aprendizagem (Lacan, 1964). A prática da associação livre promove um ambiente de abertura e criatividade, onde os discentes podem explorar conexões inesperadas e insights profundos sobre os temas filosóficos.

- **CRIAÇÃO DE ESPAÇOS SEGUROS**

Outra estratégia prática para a intervenção dos docentes pode ser a criação de espaços seguros e acolhedores em sala de aula, onde os educandos se sintam à vontade para compartilhar suas próprias experiências e perspectivas. Os professores podem promover uma cultura de respeito mútuo e empatia, incentivando os discentes a ouvir atentamente uns aos outros e a oferecer apoio e feedback construtivo. Isso pode criar um ambiente de aprendizagem mais colaborativo e inclusivo, onde os educandos se sintam valorizados e respeitados (Freud, 2010). Um ambiente acolhedor facilita o desenvolvimento de uma comunidade de aprendizagem onde todos se sentem seguros para expressar suas opiniões e vulnerabilidades.

- **ABORDAGEM REFLEXIVA E CRÍTICA**

Além disso, os professores podem promover uma abordagem mais reflexiva e crítica ao ensino de filosofia, incentivando os educandos a questionar e problematizar os conceitos e teorias discutidos em sala de aula à luz dos conceitos psicanalíticos. Por exemplo, os educandos

podem ser convidados a analisar criticamente as suposições e preconceitos subjacentes aos textos filosóficos que estudam, explorando assim as possíveis influências do inconsciente nos pensamentos e ideias dos autores (Lacan, 1966). Essa prática não apenas enriquece a análise textual, mas também fomenta uma mentalidade crítica e independente nos discentes.

- **PRÁTICAS DE AUTOCUIDADO PARA PROFESSORES**

Os docentes podem incorporar práticas de autocuidado em suas próprias rotinas de ensino, reconhecendo a importância de seu bem-estar emocional e psicológico para o sucesso do processo de ensino e aprendizagem. Isso pode incluir atividades como meditação, exercícios de respiração e práticas de mindfulness, que podem ajudar os professores a lidar com o estresse e a ansiedade associados à profissão docente e a promover um ambiente de sala de aula mais tranquilo e receptivo (Freud, 2010). O autocuidado dos professores é fundamental para manter a qualidade do ensino e criar um clima positivo na sala de aula.

- **ATIVIDADES DE ESCRITA CRIATIVA**

Uma intervenção prática adicional pode envolver a utilização de atividades de escrita criativa em sala de aula para explorar questões filosóficas sob uma perspectiva psicanalítica. Os educandos podem ser convidados a criar contos, poemas ou ensaios que abordem temas como identidade, desejo e conflito, permitindo-lhes explorar suas próprias experiências e reflexões de uma maneira mais imaginativa e expressiva. A escrita criativa pode servir como um poderoso meio de autoexploração e expressão emocional, enriquecendo o processo de aprendizagem filosófica (Freud, 2010).

- **ABORDAGEM COLABORATIVA E PARTICIPATIVA**

Além disso, os professores podem promover uma abordagem mais colaborativa e participativa ao ensino de filosofia, incentivando os educandos a compartilhar suas próprias perspectivas e experiências em sala de aula. Por exemplo, os educandos podem ser convidados a conduzir suas próprias pesquisas e apresentações sobre temas filosóficos de seu interesse, explorando assim suas próprias questões e preocupações em relação aos conceitos discutidos em suas aulas (Lacan, 1966). Essa abordagem empodera os educandos, dando-lhes a oportunidade de assumir a responsabilidade pelo próprio aprendizado e explorar temas que lhes são pessoalmente significativos.

- **ATIVIDADES DE ARTE E EXPRESSÃO CRIATIVA**

Outra intervenção prática dos docentes pode ser a incorporação de atividades de arte e expressão criativa em suas práticas de ensino de filosofia. Os professores podem convidar os educandos a criar obras de arte inspiradas nos temas filosóficos discutidos em sala de aula, permitindo-lhes explorar suas próprias emoções e ideias de uma forma não verbal. Isso pode ajudar os educandos a desenvolver uma compreensão mais profunda e intuitiva dos conceitos filosóficos discutidos em suas aulas, bem como a promover habilidades de expressão e comunicação. A arte pode servir como um veículo poderoso para a expressão de pensamentos e sentimentos complexos, proporcionando uma nova dimensão à aprendizagem filosófica (Freud, 2016).

- **ATENÇÃO ÀS INTERAÇÕES DIÁRIAS**

Além de atividades específicas, é crucial que os professores incorporem uma perspectiva psicanalítica em suas interações diárias com os educandos. Isso inclui estar atento aos sinais de ansiedade, resistência ou desconforto e abordar essas questões com sensibilidade e compreensão. Os professores podem usar técnicas de escuta ativa e validação emocional para ajudar os educandos a se sentirem ouvidos e compreendidos, promovendo um ambiente de confiança e apoio (Lacan, 1966).

- **GRUPOS DE ESTUDO E SEMINÁRIOS**

Finalmente, os professores podem organizar grupos de estudo ou seminários focados na interseção entre filosofia e psicanálise, convidando especialistas ou utilizando recursos multimídia para aprofundar a compreensão dos educandos sobre esses temas. Esses grupos podem explorar como os conceitos psicanalíticos podem enriquecer a análise filosófica e vice-versa, criando um espaço de aprendizagem colaborativa e interdisciplinar (Freud, 1996). Ao fomentar um ambiente de exploração intelectual e debate, os professores incentivam os alunos a desenvolver uma abordagem crítica e informada sobre os temas estudados.

- **AVALIAÇÃO REFLEXIVA**

A avaliação reflexiva pode ser uma ferramenta poderosa para integrar a psicanálise no ensino de filosofia. Ao invés de se concentrar apenas na avaliação de conhecimentos objetivos, os professores podem incorporar reflexões sobre o processo de aprendizagem, incentivando os educandos a explorarem como suas próprias percepções, emoções e desejos influenciaram sua

compreensão dos temas filosóficos. Esta prática promove uma autoavaliação contínua e uma maior consciência do próprio processo de aprendizado (Freud, 1976).

- LEITURA CRÍTICA E INTERDISCIPLINARIDADE

Os docentes podem encorajar uma leitura crítica dos textos filosóficos à luz dos conceitos psicanalíticos, incentivando os educandos a identificar e analisar as influências inconscientes nas ideias dos filósofos. Esta prática pode ser estendida a outras disciplinas, promovendo uma abordagem interdisciplinar que conecta filosofia, literatura, arte e ciências sociais. Ao explorar as interconexões entre diferentes campos do saber, os educandos podem desenvolver uma compreensão mais holística e integrada do conhecimento (Lacan, 1966).

- DESENVOLVIMENTO DE PROJETOS DE PESQUISA

Incentivar os alunos a desenvolverem projetos de pesquisa que integrem filosofia e psicanálise pode ser uma estratégia poderosa para aprofundar a compreensão e o engajamento com os temas estudados. Os alunos podem escolher tópicos de seu interesse pessoal e explorar como os conceitos psicanalíticos podem ser aplicados para entender questões filosóficas específicas. Esses projetos podem culminar em apresentações, artigos ou ensaios que demonstrem a aplicação prática das teorias estudadas (Freud, 2016).

- CRIAÇÃO DE UM AMBIENTE DE DIÁLOGO

Criar um ambiente de diálogo aberto e respeitoso é fundamental para a integração bem-sucedida da psicanálise no ensino de filosofia. Os professores devem promover uma cultura de questionamento e reflexão, onde os alunos se sintam encorajados a expressar suas dúvidas, preocupações e insights. Este ambiente de diálogo não só enriquece a aprendizagem, mas também promove o desenvolvimento de habilidades críticas e comunicativas essenciais para a vida acadêmica e profissional (Lacan, 1966).

- IMPACTO A LONGO PRAZO

A integração da psicanálise no ensino de filosofia pode ter um impacto significativo a longo prazo na formação dos alunos. Ao desenvolverem uma compreensão mais profunda de si mesmos e das forças inconscientes que moldam suas vidas, os alunos estão melhor preparados para enfrentar os desafios da vida com resiliência e autoconhecimento. Além disso, a capacidade de pensar criticamente e de refletir sobre questões complexas os prepara para serem

cidadãos informados e conscientes, capazes de contribuir positivamente para a sociedade (Freud, 2016).

Em suma, a integração da psicanálise no ensino de filosofia na educação básica oferece uma gama diversificada de abordagens práticas que podem enriquecer a experiência educacional dos alunos. Ao utilizar técnicas como role-playing, associação livre, escrita criativa e arte, os professores podem criar um ambiente de aprendizagem que é tanto intelectualmente desafiador quanto emocionalmente enriquecedor. Essas abordagens não apenas aprofundam a compreensão dos alunos sobre os conceitos filosóficos, mas também promovem o crescimento pessoal e emocional, preparando-os para se tornarem pensadores críticos e cidadãos conscientes. A filosofia, quando ensinada com uma compreensão profunda dos processos psicanalíticos, torna-se uma ferramenta poderosa para a emancipação intelectual e o desenvolvimento integral dos jovens.

2.4 O produto educacional no contexto do mestrado profissional

No Brasil, as políticas públicas direcionam o Mestrado Profissional para a formação de profissionais altamente qualificados, capacitados a contribuir para o desenvolvimento social, científico-tecnológico e cultural do país. Esse tipo de mestrado visa preparar e qualificar indivíduos para práticas profissionais contemporâneas e inovadoras que atendam às demandas sociais, organizacionais e profissionais do mercado de trabalho (MEC, 2020). Se nosso público é constituído por profissionais práticos, temos que montar uma estrutura curricular que contemple disciplinas e atividades centradas na reflexão crítica da prática profissional e no delineamento de caminhos para aperfeiçoá-la (André, 2017).

Ademais, o produto educacional é um elemento distintivo do Mestrado Profissional em Ensino, diferenciando-o do Mestrado Acadêmico. Enquanto o Mestrado Acadêmico é voltado para a formação de pesquisadores, o Mestrado Profissional não tem a pesquisa como seu foco principal, embora esta faça parte do desenvolvimento do produto (Ribeiro, 2005). É preciso esclarecer que, enquanto o mestrado acadêmico forma pesquisadores a longo prazo, o mestrado profissional prepara seus egressos para aplicar e utilizar a pesquisa para agregar valor nas suas ações. O Mestrado Profissional visa à produção de conhecimentos. Entretanto, diferentemente daquela do mestrado e, principalmente, do doutorado acadêmico, essa produção de conhecimentos está voltada para a solução de problemas práticos, tendo, assim, um caráter mais tecnológico do que propriamente científico (André, 2017).

Além disso, no contexto do Mestrado Profissional, a pesquisa desenvolvida é aplicada, descrevendo o desenvolvimento de processos ou produtos de natureza educacional, visando à melhoria do ensino na área específica, sugerindo-se fortemente que, em forma e conteúdo, este trabalho se constitua em material que possa ser utilizado por outros profissionais (Ribeiro, 2005). Esse tipo de pesquisa pode ser apresentado de diversas formas, incluindo dissertações, revisões sistemáticas e aprofundadas da literatura, artigos, patentes, registros de propriedade intelectual, projetos técnicos, publicações tecnológicas, desenvolvimento de aplicativos, materiais didáticos e institucionais, produtos, estudos de caso, relatórios técnicos com regras de sigilo, manuais de operação técnica, protocolos experimentais ou de aplicação em serviços, propostas de intervenção em procedimentos clínicos ou de serviços pertinentes, projetos de aplicação ou adequação tecnológica, protótipos para desenvolvimento ou produção de instrumentos, equipamentos e kits, projetos de inovação tecnológica, e produções artísticas, entre outros formatos (Moreira, 2004).

Por conseguinte, os Mestrados Profissionais voltados para a docência têm uma estrutura curricular que integra o ensino à pesquisa em sala de aula. O objetivo é capacitar profissionais graduados para práticas profissionais inovadoras por metodologias científicas rigorosas e reconhecidas. Nesse contexto, o Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO) se destaca, com ênfase na prática de ensino de professores da educação básica (Silva, 2019).

2.4.1 Formação Pedagógica: a psicanálise como ferramenta pedagógica no ensino de filosofia

Neste tópico será apresentada a aplicação e os resultados do produto educacional. O produto foi desenvolvido no formato de uma proposta de formação pedagógica para professores do ensino de filosofia na educação básica. O objetivo foi o de introduzir a psicanálise como uma ferramenta de apoio para os professores, permitindo a aplicação dos conceitos psicanalíticos nas suas práticas profissionais para aprimorar a metodologia de ensino. A discussão foi conduzida à luz da teoria freudiana e lacaniana, respondendo às perguntas norteadoras do questionário de entrevista.

Primeiramente, a formação ocorreu no dia 31/10/2023 e teve como objetivo apresentar a psicanálise como ferramenta de suporte pedagógico no ensino de filosofia na educação básica, visando a construção de uma aprendizagem significativa na vida escolar dos educandos. A formação foi iniciada com um acolhimento caloroso aos participantes, criando um ambiente propício ao aprendizado, com duração de quatro horas. O primeiro momento visou estabelecer uma conexão positiva entre os participantes, facilitando a integração e o engajamento (Freire, 1996).

Em seguida, foi apresentado o cronograma da formação, dividido em quatro momentos distintos. Primeiramente, houve a apresentação da proposta da formação, a partir da qual foram explicados os objetivos e a importância da formação para os professores de filosofia. Essa etapa destacou a relevância dos docentes terem ferramentas que os auxiliem no ensino e manejo dos educandos (Hardy, 2009).

O segundo momento buscou observar a realidade, envolvendo discussões e reflexões sobre os problemas observados no contexto de ensino de filosofia. Os participantes foram encorajados a compartilhar suas experiências e desafios, promovendo um ambiente colaborativo de troca de conhecimentos (Berbel, 2011).

Portanto, no terceiro momento, intitulado “Teorização”, foram apresentados os conceitos-chave do curso, como sujeito, desejo, transferência, resistência, diálogo e escuta.

Esses conceitos psicanalíticos foram explicados com ênfase em sua aplicação prática na docência, proporcionando aos professores ferramentas teóricas para melhorar sua prática pedagógica (Berbel, 2011).

Por fim, o quarto momento foi dedicado à prática, desde a qual os professores puderam aplicar os conceitos aprendidos em atividades práticas e simulações, reforçando o aprendizado teórico com experiências concretas. Isso permitiu uma melhor assimilação dos conceitos e uma maior confiança em sua aplicação em suas práticas pedagógicas diárias (Freire, 1996).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A formação buscou não apenas compartilhar conhecimento teórico, mas também promover a reflexão e a aplicação prática dos conceitos da psicanálise na sala de aula. A formação de professores é essencial para aprimorar a qualidade da educação e proporcionar uma experiência de aprendizado enriquecedora para os estudantes. Segundo Gil (2008), a formação continuada dos professores é vital para o desenvolvimento de práticas pedagógicas inovadoras e eficazes.

A análise dos dados coletados, tanto na fase diagnóstica quanto na pós-intervenção, foi realizada utilizando a metodologia de Contagem de Eventos, conforme proposto por Bryman (2012). Essa abordagem envolve a descrição e quantificação dos dados provenientes de questionários e entrevistas relacionadas ao ensino, permitindo o elo contínuo entre aspectos qualitativos e quantitativos. No entanto, vale ressaltar que essa análise não se limita apenas à contagem de eventos, mas também exige uma análise aprofundada desses dados, considerando a literatura existente (Creswell, 2014).

O processo de análise seguiu vários passos. Inicialmente, os dados foram coletados por meio de questionários e entrevistas, em seguida, os dados coletados foram codificados e categorizados conforme os temas e questões de pesquisa, com cada resposta ou informação relevante atribuída a uma categoria específica (Bardin, 2011). Essa abordagem é fundamental para garantir a validade e a confiabilidade dos dados, conforme destacado por Flick (2009).

Além da contagem de eventos, foi realizada uma análise descritiva dos dados, o que implica na interpretação e descrição dos resultados, destacando tendências e padrões observados nos dados (Miles, Huberman & Saldana, 2014). Os resultados obtidos foram, então, analisados em conjunto com a revisão da literatura relevante, identificando contrapartidas e semelhanças entre os resultados da pesquisa (Yin, 2018).

Com base na análise dos dados e na revisão da literatura, foram realizadas discussões sobre as implicações dos resultados, permitindo tirar conclusões sobre a eficácia das intervenções realizadas ou sobre os diagnósticos obtidos (Patton, 2002). Por fim, poderão ser feitas recomendações para futuras intervenções, pesquisas adicionais ou melhorias no contexto educacional, por meio de uma devolutiva aos participantes, dialogando a valia da formação no processo formativo através dos resultados (Stake, 2010).

4 APLICAÇÃO E RESULTADOS DO PRODUTO EDUCACIONAL

Neste tópico, são apresentados a aplicação e os resultados do produto educacional. O produto foi desenvolvido como uma proposta de formação pedagógica para professores de filosofia na educação básica, com o objetivo de introduzir a psicanálise como uma ferramenta de suporte para os docentes. A formação visou a aplicação prática dos conceitos da psicanálise na metodologia de ensino, melhorando assim a eficácia pedagógica.

A formação ocorreu no Colégio Militar do Estado do Tocantins - Unidade II - Senador Antônio Luiz Maya, uma escola pública da Rede Estadual de Ensino que oferece Educação Básica em tempo integral para o 1º, 2º e 3º ano do Ensino Médio, atendendo um total de 853 estudantes nos turnos matutino e vespertino. O nome da escola é uma homenagem ao professor e ex-senador tocantinense Antônio Luiz Maya, falecido em 2009 (Seduc, 2024).

Em junho de 2022, a unidade escolar foi transferida para um novo prédio, vizinho ao antigo, que por muitos anos testemunhou o crescimento e o estabelecimento do Colégio Militar do Tocantins. A mudança para a nova instalação foi resultado do empenho da gestão e do engajamento dos servidores. Após uma consulta à comunidade escolar para verificar o interesse na mudança, o novo prédio foi oficialmente entregue à unidade escolar, que realizou a transferência física em julho de 2022 (Seduc, 2024).

Após a mudança de prédio, a unidade educacional passou a ser denominada Colégio Militar do Estado do Tocantins Senador Antônio Luiz Maya. O novo prédio conta com uma estrutura que, no momento da mudança, não comportava a quantidade de servidores e estudantes, já que a unidade atendia, no ano letivo de 2022, 28 turmas de Ensino Médio. A nova estrutura não possuía salas suficientes para atender a demanda, sendo necessário utilizar salas destinadas a outros fins. Para suprir a demanda, foi necessário implementar uma metodologia de rotatividade de salas para melhor atender às necessidades do ambiente escolar.

A escola CMTO II reconhece e compreende a diversidade socioeconômica presente em sua comunidade escolar como um elemento fundamental para a construção de um ambiente educacional enriquecedor e inclusivo. A escola acolhe educandos de diferentes origens familiares, com uma ampla variedade de experiências, perspectivas e recursos. Entende-se que a diversidade socioeconômica contribui significativamente para a formação de uma cultura escolar diversificada e dinâmica, com a qual cada educando tem a oportunidade de aprender com as experiências e vivências dos colegas.

Segundo o Projeto político pedagógico, a riqueza que a diversidade traz para as salas de aula promove um ambiente de respeito mútuo, compreensão e empatia. Existe o objetivo de

garantir equidade e igualdade de oportunidades educacionais para todos os educando, independentemente de sua situação socioeconômica. Na escola, também há um compromisso em cultivar um ambiente inclusivo, em que a diversidade socioeconômica é celebrada e vista como uma força que enriquece a experiência educacional de todos os educandos.

Além disso, o projeto de vida de um estudante no novo Ensino Médio pode envolver uma variedade de metas e aspirações pessoais, acadêmicas e profissionais. Isso pode incluir objetivos como: obter um bom desempenho acadêmico e se preparar para ingressar na universidade ou em uma carreira técnica; participar de atividades extracurriculares que desenvolvam habilidades específicas ou interesses pessoais, como esportes, música, arte; explorar diferentes áreas de conhecimento para descobrir interesses e paixões; desenvolver habilidades de liderança e trabalho em equipe; planejar o futuro profissional e considerar opções de carreira; estabelecer metas de curto e longo prazo e criar um plano para alcançá-las; cultivar relacionamentos saudáveis e construtivos com colegas, professores e mentores; manter um equilíbrio saudável entre estudos, atividades extracurriculares e tempo pessoal. É importante que o projeto de vida seja flexível e sujeito a ajustes conforme o estudante cresce e descobre novas oportunidades e interesses ao longo do tempo. O CMTO oferece tudo isso e contribui significativamente para o desenvolvimento dos seus alunos.

Sobre a formação pedagógica, o PPP entende que a formação continuada de professores é fundamental para alcançar a excelência educacional. Investir no aprimoramento constante dos educadores proporciona a atualização de conhecimentos, a adoção de métodos inovadores de ensino e o fortalecimento das habilidades pedagógicas. Essa premissa reconhece que um corpo docente bem preparado não apenas eleva a qualidade do ensino, mas também impacta positivamente o desenvolvimento acadêmico e pessoal dos estudantes, contribuindo para a construção de uma sociedade mais educada e dinâmica.

4.1 Descrição das perguntas e respostas

Pergunta 1: Como você percebe o desejo dos educandos em relação ao ensino de filosofia?

As respostas variaram significativamente. Um docente relatou que os alunos demonstravam o mínimo de interesse possível. Outro apontou que, em geral, o desejo era positivo, mas notou resistências ocasionais, com um certo medo de romper padrões estabelecidos. Outro educador observou um distanciamento significativo dos alunos em relação

ao interesse pela filosofia, mencionando um imediatismo predominante. Houve também quem percebesse um desinteresse generalizado entre os alunos.

Pergunta 2: Você sente a necessidade de capacitação para lidar com os educandos que apresentam demandas referentes a desejo e resistência ao ensino?

A maioria dos docentes respondeu timidamente que sentem a necessidade de compreender melhor as questões relacionadas ao desejo e à resistência. Esta resposta sugere uma lacuna na formação inicial e contínua dos professores, destacando a importância de capacitações focadas nessas áreas para uma prática pedagógica mais eficaz.

Pergunta 3: Como você percebe a relação dos educandos com a resistência ao ensino de filosofia?

Um professor descreveu um comportamento de luta, fuga e medo de enfrentar desafios. Outro observou que os estudantes valorizam uma visão prática do ensino, buscando aprender o que consideram útil para suas futuras profissões. O desafio, segundo ele, é tornar a filosofia relevante para a vida em sociedade. Um terceiro docente não via a situação como resistência, mas acreditava que os alunos precisavam de mais tempo para a filosofia em sala de aula. Um quarto professor notou pouca resistência.

Pergunta 4: De que forma você acha que poderia ajudar os educandos?

Um professor mencionou que trabalha o afeto dos alunos através do campo da imaginação. Outro destacou a importância da especialização contínua, como a pós-graduação, e a necessidade de diálogo com profissionais da área. Um terceiro educador enfatizou o uso de práticas criativas e conscientes com os alunos.

Pergunta 6: Como você exercita a escuta em relação às demandas dos educandos no ensino de filosofia?

Um docente disse que busca conversar com os alunos em particular, tentando proporcionar um ambiente seguro. Outro relatou que, inicialmente, agiu de forma soberba, o que foi frustrante quando percebeu a falta de paixão dos alunos pelo conhecimento. Com o tempo, reconheceu sua responsabilidade pelo distanciamento dos estudantes. Não foi possível coletar a resposta do terceiro docente devido à caligrafia ilegível.

Pergunta 7: Você acha necessário que o docente entenda mais sobre conceitos psicanalíticos? Se sim, por quê?

O primeiro docente respondeu que é importante para entender o funcionamento psíquico dos educandos. O segundo destacou a relevância de compreender a mente dos alunos para um planejamento mais eficaz. O terceiro achou interessante, desde que não acarretasse mais trabalho ao docente.

Pergunta 8: Você percebe que tais problemas afetam também os professores? Como?

O primeiro docente afirmou que sim, pois onde há relações, ocorrem problemas. O segundo relatou ter sido afetado por não compreender como os estudantes poderiam superar o desprazer, dado que considera o conteúdo filosófico muito rico. O terceiro observou que a cobrança por excelência prática é estressante.

Pergunta 9: Qual a relevância da psicanálise como suporte em sua prática docente?

O primeiro docente considerou a psicanálise de suma importância como suporte. O segundo mencionou que, embora nunca tivesse refletido sobre isso antes, a experiência de ensinar filosofia revelou a importância da psicanálise, destacando que a formação foi crucial. O terceiro achou importante para compreensão, adequação e empatia.

Pergunta 10: Como a filosofia lida com a questão da consciência, e qual a relevância de trabalhar a questão do inconsciente no ensino de filosofia?

O primeiro docente disse que a filosofia fornece uma base sólida para o trabalho e gera motivação para a prática. O segundo ressaltou a importância de provocar esse tipo de reflexão. O terceiro preferiu não responder.

Para proporcionar uma melhor compreensão dos resultados, a seguir serão apresentados tabelas e gráficos detalhados. Essas visualizações têm o objetivo de ilustrar de forma clara e objetiva os dados coletados, facilitando a análise e interpretação das informações. As tabelas irão organizar os dados de maneira estruturada, permitindo uma visualização precisa dos números e estatísticas. Já os gráficos fornecerão uma representação visual dos dados, destacando padrões, tendências e correlações importantes. Combinando essas duas abordagens, buscamos oferecer uma análise abrangente e acessível dos resultados obtidos na pesquisa.

Tabela 1: Estrutura da Formação

Etapa	Descrição
Acolhimento	Criação de um ambiente acolhedor para facilitar a integração e o engajamento dos participantes.
Proposta	Apresentação dos objetivos e importância da formação para os professores de filosofia.
Observando a Realidade	Discussão sobre problemas observados no ensino de filosofia, promovendo troca de experiências.
Teorização	Apresentação de conceitos-chave como sujeito, desejo, transferência, resistência e escuta.

Tabela 2: Análise das Respostas dos Professores

Pergunta	Resumo das Respostas
Como você percebe o desejo dos educandos em relação ao ensino de filosofia?	Variaram de mínimo interesse a um desejo positivo com resistências ocasionais. Um professor mencionou um distanciamento significativo e imediatismo predominante entre os alunos.
Você sente a necessidade de capacitação para lidar com os educandos que apresentam demandas referentes a desejo e resistência ao ensino?	A maioria reconheceu a necessidade de uma compreensão mais aprofundada sobre questões de desejo e resistência, destacando a lacuna na formação inicial e contínua.
Como você percebe a relação dos educandos com a resistência ao ensino de filosofia?	Foram mencionados comportamentos de luta, fuga e medo de enfrentar desafios. Alguns professores notaram uma visão prática do ensino focada em utilidade para futuras profissões.

De que forma você acha que poderia ajudar os educandos?	As respostas incluíram trabalhar o afeto dos alunos, especialização contínua e uso de práticas criativas e conscientes para engajar os alunos no processo de aprendizado.
--	---

(Elaborada pelo autor, 2024)

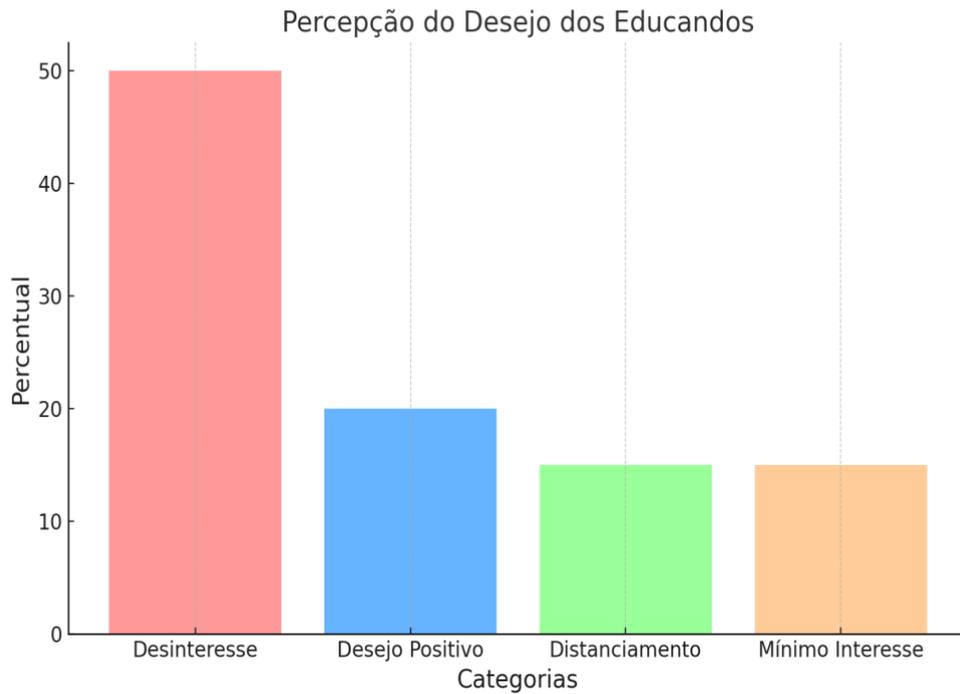
Tabela 3: Opções de Melhorias e Capacitações

Melhorias	Capacitações
Uso de tecnologias	Capacitação em uso de ferramentas tecnológicas.
Técnicas de engajamento	Capacitação em metodologias ativas.
Integração de conteúdos	Capacitação em interdisciplinaridade.
Desenvolvimento emocional	Capacitação em inteligência emocional.

(Elaborada pelo autor, 2024)

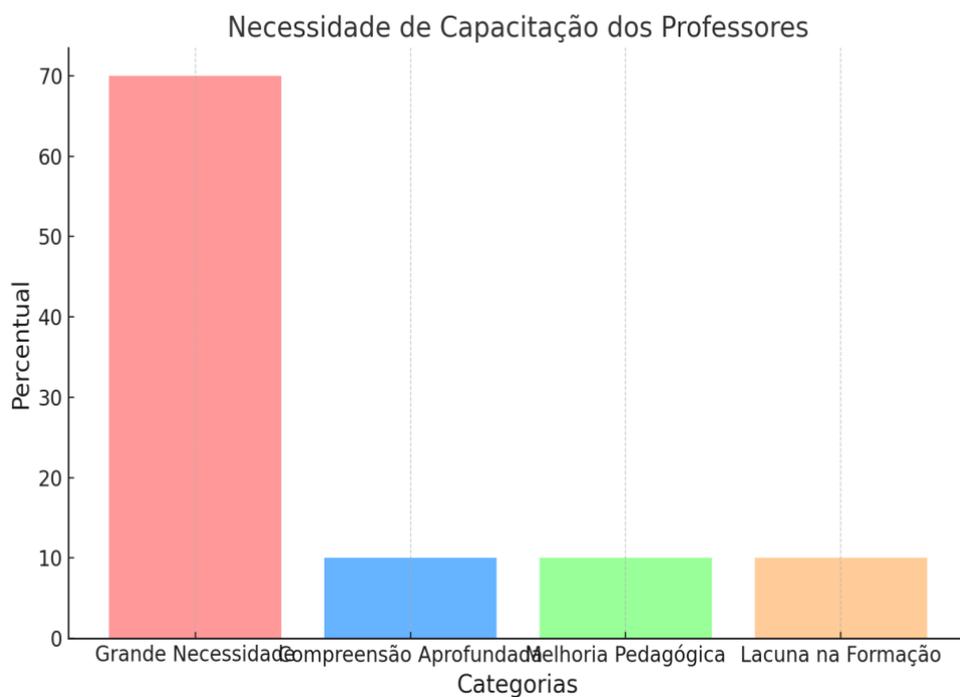
A seguir são apresentados os gráficos com as percepções dos professores sobre o desejo dos educandos e a necessidade de capacitação.

O gráfico a seguir mostra a percepção dos professores sobre o desejo dos educandos em relação ao ensino de filosofia. Observa-se que as percepções variam entre mínimo interesse, desejo positivo com resistências ocasionais, distanciamento significativo e imediatismo, e desinteresse generalizado.



(Elaborado pelo autor, 2024)

O gráfico de barras abaixo apresenta a necessidade de capacitação dos professores para lidar com os educandos que apresentam demandas referentes a desejo e resistência ao ensino.



(Elaborado pelo autor, 2024)

4.2 Discussão teórica das perguntas à luz da Psicanálise Freudiana e Lacaniana

Pergunta 1: Como você percebe o desejo dos educandos em relação ao ensino de filosofia?

À luz da psicanálise freudiana, o desejo pode ser entendido como uma força motriz do comportamento humano. Freud postulou que o desejo é uma manifestação do inconsciente, influenciando nossas ações e pensamentos de maneiras muitas vezes inconscientes. A percepção variada dos docentes sobre o desejo dos educandos em relação ao ensino de filosofia reflete as diferentes formas como esses desejos podem se manifestar.

Alguns professores observam um interesse mínimo ou resistência, o que pode ser interpretado como uma defesa contra o desconhecido ou o desconforto gerado pelo confronto com novas ideias filosóficas. Outros relatam uma aceitação geral, mas com resistências ocasionais, indicando que, enquanto há uma curiosidade intelectual, também há medos e inseguranças que precisam ser trabalhados no ambiente educacional. Segundo Freud, “o desejo é a própria essência do inconsciente, guiando nossas ações de maneiras que muitas vezes desconhecemos” (Freud, 1996).

Pergunta 2: Você sente a necessidade de capacitação para lidar com os educandos que apresentam demandas referentes a desejo e resistência ao ensino?

A resistência, conforme Freud, é um mecanismo de defesa que surge para proteger o ego de ansiedades insuportáveis. Na sala de aula, essa resistência pode se manifestar de várias formas, como desinteresse, procrastinação ou até comportamento disruptivo. A necessidade expressa pelos professores de capacitação para lidar com essas demandas reflete a importância de compreender os mecanismos psíquicos subjacentes aos comportamentos dos alunos. Freud afirmou que “a resistência é uma força que impede o trabalho psíquico de trazer à consciência lembranças reprimidas” (Freud, 2010).

Ademais, Lacan complementa essa visão ao discutir que o desejo está sempre ligado ao campo do Outro, e que a resistência pode ser entendida como uma resposta ao desejo do Outro. A formação contínua que inclui a psicanálise pode fornecer aos professores ferramentas para identificar e trabalhar com essas resistências, transformando obstáculos em oportunidades de crescimento e aprendizado. Lacan observa que “a resistência do aluno muitas vezes reflete um conflito interno em resposta ao desejo do Outro, ou seja, do educador” (Lacan, 2008). Freud também destacou a importância de entender a dinâmica do desejo e da resistência: “O desejo

inconsciente é a essência da resistência, que luta contra a realização desse desejo” (Freud, 2019).

Pergunta 3: Como você percebe a relação dos educandos com a resistência ao ensino de filosofia?

Os comportamentos descritos pelos professores – luta, fuga e medo de enfrentar desafios – são clássicos exemplos de mecanismos de defesa identificados por Freud. A luta pode ser vista como uma manifestação da agressão direcionada ao objeto de ansiedade (o ensino de filosofia), enquanto a fuga representa uma evitação ativa do que é percebido como ameaçador. Freud explicou que “os mecanismos de defesa são estratégias do ego para lidar com conflitos entre o id, o ego e o superego” (Freud, 2010). A percepção de um tempo inadequado para a filosofia em sala de aula sugere uma dificuldade em integrar o conhecimento filosófico de forma significativa, possivelmente devido a um conflito entre as exigências externas e as capacidades internas dos alunos. Freud também destacou que “a ansiedade é um sinal de alerta que desencadeia mecanismos de defesa para proteger o ego de ameaças internas ou externas” (Freud, 2014).

Ademais, Lacan destaca que a resistência pode ser uma forma de evitar o encontro com o Real, que é angustiante. A psicanálise pode ajudar a compreender essas resistências como expressões de conflitos internos não resolvidos, oferecendo estratégias para abordar e mitigar esses comportamentos. Lacan afirma que “a resistência ao ensino muitas vezes é uma tentativa de evitar o encontro com o Real, que é percebido como ameaçador” (Lacan, 2008). Ele complementa que “o Real é aquilo que é sempre o mesmo lugar de impasse, que resiste à simbolização completa”. Compreender essa dinâmica pode ajudar os educadores a desenvolver abordagens mais eficazes para lidar com a resistência dos alunos.

Nesse sentido, esse encontro com o Real, frequentemente desconcertante e desestabilizador, pode ser uma oportunidade de crescimento intelectual e emocional se abordado de maneira sensível e estratégica pelo educador, facilitando um ambiente onde os educandos possam explorar e superar suas resistências. Freud destacou a importância de transformar resistências em motivações para o crescimento, dizendo que a tarefa da análise é transformar a resistência em uma força propulsora para a mudança. Além disso, ele notou que “o processo de trabalhar com a resistência é essencial para o progresso terapêutico e pode ser adaptado para contextos educacionais para promover o desenvolvimento pessoal e acadêmico” (Freud, 2016).

Ademais, a integração da psicanálise na formação continuada dos professores pode oferecer ferramentas valiosas para identificar e trabalhar com as resistências, transformando obstáculos em oportunidades de crescimento e aprendizado. Lacan observa que “a resistência do aluno muitas vezes reflete um conflito interno em resposta ao desejo do Outro, ou seja, do educador” (Lacan, 2008). Esse entendimento pode ajudar os professores a criar um ambiente educacional que não só reconheça essas resistências, mas também as utilize como ponto de partida para o desenvolvimento intelectual dos alunos.

Pergunta 4: De que forma você acha que poderia ajudar os educandos?

As respostas dos professores indicam várias abordagens para ajudar os educandos, desde trabalhar o afeto até utilizar práticas criativas. Freud enfatizou a importância da relação terapêutica, na qual a transferência – os sentimentos que os educandos projetam nos professores – pode ser utilizada para facilitar o crescimento emocional e intelectual. Trabalhar o afeto e a imaginação, como mencionado por um dos professores, pode ajudar a criar um ambiente seguro onde os alunos se sintam confortáveis para explorar novos conceitos e enfrentar seus medos. Freud destacou que “a transferência é uma recriação de emoções passadas na relação atual, permitindo uma nova resolução” (Freud, 2010).

Lacan acrescenta que a função do educador é, em parte, ser o suporte do desejo do educandos, ajudando-o a se articular com seus próprios desejos. Ele afirma que “o desejo do educador deve servir como ponto de referência para que o aluno possa descobrir e articular seu próprio desejo” (Lacan, 1998). Essa perspectiva enfatiza a importância do papel do educador não apenas como transmissor de conhecimento, mas como facilitador do desenvolvimento pessoal e intelectual dos educandos.

A busca por especialização e diálogo com profissionais também reforça a ideia de que a formação contínua e o apoio mútuo são essenciais para lidar com as complexidades do desejo e resistência no contexto educacional. Freud destaca que “a relação transferencial pode ser uma ferramenta poderosa na facilitação do crescimento emocional e intelectual” (Freud, 2010). A relação de transferência pode ser vista não apenas como uma projeção de sentimentos, mas como uma oportunidade para o professor se tornar um modelo positivo e inspirador, ajudando os educandos a navegarem suas próprias trajetórias emocionais e intelectuais.

Essa abordagem também é apoiada por Lacan, que sugere que “o educador, ao lidar com a resistência e o desejo dos alunos, deve criar um espaço onde esses possam ser explorados de

maneira segura e produtiva” (Lacan, 2008). Assim, a formação contínua que inclui conhecimentos psicanalíticos pode capacitar os professores a transformar resistências em oportunidades de aprendizado, promovendo um ambiente educacional mais inclusivo e eficaz.

Pergunta 6: Como você exercita a escuta em relação às demandas dos educandos no ensino de filosofia?

A prática da escuta ativa é fundamental na abordagem psicanalítica. Freud destacou que ouvir atentamente os pacientes (ou educandos, no caso da educação) é crucial para compreender os significados subjacentes aos seus discursos. Ele afirmou que “a escuta ativa é essencial para captar os conteúdos latentes que emergem na fala do paciente” (Freud, 2010). Os professores que buscam conversar com os educandos em particular e proporcionar um ambiente seguro estão, de fato, aplicando uma técnica psicanalítica importante: a criação de um espaço onde o inconsciente possa se expressar livremente.

Ademais, Lacan enfatiza a importância da escuta analítica, com a qual o educador deve estar atento não apenas ao que é dito, mas também ao que não é dito, permitindo que o desejo do educando emergja. Ele explica que “a escuta analítica requer atenção ao dito e ao não dito, permitindo que o desejo do educando se revele” (Lacan, 2008). A reflexão crítica sobre a própria prática, como a mudança de atitude de um professor ao perceber seu comportamento soberbo inicial, também é um passo psicanalítico importante, demonstrando a importância da autoanálise e da empatia no processo educativo. Lacan afirmou que “a mudança de atitude e a autoanálise são essenciais para que o educador possa ajustar sua abordagem às necessidades dos educandos”.

A escuta ativa, na perspectiva psicanalítica, vai além de simplesmente ouvir as palavras. Envolve a decodificação das mensagens subjacentes e a compreensão dos processos inconscientes que estão em jogo. Freud postulou que os lapsos de linguagem, os atos falhos e os sonhos são manifestações do inconsciente que podem revelar muito sobre os desejos e conflitos internos dos indivíduos. No contexto educacional, os professores que adotam essa abordagem podem identificar e abordar as resistências dos educandos de maneira mais eficaz. “Um ambiente de escuta empática e atenta pode facilitar a expressão dos conflitos internos dos educandos, promovendo um espaço seguro para o desenvolvimento pessoal e intelectual” (Freud, 2010).

Além disso, Lacan introduz a noção de que a palavra possui um poder estruturante no campo do inconsciente. A linguagem não apenas expressa, mas também molda o desejo. Para

Lacan, “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”, e a escuta analítica deve ser capaz de captar as nuances dessa estrutura (Lacan, 2008). No ambiente educacional, isso implica que os professores devem ser sensíveis às sutilezas da linguagem dos educandos, compreendendo que cada palavra e silêncio carrega um peso significativo.

A prática da escuta ativa também está intrinsecamente ligada à transferência e contratransferência. Freud observou que “a transferência é uma recriação de emoções passadas na relação atual, permitindo uma nova resolução” (Freud, 2010). No contexto escolar, a transferência pode ocorrer quando os educandos projetam em seus professores sentimentos e expectativas baseados em figuras parentais ou outras figuras de autoridade. A habilidade do professor de reconhecer e manejar essas dinâmicas transferenciais pode transformar a resistência em uma força motriz para o aprendizado e o desenvolvimento.

A escuta ativa não só permite que os educadores compreendam melhor os seus educandos, mas também promove um ambiente de confiança e respeito mútuo. Quando os educandos percebem que suas vozes são ouvidas e valorizadas, eles se sentem mais seguros para expressar suas dificuldades e explorar novos conceitos. Freud destacou que “um ambiente de escuta empática e atenta pode facilitar a expressão dos conflitos internos dos educandos, promovendo um espaço seguro para o desenvolvimento pessoal e intelectual” (Freud, 2010).

Lacan, por sua vez, sugere que a resistência do educando muitas vezes reflete um conflito interno em resposta ao desejo do Outro, ou seja, do educador. Isso indica que a resistência pode ser uma resposta defensiva ao desejo percebido do educador, o que torna essencial que os professores estejam conscientes de como suas expectativas e comportamentos influenciam seus educandos. Lacan complementa essa visão afirmando que “a escuta analítica requer atenção ao dito e ao não dito, permitindo que o desejo do educando se revele” (Lacan, 2008).

Além disso, a prática da escuta ativa implica uma atitude de abertura e empatia por parte do educador. Não se trata apenas de ouvir, mas de ouvir com a intenção de compreender e de acolher o educando em sua totalidade, com suas dificuldades, medos e esperanças. Esse processo pode ser profundamente transformador, tanto para o educando quanto para o professor, que se torna um facilitador do desenvolvimento integral do educando.

Por fim, a integração da psicanálise na formação contínua dos professores pode oferecer ferramentas valiosas para identificar e trabalhar com as resistências, transformando obstáculos em oportunidades de crescimento e aprendizado. Lacan observa que “a resistência do educando muitas vezes reflete um conflito interno em resposta ao desejo do Outro, ou seja, do educador” (Lacan, 2008). Esse entendimento pode ajudar os professores a criar um ambiente educacional

que não só reconheça essas resistências, mas também as utilize como ponto de partida para o desenvolvimento intelectual dos educandos.

Pergunta 7: Como você entende necessário o docente entender um pouco mais sobre esses conceitos psicanalíticos? Se sim, por quê?

O docente número um respondeu que é importante entender o funcionamento psíquico do educando. O segundo respondeu que é importante entender a relação e a mente dos alunos, pois com este conhecimento, a tarefa de planejar fica mais eficaz. O terceiro disse que é interessante, desde que não acarrete mais trabalho ao docente. A compreensão dos conceitos psicanalíticos pode enriquecer a prática docente ao proporcionar uma visão mais profunda dos processos psíquicos dos alunos. Freud destacou que “a introspecção e a análise dos processos mentais são cruciais para qualquer profissional que lide com seres humanos” (Freud, 2010). Esse entendimento permite que os educadores identifiquem e respondam de maneira mais adequada às necessidades emocionais e intelectuais dos educandos, promovendo um ambiente de aprendizagem mais eficaz e acolhedor.

Além disso, Lacan argumenta que “o educador deve compreender a estrutura do desejo do aluno para orientar suas ações pedagógicas de maneira mais eficaz” (Lacan, 2008). Compreender a dinâmica do desejo e da resistência pode ajudar os professores a adaptar suas estratégias de ensino para melhor engajar os alunos, abordando suas preocupações e motivando-os a superar barreiras internas.

A integração desses conhecimentos na formação docente pode não apenas melhorar a eficácia do ensino, mas também contribuir para o desenvolvimento holístico dos alunos, ajudando-os a navegar por seus próprios conflitos e desejos de maneira mais consciente e produtiva. Freud observou que “o entendimento profundo dos processos mentais e emocionais é essencial para qualquer intervenção eficaz” (Freud, 2010).

Da mesma forma, Lacan ressaltou que “a educação deve levar em conta a subjetividade do aluno, reconhecendo e trabalhando com seus desejos e resistências” (Lacan, 2008).

Pergunta 8: Você percebe que tais problemas afetam também os professores? Como?

O professor número um disse que sim, tais problemas afetam o professor, pois onde há relações, ocorrem tais problemas. O segundo afirmou que sim, foi afetado devido a não compreender como os estudantes poderiam superar o desprazer, especialmente porque considera o conteúdo filosófico muito rico. O terceiro docente mencionou que sim, pois a

cobrança para que o professor tenha uma prática de excelência é estressante. Freud postula que “os mecanismos de defesa e os conflitos psíquicos são comuns a todos os seres humanos, incluindo os professores” (Freud, 2019). Assim, as demandas emocionais e psíquicas enfrentadas pelos professores no ambiente educacional são uma parte natural das interações humanas. Eles também devem lidar com suas próprias ansiedades, defesas e conflitos enquanto ajudam os educandos a navegar pelos deles.

Lacan acrescenta que “a transferência não é um fenômeno unilateral, e os educadores também estão envolvidos nela, intensificando seus próprios conflitos internos” (Lacan, 2008). Isso significa que os professores não apenas lidam com as projeções e expectativas dos educandos, mas também com suas próprias respostas emocionais a essas interações. Compreender essa dinâmica pode ajudar os educadores a gerir melhor suas próprias reações e a criar um ambiente de ensino mais equilibrado e eficaz.

A pressão para alcançar a excelência pode exacerbar esses conflitos, aumentando o estresse e a ansiedade dos professores. Freud observou que “a expectativa de perfeição pode gerar um estado constante de tensão e insatisfação, dificultando a capacidade do indivíduo de funcionar de maneira saudável” (Freud, 2019). Reconhecer e abordar esses desafios é crucial para a saúde mental dos educadores e para a criação de um ambiente de aprendizagem positivo.

Além disso, Freud destacou que “a necessidade de reconhecimento e aprovação pode muitas vezes aumentar a pressão interna, levando a um ciclo de estresse” (Freud, 2019). Esta observação sugere que os educadores devem estar cientes das suas próprias necessidades emocionais e buscar maneiras de equilibrar essas expectativas para manter um ambiente de ensino saudável.

Lacan enfatiza que “o reconhecimento das próprias limitações e a aceitação dos próprios conflitos são passos importantes para um desempenho mais autêntico e eficaz” (Lacan, 2008). Essa abordagem permite que os professores se conectem de maneira mais genuína com seus educandos, promovendo um ambiente de aprendizado onde ambos podem crescer e se desenvolver.

A integração dos conhecimentos psicanalíticos na formação contínua dos professores pode oferecer ferramentas valiosas para lidar com os desafios emocionais e psíquicos. Freud apontou que “a formação adequada pode ajudar os educadores a desenvolver resiliência emocional e a manejar melhor o estresse” (Freud, 2019). Lacan complementa essa visão, sugerindo que “a educação psicanalítica dos professores pode promover uma compreensão mais profunda das dinâmicas de sala de aula, melhorando a eficácia pedagógica” (Lacan, 2008).

Pergunta 9: Qual a relevância da psicanálise como suporte em sua prática docente?

O primeiro docente diz que é de suma importância, pois entende a psicanálise como um suporte. O segundo mencionou que nunca havia refletido sobre isso, mas com a experiência de ministrar aulas de filosofia, percebeu a importância e já estava buscando conhecer mais, ressaltando que a formação foi crucial. O terceiro achou importante para a compreensão, adequação e empatia. A psicanálise é vista como um suporte valioso para a prática docente, proporcionando insights sobre as dinâmicas inconscientes que influenciam o comportamento dos educandos. Freud argumenta que “a introspecção e a análise dos próprios processos mentais são essenciais para qualquer profissional que lide com seres humanos” (Freud, 2019). Esse entendimento pode capacitar os professores a reconhecer e lidar com as complexas interações emocionais que ocorrem no ambiente educacional, promovendo um ensino mais eficaz e empático.

Lacan reforça que “a educação deve considerar o sujeito do inconsciente, ajudando a mediar o desejo dos alunos” (Lacan, 2008). Ele sugere que os educadores precisam estar cientes das dinâmicas inconscientes que afetam tanto eles próprios quanto seus alunos, utilizando essa compreensão para facilitar o desenvolvimento pessoal e acadêmico dos estudantes. Compreender a estrutura do desejo é fundamental, pois, segundo Lacan, “o desejo do educador deve servir como ponto de referência para que o aluno possa descobrir e articular seu próprio desejo” (Lacan, 1998). Além disso, Lacan aponta que “a resistência do aluno muitas vezes reflete um conflito interno em resposta ao desejo do Outro, ou seja, do educador” (Lacan, 2008).

A integração da psicanálise na formação dos professores pode oferecer ferramentas práticas para entender e responder às necessidades emocionais e psicológicas dos alunos. Freud destacou que “a compreensão dos processos inconscientes é crucial para qualquer intervenção eficaz” (Freud, 2019). Lacan complementa essa visão ao afirmar que “a educação deve ser um processo de mediação do desejo, onde o educador ajuda o aluno a articular e compreender seus próprios desejos” (Lacan, 2008). Freud também observou que “a resistência e o desejo são centrais na dinâmica educacional, e a compreensão desses elementos pode transformar o processo de ensino-aprendizagem” (Freud, 1923).

Essa abordagem não só enriquece a prática pedagógica, mas também promove um ambiente de aprendizado onde os educandos se sentem compreendidos e apoiados em seu desenvolvimento integral. A psicanálise, assim, se torna um recurso essencial para a formação contínua dos educadores, oferecendo uma lente através da qual podem interpretar e responder às complexas dinâmicas da sala de aula. Freud ressaltou que “a transferência é um fenômeno

essencial na relação educador-educando, podendo ser um instrumento poderoso para facilitar o crescimento emocional e intelectual” (Freud, 2019).

Além disso, Lacan observa que “o reconhecimento das próprias limitações e a aceitação dos próprios conflitos são passos importantes para um desempenho mais autêntico e eficaz” (Lacan, 2008). Esse reconhecimento permite que os professores se conectem de maneira mais genuína com seus educandos, promovendo um ambiente de aprendizado onde ambos podem crescer e se desenvolver. Lacan também afirmou que “a autenticidade na relação educacional pode transformar o ambiente de aprendizado, tornando-o mais produtivo e satisfatório para todos os envolvidos” (Lacan, 1973).

Freud também enfatiza a importância de entender as defesas psíquicas dos alunos, como repressão e projeção, para criar estratégias pedagógicas eficazes. “Reconhecer e trabalhar com as defesas psíquicas dos alunos pode facilitar uma aprendizagem mais profunda e significativa” (Freud, 2019). Lacan complementa essa visão ao sugerir que “a análise dos mecanismos de defesa pode ajudar os educadores a adaptar suas abordagens de ensino para melhor atender às necessidades emocionais dos alunos” (Lacan, 2008).

Por fim, a psicanálise oferece uma perspectiva única sobre a importância do diálogo e da escuta ativa na educação. Freud destacou que “a escuta empática e a validação das experiências dos alunos são fundamentais para promover um ambiente de aprendizado seguro e acolhedor” (Freud, 2019). Lacan reforça que “a escuta analítica permite que os desejos e resistências dos alunos sejam revelados e trabalhados, facilitando um processo educacional mais completo e integrado (Lacan, 2008).

Pergunta 10: Como a filosofia lida com a questão da consciência, e qual a relevância de se trabalhar a questão do inconsciente no ensino de filosofia?

O primeiro docente disse que a filosofia oferece uma base sólida para o trabalho e gera motivação para a prática. O segundo afirmou que a reflexão filosófica é crucial, pois sempre buscou provocar esse tipo de pensamento nos alunos. O terceiro docente optou por não responder. A filosofia fornece uma base sólida para a reflexão sobre a consciência, mas a integração do inconsciente, como proposto pela psicanálise, pode aprofundar essa reflexão.

Freud argumenta que “muitos aspectos do comportamento humano são governados por processos inconscientes que, se trazidos à luz, podem enriquecer a vida consciente” (Freud, 2019). A compreensão desses processos pode oferecer uma perspectiva mais completa sobre a natureza humana e as motivações subjacentes às ações dos indivíduos. Ao revelar os desejos

ocultos e as resistências que moldam nosso comportamento, a psicanálise permite uma introspecção mais rica e detalhada, que pode complementar a análise filosófica tradicional.

Lacan enfatiza que “reconhecer a estrutura do inconsciente, que ele descreve como 'estruturado como uma linguagem', é fundamental para uma compreensão mais profunda e significativa da filosofia” (Lacan, 2008). Ao incorporar essa visão, a filosofia pode se tornar um campo mais dinâmico e inclusivo, capaz de dialogar com as complexidades da mente humana. Lacan também observa que “o inconsciente é o discurso do Outro, e é na interação com o Outro que as significações se constroem” (Lacan, 2008). Isso sugere que a filosofia, ao abordar a subjetividade humana, deve considerar não apenas a consciência racional, mas também os processos inconscientes que influenciam a formação do sujeito.

A integração do conhecimento psicanalítico na reflexão filosófica pode não apenas enriquecer a prática pedagógica, mas também oferecer aos alunos ferramentas para uma autoexploração mais profunda. Freud observou que “a exploração dos processos inconscientes pode levar a uma maior autoconsciência e autocompreensão, promovendo um desenvolvimento pessoal mais equilibrado” (Freud, 2019). Essa autoconsciência é crucial para o desenvolvimento de uma ética pessoal sólida e para a capacidade de enfrentar desafios existenciais de maneira mais equilibrada e refletida.

Lacan sugeriu que “a compreensão da linguagem do inconsciente pode revelar camadas ocultas de significado, proporcionando uma base mais rica para a reflexão filosófica” (Lacan, 2008). Ao estudar os sonhos, os atos falhos e outras manifestações do inconsciente, os educandos podem desenvolver uma compreensão mais profunda de si mesmos e dos outros, o que enriquece não apenas sua vida pessoal, mas também sua capacidade de análise crítica e filosófica.

Essa abordagem interdisciplinar pode transformar a maneira como a filosofia é ensinada e praticada, promovendo uma integração mais holística entre o consciente e o inconsciente, o racional e o emocional. A filosofia, quando enriquecida pela psicanálise, pode oferecer uma visão mais completa e profunda da experiência humana, capacitando os alunos a compreenderem melhor a si mesmos e o mundo ao seu redor. Freud afirmou que “a interseção entre filosofia e psicanálise pode abrir novas vias de compreensão e insight” (Freud, 2019). A capacidade de articular os desejos e conflitos internos à luz da teoria psicanalítica pode proporcionar aos educandos uma visão mais completa da condição humana.

Lacan complementa que “a filosofia deve incluir o estudo do inconsciente para capturar a totalidade da experiência humana” (Lacan, 2008). Ele propõe que a análise filosófica, ao dialogar com a psicanálise, pode abordar questões fundamentais sobre a identidade, o desejo e

a ética de uma maneira mais integrada e abrangente. A psicanálise não apenas aprofunda a compreensão dos textos filosóficos, mas também enriquece a prática filosófica ao introduzir uma dimensão de autoconhecimento e reflexão crítica sobre os processos internos.

Além disso, a psicanálise pode oferecer estratégias práticas para os educadores ao lidarem com as dinâmicas emocionais e psicológicas na sala de aula. Freud destacou que “a transferência é um fenômeno essencial na relação educador-educando, podendo ser um instrumento poderoso para facilitar o crescimento emocional e intelectual” (Freud, 2019). Entender a transferência e a contratransferência pode ajudar os professores a criar um ambiente de aprendizado mais positivo e produtivo, onde os alunos se sintam seguros para explorar e expressar seus pensamentos e sentimentos.

Por fim, a psicanálise oferece uma perspectiva única sobre a importância do diálogo e da escuta ativa na educação. Freud destacou que “a escuta empática e a validação das experiências dos alunos são fundamentais para promover um ambiente de aprendizado seguro e acolhedor” (Freud, 2019). Lacan reforça que “a escuta analítica permite que os desejos e resistências dos alunos sejam revelados e trabalhados, facilitando um processo educacional mais completo e integrado” (Lacan, 2008). Ao integrar essas práticas, os educadores podem desenvolver uma abordagem pedagógica mais sensível e eficaz, que leva em conta tanto os aspectos conscientes quanto inconscientes da experiência de aprendizagem.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta dissertação, exploramos a integração da psicanálise como ferramenta pedagógica no ensino de filosofia, destacando como os conceitos fundamentais de Freud podem enriquecer tanto a prática docente quanto a experiência de aprendizagem dos educandos. Com base nas reflexões e análises apresentadas, algumas considerações finais podem ser feitas para ampliar e aprimorar a compreensão do tema.

A aplicação da psicanálise no campo educacional, especialmente no ensino de filosofia, revela-se uma abordagem inovadora e potencialmente transformadora. A psicanálise oferece uma compreensão profunda dos processos inconscientes que influenciam o comportamento e o desenvolvimento humano, permitindo que os docentes desenvolvam uma sensibilidade maior para as necessidades emocionais e psicológicas dos educandos. Ao incorporar conceitos como o inconsciente, o desejo e o sujeito, os docentes podem promover um ambiente de aprendizagem mais empático e inclusivo.

É importante ressaltar que o docente não precisa ser um psicanalista para praticar tais conceitos. O essencial é apropriar-se de um saber potente, como é a psicanálise, e integrá-lo de maneira consciente e reflexiva em suas práticas pedagógicas. Essa abordagem não visa sobrecarregar o docente, mas sim muni-lo com ferramentas que potencializam o ensino de filosofia, formando um educando crítico e rico em subjetividade, capaz de enfrentar com mais assertividade as questões complexas da existência. A psicanálise, portanto, se apresenta como uma aliada do docente de filosofia, oferecendo suporte teórico e prático que enriquece a prática pedagógica sem aumentar a carga de trabalho.

A formação dos docentes deve incluir uma abordagem interdisciplinar que valorize as dimensões emocionais e psicológicas da aprendizagem. A integração da psicanálise no currículo de formação docente pode fornecer aos educadores ferramentas teóricas e práticas para lidar com os desafios emocionais e comportamentais que surgem no ambiente escolar. Esse autoconhecimento é crucial para que os docentes possam criar vínculos mais sólidos e significativos com seus educandos, baseados na compreensão mútua e no respeito.

Para que a psicanálise seja efetivamente integrada ao ensino de filosofia, é necessário desenvolver estratégias pedagógicas práticas que possam ser aplicadas em sala de aula. Isso inclui a criação de espaços seguros e acolhedores onde os educandos se sintam à vontade para compartilhar suas experiências e perspectivas. Os docentes podem utilizar técnicas de escuta ativa e feedback construtivo para fomentar um ambiente colaborativo e de respeito mútuo. A análise de textos filosóficos pode ser enriquecida com a exploração de temas psicanalíticos,

incentivando os educandos a refletirem sobre suas próprias vidas e emoções. Além disso, a implementação de atividades que promovam a autoexpressão, como debates e exercícios de escrita reflexiva, pode ajudar os educandos a explorar e compreender seus próprios processos inconscientes.

A abordagem psicanalítica no ensino de filosofia não apenas promove o desenvolvimento cognitivo dos educandos, mas também contribui para seu desenvolvimento emocional e social. Ao compreender e lidar com os aspectos inconscientes de suas personalidades, os educandos podem desenvolver uma maior autoconsciência e empatia. Isso não só melhora a dinâmica em sala de aula, mas também prepara os educandos para se tornarem indivíduos mais completos e conscientes de suas próprias potencialidades e limitações. Essa preparação é fundamental para que os educandos possam enfrentar os desafios da vida com resiliência e autoconfiança, tornando-se cidadãos mais críticos e engajados.

Freud, muitas vezes considerado apenas um psicanalista, também deve ser reconhecido como um filósofo de grande influência e relevância. Suas teorias sobre o inconsciente, o desejo e os mecanismos de defesa enriqueceram o campo da filosofia ao oferecer novas formas de entender a mente e a condição humana. Freud não é um estranho na filosofia; ele é um pensador cujas ideias continuam a moldar e desafiar as concepções filosóficas tradicionais, integrando-se profundamente nos debates sobre a natureza do ser humano, a ética e a epistemologia.

A integração de Freud na filosofia não apenas aprofunda a compreensão dos textos filosóficos, mas também oferece novas perspectivas para a análise crítica e a reflexão ética. A sua abordagem permite que os educandos desenvolvam uma visão mais holística e integrada do ser humano, considerando tanto os aspectos racionais quanto os irracionais da experiência humana. Isso é crucial para uma prática pedagógica que busca formar indivíduos completos, capazes de compreender e articular suas próprias emoções e desejos de maneira consciente e responsável.

Apesar das vantagens, a integração da psicanálise na educação enfrenta desafios significativos. A formação adequada dos docentes é essencial para garantir que os conceitos psicanalíticos sejam aplicados de maneira correta e ética. Além disso, é necessário um esforço contínuo para adaptar as teorias psicanalíticas ao contexto educativo, evitando interpretações simplistas ou reducionistas. A colaboração entre especialistas em psicanálise e educação pode ser uma solução viável para superar esses desafios, promovendo um diálogo interdisciplinar que enriqueça ambas as áreas.

A psicanálise, quando aplicada ao ensino de filosofia, oferece uma rica fonte de insights e métodos que podem transformar a prática pedagógica. Esta dissertação propõe que a

psicanálise pode enriquecer a formação docente, promover um ambiente de aprendizagem mais empático e inclusivo, e contribuir para o desenvolvimento integral dos educandos. No entanto, é crucial continuar a explorar e refinar essas abordagens, garantindo que sejam implementadas de maneira ética e eficaz. A interseção entre psicanálise e educação abre um campo vasto e promissor para futuras pesquisas e práticas pedagógicas inovadoras, contribuindo para uma educação mais holística e humanizadora.

A integração da psicanálise no ensino de filosofia não se limita a uma simples adição de conceitos teóricos, mas representa uma transformação profunda na forma como entendemos e praticamos a educação. Através da psicanálise, podemos promover uma educação que valorize não apenas o desenvolvimento intelectual, mas também o crescimento emocional e social dos educandos. Esse enfoque integral é essencial para formar indivíduos completos, capazes de refletir criticamente sobre si mesmos e sobre o mundo ao seu redor. Assim, a psicanálise não apenas enriquece o ensino de filosofia, mas também contribui para a construção de uma sociedade mais justa e empática, onde o conhecimento e a compreensão mútua são valorizados e cultivados.

Em última análise, a interseção entre a psicanálise e a filosofia oferece uma abordagem educacional que transcende a mera transmissão de conhecimento. Ela propõe uma educação que valorize a totalidade do ser humano, integrando razão e emoção, consciência e inconsciente. Esta visão holística não apenas transforma a prática docente, mas também capacita os educandos a se tornarem agentes de mudança em suas próprias vidas e nas comunidades em que vivem. Ao valorizar o desenvolvimento integral dos indivíduos, promovemos uma educação que prepara os educandos para enfrentar os desafios complexos do mundo contemporâneo com empatia, autoconhecimento e responsabilidade ética.

REFERÊNCIAS

- Azambuja, Deodato Curvo de. O lugar do inconsciente ou sobre o inconsciente como lugar. **Psicologia USP**, v. 10, n. 1, p. 11–24, 1999. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-65641999000100002>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/6DjgStpVSF6pxsYvq3ZdXrS/#>. Acesso em: 29 nov. 2023.
- Bakhtin, M. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- Baratto, Geselda. A descoberta do inconsciente e o percurso histórico de sua elaboração. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 29, n. 1, p. 74-87, mar. 2009. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932009000100007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 29 nov. 2023.
- Bardin, L. (2011). **Análise de Conteúdo**. Edições 70.
- Barros, José Fernando de Santana. A interpretação psicanalítica e a Teoria dos Campos. **J. psicanal.**, São Paulo, v. 40, n. 73, p. 91-98, dez. 2007. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352007000200007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 27 out. 2023.
- Benveniste, É. **Problemas de Linguística Geral**. Campinas: Pontes, 2005.
- Berbel, Neusi Aparecida Nava; Gamboa, Sílvio Ancízar Sánchez. **A metodologia da problematização com o Arco de Maguerez**: uma perspectiva teórica e epistemológica. 2011.
- Bocchi, Josiane Cristina. **A psicanálise freudiana e o atual contexto científico da biologia da mente**: uma discussão a partir das concepções sobre o ego. 2010. 255f. Tese - Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Filosofia. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/4783/3363.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 27 out. 2023.
- Brito, C. **Ética e Psicanálise**: Reflexões Contemporâneas. Lisboa: Presença, 2022.
- Brito, Jorge Dellane da Silva. **A psicanálise e o poder de sua representação : uma psicossociologia crítica do conhecimento psicanalítico**. 2022. 299 f. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Recife, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/49386/1/TESE%20Jorge%20Dellane%20da%20Silva%20Brito.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2023.
- Bryman, A. **Sociologia da Pesquisa Social**. Porto Alegre: Penso, 2012.
- Canavez, Fernanda. Entre Freud e Foucault: a resistência como afirmação de si. **Psicol. clin.**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 225-244, 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652015000100013&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 29 nov. 2023.
- Caropreso, Fátima; Aguiar, Marina Bilig de. O conceito de angústia na teoria freudiana inicial. **Nat. hum.**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 1-14, 2015. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302015000100001&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 27 out. 2023.

Cechinel, M. A., Freitas, L. H., & Figueiredo, V. L. **Ao integrar essas disciplinas de forma criativa e reflexiva.** Em Título do Livro (p. 112). Editora, 2018.

Cechinel, M. A., Freitas, L. H., & Figueiredo, V. L. **O inconsciente é o reino do desejo.** Em Título do Livro (p. 45). Editora, 2018.

Charrou, Ghyslain. Os discursos de / sobre o inconsciente: Psicanálise e Filosofia. **Análise Psicológica**, v. 4, n. 3, p. 543-554, 1983. Disponível em: https://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/2115/1/1983_4_543.pdf. Acesso em: 29 nov. 2023.

Coelho Junior, Nelson Ernesto. Inconsciente e percepção na psicanálise freudiana. **Psicologia USP**, v. 10, n. 1, p. 25-54, 1999. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-65641999000100003>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/yS8v9kHC8f74VWff7gpQJYC/#>. Acesso em: 27 out. 2023.

Coelho, Bruna Martins. Deleuze, Bergson e o inconsciente. **Discurso**, [S. l.], v. 46, n. 2, p. 161-200, 2016. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2318-8863.discurso.2016.123675>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/discurso/article/view/123675>. Acesso em: 29 nov. 2023.

Cornford, Francis M.; Pimenta, Pedro Paulo. O elemento inconsciente na literatura e na filosofia (1921): tradução de Pedro Paulo Pimenta. **Discurso**, [S. l.], v. 49, n. 1, p. 205-216, 2019. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2318-8863.discurso.2019.159312>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/discurso/article/view/159312>. Acesso em: 29 nov. 2023.

Creswell, J. W. Projeto de Pesquisa: **Métodos Qualitativo, Quantitativo e Misto.** Porto Alegre: Artmed, 2014.

Drehmer, Luciana BalestrinRedivo; Falcão, Carolina Neumann de Barros. Para Além da Conceção Binária Cis-heteronormativa: a Psicanálise Interrogada pelas Diversidades Sexuais e de Gênero. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 39, n. spe3, p. e228536, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003228536>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/bYwgbGcjjntxrxmGS365YYy/#>. Acesso em: 29 nov. 2023.

Eisenhardt, K. M. Building theories from case study research. **Academy of Management Review**, 14(4), 532-550, 1989.

Esposito, Silvia Leonor Alonso. Desejo e recalque. In: Alonso, Silvia et al. (Orgs.). **O desejo na psicanálise.** Campinas: Papirus, 1985.

Fernandes, Sergio Augusto Franco. A psicanálise, a filosofia e a universidade. **Trivium**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 39-45, jun. 2013. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-48912013000100006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 29 nov. 2023.

Flick, U. **Introdução à Pesquisa Qualitativa.** Porto Alegre: Artmed, 2009.

Fontes, Flávio Fernandes. O conflito psíquico na teoria de Freud. **Psyche (Sao Paulo)**, São Paulo, v. 12, n. 23, dez. 2008. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382008000200011&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 29 nov. 2023.

Freud, S. **A dinâmica da transferência.** Tradução de Paulo César de Souza. Companhia das Letras, 1912.

- Freud, S. **Sobre a Iniciação da Terapia**. Tradução de Paulo César de Souza. Companhia das Letras, 1913.
- Freud, S. **Além do Princípio do Prazer**. Tradução de Paulo César de Souza. Companhia das Letras, 1920.
- Freud, S. **O Ego e o Id**. Tradução de Paulo César de Souza. Companhia das Letras, 1923.
- Freud, S. **O ego não é mestre em sua própria casa**. Em Obras Completas de Sigmund Freud (Vol. 10, pp. 113). Imago Editora, 2001.
- Freud, S. **O trabalho de educar é lento e árduo, e as crianças infelizmente crescem para se tornarem iguais aos seus pais**. Em Obras Completas de Sigmund Freud (Vol. 17, pp. 78). Imago Editora, 2010.
- Freud, S. **Quando a inspiração não vem de nós mesmos, é um sinal de que não há esperança**. Em Título do Livro (p. 92). Editora, 2010.
- Freud, S. Nenhum de nós pode se queixar da falta de um exemplo adequado, nunca. De fato, não há outro modelo. Em Título do Livro (p. 17). Editora, 2015.
- Freud, S. **A Interpretação dos Sonhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Freud, S. **A Interpretação dos Sonhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- Freud, S. **Além do Princípio do Prazer**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- Freud, S. **Além do Princípio do Prazer**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- Freud, S. **Inibições, Sintomas e Ansiedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- Freud, S. **Introdução ao Narcisismo**. São Paulo: Imago, 1917.
- Freud, S. **Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 1933.
- Freud, S. **O Ego e o Id**. São Paulo: Companhia das Letras, 1923.
- Freud, S. **O Ego e o Id**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- Freud, S. **O Inconsciente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- Freud, S. **O Inconsciente**. São Paulo: Imago, 1915.
- Freud, S. **O Mal-Estar na Civilização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1930.
- Freud, S. **O Mal-Estar na Civilização**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- Freud, S. **Psicopatologia da Vida Cotidiana**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- Freud, S. **Totem e Tabu**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- Freud, S. **Totem e Tabu**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- Freud, Sigmund 1856-1939. Obras completas, volume 6 : três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos (1901-1905) I Sigmund Freud; tradução Paulo César de Souza. -11 ed.-São Paulo: **Companhia das Letras**, 2016.
- Freud, Sigmund. **Freud-As pulsões e seus destinos—Edição bilíngue**. BOD GmbH DE, 2013.

- Garcia-Roza, Luiz Alfredo. **Freud e o inconsciente**. 24 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- Gerbase, Jairo. Apresentação. In: Magalhães, Sonia Campos. (Org.). **O sujeito da psicanálise: topologia do sujeito, sujeito e discurso, clínica do sujeito, sujeito e gozo**. Salvador : Associação Científica Campo Psicanalítico, 2004.
- Gil, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social** (6ª ed.). Atlas, 2008.
- Gomes, Gilberto. A teoria freudiana da consciência. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 19, n. 2, p. 117–125, maio. 2003. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722003000200003>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/jdXnRPyk9NFzfRSf9fHtQYS/#>. Acesso em: 27 out. 2023.
- Hall, Calvin S.; Lindzey, Gardner; Campbell, John B. **Teorias da personalidade**. ArtmedEditora, 2000.
- Hardy, M.; Bryman, A. **The handbook of Data Analysis**. Sage Publications, 2009.
- Jakobson, R. **Linguística e Comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1975.
- Lacan, J. **O sujeito é constituído pela linguagem**. Em Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (pp. 29). Jorge Zahar Editor, 1981.
- Lacan, J. **O inconsciente é estruturado como uma linguagem**. Em Escritos (pp. 56). Jorge Zahar Editor, 1998.
- Lacan, J. **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Zahar, 1998.
- Lacan, J. **Escritos**. Zahar, 2008.
- Lacan, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.
- Lacan, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- Lacan, J. **O Seminário, Livro 1: Os Escritos Técnicos de Freud**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
- Lacan, J. **O Seminário, Livro 1: Os Escritos Técnicos de Freud**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- Lacan, J. **O Seminário, Livro 11: Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.
- Lacan, J. **O Seminário, Livro 11: Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.
- Lacan, J. **Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1964.
- Lacan, J. **Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- Lakatos, E. M., Marconi, M. A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. ed. Atlas, 2003.
- Laplanche, Jean; Pontalis, Jean-Bertrand. **Vocabulário da psicanálise** (P. Tamen, trad.). São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- Lima, Andréa Pereira de. O modelo estrutural de Freud e o cérebro: uma proposta de integração entre a psicanálise e a neurofisiologia. **Archives of Clinical Psychiatry** (São Paulo), v. 37, n. 6, p. 280–287, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-60832010000600005>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rpc/a/gCtpKfnMrZQLCFqxZwDRS3G#>. Acesso em: 27. out. 2023.

- Machado, Letícia Vier; Aguiar, Fernando. Eficácia e efeitos terapêuticos em psicanálise: uma leitura a partir do caso francês. **Cadernos de Psicanálise**, Rio de Janeiro, v. 38, n. 34, p. 207-229, jun. 2016. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952016000100011&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 29 nov. 2023.
- Martins, Julia Santos et al. Empatia e relação terapêutica na psicoterapia cognitiva: uma revisão sistemática. **Rev. bras. ter. cogn.**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 50-56, jun. 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872018000100007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 29 nov. 2023. <http://dx.doi.org/10.5935/1808-5687.20180007>.
- Mezan, R. Freud: A Teoria do Inconsciente. São Paulo: Editora 34, 2007.
- Mezan, Renato. Que tipo de ciência é, afinal, a Psicanálise?. **Natureza humana**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 319-359, dez. 2007. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302007000200005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 29 nov. 2023.
- Miles, M. B., Huberman, A. M., & Saldana, J. **Análise de Dados Qualitativos: Um Livro Fonte de Métodos**. Porto Alegre: Penso, 2014.
- Miller, J. A. A Obra Clara de Jacques Lacan. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- Monzani, Luiz Roberto. “Discurso filosófico e discurso psicanalítico: balanços e perspectivas”. In: PRADO Jr., Bento. (org.). **Filosofia da Psicanálise**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- Muniz, Camilla. **A liberdade nas obras de Sartre e Camus**. In: Conexão UFRJ. Recurso Digital, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <https://conexao.ufrj.br/2008/11/a-liberdade-nas-obras-de-sartre-e-camus/>. Acesso em: 29 nov. 2023.
- Namba, Janaina. O discurso psicanalítico e a filosofia. **J. psicanal.**, São Paulo, v. 49, n. 91, p. 169-178, dez. 2016. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352016000200015&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 29 nov. 2023.
- Papalia, Diane E.; Olds, Sally Wendkos; Feldman, Ruth Duskin. **Desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- Pasquarelli, Maria Luiza Rigo. Normas para a apresentação de trabalhos acadêmicos (ABNT/NBR-14724, AGOSTO 2002). **Edifício. 2ª edição. São Paulo: Osasco**, 2004.
- Patton, M. Q. (2002). *Qualitative Research & Evaluation Methods*. Thousand Oaks: Sage
- Pedro, Ana Paula. Ética, moral, axiologia e valores: confusões e ambiguidades em torno de um conceito comum. **Kriterion: Revista de Filosofia**, v. 55, n. 130, p. 483–498, dez. 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0100-512X2014000200002>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/kr/a/zMJGSvfJCfxBQwQRCyHnjgt/?lang=pt>. Acesso em: 29 nov. 2023.
- Pedroza, Regina Lucia Sucupira. Psicanálise e Educação: análise das práticas pedagógicas e formação do professor. **Psicologia da Educação**, n. 30, 2010.
- Pereira, M. **Psicanálise e Filosofia: Diálogos Possíveis**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

Pereira, Ondina Pena. Psicanálise e filosofia: uma relação entre experiência psicanalítica e atividade filosófica. **Psyche (São Paulo)**, São Paulo, v. 8, n. 14, p. 109-122, dez. 2004. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382004000200007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 29 nov. 2023.

Reis, Alice Casanova dos. Arteterapia: a arte como instrumento no trabalho do Psicólogo. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 34, n. 1, p. 142-157, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932014000100011>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/5vdgTHLvfkzynKFHnR84jqP/#>. Acesso em: 29 nov. 2023.

Rizzatti, Ivanise Maria et al. Os produtos e processos educacionais dos programas de pós-graduação profissionais: proposições de um grupo de colaboradores. **Actio: Docência em Ciências**, v. 5, n. 2, p. 1-17, 2020.

Rubin, H. J., & Rubin, I. S. *Qualitative Interviewing: The Art of Hearing Data*. Sage Publications, 2005.

Santos, JanaíneKronbauer dos. **A socialização de conhecimentos pelo jornalismo: afinidades e diferenças com as práticas pedagógicas do ensino formal**. 2021. 285f. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Florianópolis, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/231043/PJOR0169-T.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 29 nov. 2023.

Santos, Tania Coelho dos. A psicanálise é uma ciência e o discurso analítico é uma práxis?. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 16, n. 2, p. 299-312, jul. 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1516-14982013000200008>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/agora/a/WF7HVMVZxywJRgwtjDQFGwx/#>. Acesso em: 27 out. 2023.

Seidman, I. **Interviewing as Qualitative Research: A Guide for Researchers in Education and the Social Sciences**. TeachersCollegePress, 2013.

Silva, Carmem Luci da Costa. **A instauração da criança na linguagem: princípios para uma teoria enunciativa em aquisição da linguagem**. 2007. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2007. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/10407/000598208.pdf?sequence=1&origin=publication_detail. Acesso em: 29 nov. 2023.

Silva, P. **Teoria da Enunciação e Psicanálise**. São Paulo: Cortez Editora, 2015.

Silva, Reginaldo Oliveira. O inconsciente e a atualidade da filosofia em Sigmund Freud e Theodor Adorno. **Kalagatos: Revista de Filosofia**, v. 19, n. 1, p. 1-19. DOI: <https://doi.org/10.23845/>. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/kalagatos/article/view/7794>. Acesso em: 29 nov. 2023.

Soria, Ana Carolina Soliva. Sobre a cientificidade do discurso psicanalítico: uma análise introdutória. **Sofia**, Espírito Santo, Brasil, v. 5, n. 1, 2016. DOI: <https://doi.org/10.47456/sofia.v5i1.13960>. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/sofia/article/view/13960>. Acesso em: 29 nov. 2023.

Sousa, L. **Psicanálise e Filosofia: Encontros e Desencontros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

Sousa, Thiago Luiz de. O que é hermenêutica para Paul Ricoeur?. **Griot: Revista de Filosofia**, [S. l.], v. 20, n. 2, p. 17-29, 2020. DOI: <https://doi.org/10.31977/grirfi.v20i2.1526>. Disponível

em: <https://www3.ufrb.edu.br/seer/index.php/griot/article/view/1526>. Acesso em: 29 nov. 2023.

SOUZA, Mauricio Rodrigues de. A psicanálise e o complexo de Édipo: (novas) observações a partir de Hamlet. **Psicologia USP**, v. 17, n. 2, p. 135–155, jun. 2006. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-65642006000200007>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/4dLx5XrQMGBbym364byQs8j/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 27 out. 2023.

Stake, R. E. **Pesquisa Qualitativa: Estudando Como as Coisas Funcionam**. Porto Alegre: Penso, 2010.

Torezan, Zeila C. Facci; Aguiar, Fernando. O sujeito da psicanálise: particularidades na contemporaneidade. **Rev. Mal-Estar Subj.**, Fortaleza, v. 11, n. 2, p. 525-554, 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482011000200004&lng=pt&nrm=iso. acessos em 27 out. 2023.

Vasconcelos, Vitor. Merleau-Ponty e a aceitação da hipótese do inconsciente enquanto temporalidade. **Natureza humana**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 01-28, 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302015000200001&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 29 nov. 2023.

Winnicott, D. W. **O Brincar e a Realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1960.

Winnicott, D. W. **O Brincar e a Realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

Yin, R. K. (2018). **Estudo de Caso: Planejamento e Métodos**. Porto Alegre: Bookman.

Zavaroni, Dione de Medeiros Lula; VIANA, Terezinha Camargo. Trauma e Infância : Considerações sobre a Vivência de Situações Potencialmente Traumáticas. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 31, n. 3, p. 331–338, jul. 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-37722015032273331338>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/ZSxxb85nzh4spnyZbQsGY7D/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 29 nov. 2023.

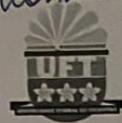
Ziles, Urbano. Fenomenologia e teoria do conhecimento em Husserl. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 13, n. 2, p. 216-221, dez. 2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672007000200005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 29 nov. 2023.

Zimmerman, David E. **Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica, clínica—uma abordagem didática: teoria, técnica, clínica—uma abordagem didática**. Artmed Editora, 2009.

Zimmerman, David E. **Vocabulário contemporâneo de psicanálise**. Artmed Editora, 2013.

ANEXOS

Telefone p/contato



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA
PROF-FILO

FORMAÇÃO:

CONTRIBUIÇÕES DA PSICANÁLISE NA FORMAÇÃO DOCENTE PARA O ENSINO DE FILOSOFIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA.

1. Duane R. Vianna
2. Edrylle Paulygo Rocha
3. Junilda Alves Lima
4. Renata P. de Sousa Rocha
5. Labis Ferreira de Oliveira
6. Leon Augusto
7. Acácio Fernando Sousa
8. Duilton Walter Monteiro
9. _____
10. _____
11. _____
12. _____
13. _____
14. _____
15. _____
16. _____



PROF-FILO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA
PROF-FILO

FORMAÇÃO: Me - Filosofia

CONTRIBUIÇÕES DA PSICANÁLISE NA FORMAÇÃO DOCENTE PARA O ENSINO DE FILOSOFIA
NA EDUCAÇÃO BÁSICA.

NOME: Diógenes Ribeiro Vieira

DISCIPLINA: Sociologia / Filosofia

INSTITUIÇÃO: CMT0

AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA

Responda de acordo com seus conhecimentos as questões abaixo:

1. Como você percebe o desejo dos educandos em relação ao ensino de filosofia?

De forma geral é boa,
porém, alguns têm resistência.
Percebo um certo medo de
romper com alguns padrões,
o professor precisa ter cautela.

2. Você sente necessidade de capacitação para lidar com educandos/as que
apresentam as demandas referentes a desejo e resistências ao ensino?

Certamente, é importante
entender o que se passa no
âmbito comportamental.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA
PROF-FILO

3. Como você percebe a relação dos educandos com a resistência ao ensino de filosofia?

Relação de fuga, medo de se enfrentar.

5. De que forma você acha que poderia ajudar os educandos/as?

Eu tento trabalhar os afetos, tento ir no imaginário.

6. Como você exercita a escuta em relação as demandas dos educandos/as em relação ao ensino de filosofia?

Eu chamo em particular, sem que os outros percebam e tento criar ambiente seguro

7. Como você entende necessário o docente entender um pouco mais sobre esses conceitos psicanalíticos? Se sim, por quê?



PROF-FILO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA
PROF-FILO

É importante para entender
o funcionamento psíquico do
estudante.

8. Você percebe que tais problemas afetam também os professores? Como?

Sim, onde existe relações
háverá este tipo de problema.

9. Qual a relevância da psicanálise como suporte em sua prática docente?

Sua importância, para
dar suporte.

10. Como a filosofia lida com a questão da consciência, qual a relevância que você vê de se trabalhar a questão do inconsciente do educando no ensino de filosofia?

É a base sólida para
este trabalho, em procura
ensinar e mostrar na prática



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA
PROF-FILO

atrasés dos conceitos filosóficos.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA
PROF-FILO

FORMAÇÃO: *História*

CONTRIBUIÇÕES DA PSICANÁLISE NA FORMAÇÃO DOCENTE PARA O ENSINO DE FILOSOFIA
NA EDUCAÇÃO BÁSICA.

NOME: *Acácio Fernandes Sousa*

DISCIPLINA: *2023 -> Filosofia - Sociologia - Geografia*

INSTITUIÇÃO: *CMTO - UNIDADE II*

AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA

Responda de acordo com seus conhecimentos as questões abaixo:

1. Como você percebe o desejo dos educandos em relação ao ensino de filosofia?

Percebo um distanciamento enorme do interesse os estudantes em relação a compreensão da filosofia, percebi uma mentalidade imediata, que logo os distanciam do conhecimento teórico

2. Você sente necessidade de capacitação para lidar com educandos/as que apresentam as demandas referentes a desejo e resistências ao ensino?

Sim, é de extrema importância esses momentos de transferência de informações.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA
PROF-FILO

3. Como você percebe a relação dos educandos com a resistência ao ensino de filosofia?

Os estudantes tem uma visão prática do ensino, buscam aprender aquilo que na visão deles vai ser ~~isto~~ útil para suas futuras profissões, o desafio está justamente em conectar a filosofia como algo útil para vida deles em sociedade.

5. De que forma você acha que poderia ajudar os educandos/as?

Estou fazendo formação, pós, e busco sempre estar lendo, mas sinto que preciso de conversas com profissionais.

6. Como você exercita a escuta em relação as demandas dos educandos/as em relação ao ensino de filosofia?

Inicialmente fui rebelde, e foi frustrante perceber que os mesmos não tinham a paixão pelo conhecimento, hoje percebo que também fui responsável por esse desinteresse dos estudantes.

7. Como você entende necessário o docente entender um pouco mais sobre esses conceitos psicanalíticos? Se sim, por quê?

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA
PROF-FILO

É importante entender as relações e a mente humana, com esse conhecimento a tarefa de planejar tem maior eficácia.

8. Você percebe que tais problemas afetam também os professores? Como?

Sim, me afeteu devido a não compreender como os estudantes podem desprezar um conteúdo que para mim é tão interessante.

9. Qual a relevância da psicanálise como suporte em sua prática docente?

Nunca tinha refletido sobre, mas com a experiência em dar aulas de filosofia, percebi a importância, e já estava buscando conhecer, por isso a palestra de hoje foi muito importante.

10. Como a filosofia lida com a questão da consciência, qual a relevância que você vê de se trabalhar a questão do inconsciente do educando no ensino de filosofia?

Muito importante, sempre busquei provocar esse tipo de reflexão.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA
PROF-FILO

FORMAÇÃO:

CONTRIBUIÇÕES DA PSICANÁLISE NA FORMAÇÃO DOCENTE PARA O ENSINO DE FILOSOFIA
NA EDUCAÇÃO BÁSICA.

NOME: *Ederval E. Rocha*

DISCIPLINA: *HISTÓRIA*

INSTITUIÇÃO: *C.M.T.O - Sen. Antônio Luiz y Maie*

AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA

Responda de acordo com seus conhecimentos as questões abaixo:

1. Como você percebe o desejo dos educandos em relação ao ensino de filosofia?

*Falta de interesse relacionado
ao descomprometimento e também
é triste que de aulas.*

2. Você sente necessidade de capacitação para lidar com educandos/as que
apresentam as demandas referentes a desejo e resistências ao ensino?

É muito e sempre necessária.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA
PROF-FILO

3. Como você percebe a relação dos educandos com a resistência ao ensino de filosofia?

Não vejo resistência. Percebo que
veem menos e mais tempo para a
filosofia em sala de aula

5. De que forma você acha que poderia ajudar os educandos/as?

Estimulando a prática escrita
e consistente.

6. Como você exercita a escuta em relação as demandas dos educandos/as em relação ao ensino de filosofia?

Ativamente no ensino esta
disciplina

7. Como você entende necessário o docente entender um pouco mais sobre esses conceitos psicanalíticos? Se sim, por quê?

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA
PROF-FILO

É interessante como frequentemente
sempre se diz que eu
sou muito mais trabalhoso

8. Você percebe que tais problemas afetam também os professores? Como?

Sim. A cobrança para que
tenhamos uma prática docente
constante é estressante.

9. Qual a relevância da psicanálise como suporte em sua prática docente?

- Compreensão
- Adequação
- Empatia

10. Como a filosofia lida com a questão da consciência, qual a relevância que você
vê de se trabalhar a questão do inconsciente do educando no ensino de filosofia?

—



PROF-FILO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA
PROF-FILO

FORMAÇÃO: *Geografia e Matemática*

CONTRIBUIÇÕES DA PSICANÁLISE NA FORMAÇÃO DOCENTE PARA O ENSINO DE FILOSOFIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA.

NOME: *Fátima Lemeira de Oliveira*

DISCIPLINA: *2023 - Geografia*

INSTITUIÇÃO: *UFTO - Unidade II*

AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA

Responda de acordo com seus conhecimentos as questões abaixo:

1. Como você percebe o desejo dos educandos em relação ao ensino de filosofia? *Geograf*

Na aula de Geografia não bem participativa, o ensino da Geografia possibilita aos educandos a compreensão de sua posição nas relações da sociedade com a natureza.

2. Você sente necessidade de capacitação para lidar com educandos/as que apresentam as demandas referentes a desejo e resistências ao ensino?

sim, através de capacitações podemos alcançar mais conhecimentos dentro da prática pedagógica.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA
PROF-FILO

3. Como você percebe a relação dos educandos com a resistência ao ensino de filosofia? *geografia*

A resistência é muito pouca

5. De que forma você acha que poderia ajudar os educandos/as?

Formação pedagógica

6. Como você exercita a escuta em relação as demandas dos educandos/as em relação ao ensino de filosofia? *geografia*

No caso da geografia alguns estudantes são por falta de interesse

7. Como você entende necessário o docente entender um pouco mais sobre esses conceitos psicanalíticos? Se sim, por quê?

sim! Porque desenvolverá mais dentro da sua prática pedagógica.



PROF-FILO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA
PROF-FILO

8. Você percebe que tais problemas afetam também os professores? Como?

*sim! Um conteúdo de boa compreensão
e sem os resultados negativos.*

9. Qual a relevância da psicanálise como suporte em sua prática docente?

Um auto conhecimento

10. Como a ^{geografia} filosofia lida com a questão da consciência, qual a relevância que você vê de se trabalhar a questão do inconsciente do educando no ensino de ~~filosofia~~ ^{geog} filosofia?

Fazendo uma reflexão





